

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

**ZUBEIDE PEIXOTO VASCONCELOS**

**A FAMÍLIA COMO NÚCLEO ESTRUTURANTE NA OBRA *DOIS IRMÃOS* DE  
MILTON HATOUM**

**Tangará da Serra  
2023**

**ZUBEIDE PEIXOTO VASCONCELOS**

**A FAMÍLIA COMO NÚCLEO ESTRUTURANTE NA OBRA *DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários – nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Madalena Aparecida Machado

**Tangará da Serra  
2023**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

© by Zubeide Peixoto Vasconcelos, 2023.

### CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Vasconcelos, Zubeide Peixoto.

A FAMÍLIA COMO NÚCLEO ESTRUTURANTE NA OBRA DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM / Zubeide Peixoto Vasconcelos. - Cáceres, 2023. f104.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários, Tangará da Serra-MT.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dra. Madalena Aparecida Machado.

1. Ódio fraterno; família. 2. conflitos; desagregação. 3. literatura. I. Machado, Prof<sup>a</sup>. Dra. Madalena Aparecida. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 821(81).09

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Walter Clayton de Oliveira- crb1/2049.

**ZUBEIDE PEIXOTO VASCONCELOS**

**A FAMÍLIA COMO UM NÚCLEO ESTRUTURANTE NA OBRA *DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Drª Madalena Aparecida Machado  
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Orientadora

---

Profª Drª Vera Lúcia da Rocha Maquêa  
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso  
(Membro interna)

---

Profª Drª Lilian Reichert Coelho  
UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia  
(Membro externa)

**Tangará da Serra**

2023

À minha lady mother Laura, minha base,  
meu tudinho (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Em minha trajetória de vida, tenho muitas coisas a agradecer, principalmente a meu Deus, que nunca me desampara. Quando coloco meus joelhos no chão, Ele sempre vem ao meu socorro, abrindo portas e colocando pessoas maravilhosas em meu caminho.

Nessa caminhada, o desejo de continuar estudando, uma vez que já havia me formado há alguns anos, era um sonho a ser conquistado. E as portas se abriram para a realização quando conheci minha maior mentora, que me incentivou quando já havia perdido as esperanças e disse para não desistir. Obrigado, minha eterna professora doutora Vera Lucia da Rocha Maquêa, para você, toda a minha admiração e gratidão.

Juntando-se a nós nessa caminhada, com muita paciência e dedicação, não largando a minha mão, veio a professora Madalena Aparecida Machado. Obrigada, professora, seus conhecimentos e suas orientações foram significativos para a conclusão desta pesquisa.

Nessa caminhada, também já estava ao meu lado meu esposo Roberto Vasconcelos Pinheiro, que ouvia com grande entusiasmo quando lhe falava de minhas poesias e do meu gosto e interesse pela literatura. Ele me incentivou a procurar e saber mais sobre o Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso. Festejou comigo na aprovação no Programa e também foi quem me ouviu nas horas de dúvidas e busca de conforto. Meus agradecimentos e meu amor para você.

Ao meu amor maior, meu filho Paulo Jorge Peixoto Gabateli, que, mesmo de longe, sempre queria saber como estavam meus estudos e sobre qual autor estava pesquisando. Dele podia perceber o orgulho que sentia de mim ao notar que estava buscando minhas realizações. Isso me fortalecia. Obrigada, meu amor, pelo seu interesse e apoio.

Aos meus irmãos, irmãs, sobrinhos, cunhados e ao meu netinho José Pedro Gabateli, obrigada pela base familiar maravilhosa e pelo incentivo, e especialmente, aos meus pais Laura Gabateli Palombo e Almelindo Peixoto. Sei que me vigiam e me cuidam e que estão orgulhosos de mim.

Aos professores e professoras do PPGEL, principalmente aos que tive oportunidade de fazer algumas disciplinas, foram essenciais nessa caminhada de conhecimentos. Muito obrigada!

Aos amigos que, como eu, trilhavam o mesmo caminho e, em meio às dúvidas, sempre apoiavam um ao outro - Cecilia Kruger, Liliane Lenz, Luciene Candia, Luan Paredes, Maria Rita Berto de Oliveira. Obrigada pela ajuda, que também foi essencial para toda essa jornada.

Meus agradecimentos, de coração, também as professoras da banca por participarem, com tanto carinho, dessa jornada, com suas leituras e contribuições. Meu muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo discutir temas polêmicos que perturbam as famílias, abordados pelo romance *Dois irmãos* (2006), do escritor brasileiro Milton Hatoum. A pesquisa explora tanto a história do narrador e dos personagens quanto a história cultural, política e econômica que molda parte do imaginário sobre a Amazônia. No cerne da narrativa, encontra-se a história do ódio fraterno, bem como as relações geradas por uma família libanesa que conduz o drama que se desenrola entre Manaus, Líbano e qualquer lugar que represente alguma forma de desagregação familiar. Os dois irmãos habitam o mesmo lar, a mesma casa, mas são protagonistas de tragédias ancestrais que envolvem questões familiares que desequilibram a convivência em uma trajetória de declínio, na qual a casa se desfaz como metáfora de acontecimentos maiores. A pesquisa também busca compreender de maneira mais profunda o papel e a influência da relação dos pais no romance, examinando seu impacto e alcance dentro de uma estrutura familiar tradicional. Para tanto, adotamos a pesquisa bibliográfica, dialogando com críticos e teóricos como Bachelard (1979), Candido (2000), Canclini (2003), Freud (2018), Hall (2003), Lacan (1987), Mendes e Maquêa (2021), Pellegrini (2004), Pizarro (2012) e outros autores e autoras que fundamentam e sustentam este estudo. Além disso, a pesquisa ancorou-se em pressupostos sociais, políticos, literários e históricos na composição do estudo.

**Palavras-chave:** ódio fraterno; família; conflitos; desagregação; literatura.



## RESUMEN

El presente trabajo de investigación tiene como objetivo discutir temas polémicos que perturban a las familias, abordados por la novela *Dois irmãos* (2006), del escritor brasileño Milton Hatoum. La investigación explora tanto la historia del narrador y de los personajes como la historia cultural, política y económica que moldea parte del imaginario sobre la Amazonía. En el centro de la narrativa se encuentra la historia del odio fraternal, así como las relaciones generadas por una familia libanesa que conduce el drama que se desarrolla entre Manaus, Líbano y cualquier lugar que represente alguna forma de desintegración familiar. Los dos hermanos habitan en el mismo hogar, la misma casa, pero son protagonistas de tragedias ancestrales que involucran cuestiones familiares que desequilibran la convivencia en una trayectoria de declive, en la que la casa se deshace como metáfora de eventos mayores. La investigación también busca comprender de manera más profunda el papel y la influencia de la relación de los padres en la novela, examinando su impacto y alcance dentro de una estructura familiar tradicional. Para ello, se adoptamos la investigación bibliográfica, dialogando con críticos y teóricos como Bachelard (1979), Candido (2000), Canclini (2003), Freud (2018), Hall (2003), Lacan (1987), Mendes y Maquêa (2021), Pellegrini (2004), Pizarro (2012) y otros autores y autoras que fundamentan y sustentan este estudio. Además, se ancló en presupuestos sociales, políticos, literarios e históricos en la composición del estudio.

**Palabras clave:** odio fraternal; familia; conflictos; desintegración; literatura.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 DOIS IRMÃOS .....</b>	<b>23</b>
1.1 Yaqub .....	23
1.2 Omar .....	41
<b>2 UMA FAMILIA DES-NORTE-ADA.....</b>	<b>52</b>
2.1 Entre o Líbano e Manaus: uma intersecção cultural .....	52
2.2 Entre mundos e, mundos de paredes e água.....	64
<b>3 FAMILIA DES-ESTRUTURADA.....</b>	<b>74</b>
3.1 A progênie e agregados .....	74
3.2 Fio entre páginas sagradas das famílias des-estruturadas .....	84
3.3 Emaranhado de fios: lições do olimpo sobre tragédias gregorianas nas famílias des-estruturadas .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

O primeiro contato que tivemos com as obras de Milton Hatoum foi durante as aulas da pós-graduação, especialmente com a professora Vera Lucia da Rocha Maquêa. Durante esse período trabalhamos juntas em alguns temas, como a imigração e a diáspora, o que despertou nosso interesse pelas obras do autor e sua trajetória de vida, culminando na construção desta dissertação.

À medida que pesquisávamos, obtivemos mais informações sobre o autor e sua extensa obra, incluindo *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), *Órfãos do Eldorado* (2008), *A Cidade Ilhada* (2009), *Um Solitário à espreita* (2013), *A Noite de Espera* (2017) e *Pontos de Fuga* (2019). Diante desse vasto material bibliográfico, seguindo as orientações recebidas, decidimos elaborar e construir uma dissertação relacionada ao tema da família. Percebemos que o autor possui grande interesse na discussão de conflitos familiares, um assunto amplamente debatido na atualidade e que nos inquieta, principalmente por suas complexidades, estruturas e problemas.

Dentre as obras mencionadas acima, escolhemos *Dois Irmãos* (2006) para estudar o tema dos conflitos familiares, pois é a obra de Hatoum mais lida e comentada desde sua publicação. Nela, o autor entrelaça um enredo ficcional em torno dos irmãos gêmeos Yaqub e Omar, colocando a família como núcleo central da trama e abordando os desajustes de convivência de todas as personagens que a compõem. Assim, nossa pesquisa se direciona para os conflitos familiares presentes em toda a narrativa, buscando investigar os desajustamentos familiares e suas motivações à luz das discussões trazidas por pressupostos psicológicos, sociais e históricos com base nos quais a família pode ser discutida e estudada. Nesse sentido, nossa abordagem considera a família presente no romance como um microcosmo contido na macrovisão de Manaus.

Milton Hatoum nasceu em 1952, na cidade de Manaus e viveu por um tempo ali antes de morar em outras cidades, como Brasília, São Paulo, Madri, Barcelona e Paris. Em sua trajetória acadêmica, formou-se em Arquitetura pela Universidade de São Paulo-USP. Após sua formação em 1978, começou a lecionar história da arquitetura na Universidade de Taubaté em São Paulo e também começou a escrever na revista IstoÉ. No período de 1984 a 1999, foi professor de literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas e também professor visitante da Universidade da

Califórnia – Berkeley em 1996. Nesse período, também iniciou sua trajetória como escritor, sendo residente na Yale University (New Haven/EUA), Stanford University e na Universidade da Califórnia (Berkeley). Hoje, retornou para São Paulo. Suas obras já foram traduzidas para o alemão, árabe, espanhol, francês, holandês, inglês, italiano e grego e também utilizadas para séries de televisão, como *Dois Irmãos*, em 2017, e também *A cidade ilhada*, *Relato de um certo Oriente* e *Órfãos do Eldorado* para o cinema, em 2015<sup>1</sup>.

Com a publicação de seu primeiro livro, *Relato de um Certo Oriente*, em 1989, Milton Hatoum foi aclamado pela crítica e agraciado com o Prêmio Jabuti de Melhor Romance. Em 2000, publicou seu segundo livro, *Dois Irmãos*, que também recebeu o Prêmio Jabuti. Entre suas obras, *Dois Irmãos* é a mais amplamente traduzida para várias línguas em diferentes lugares do mundo e já conta com 56 reimpressões. Recentemente, (2022), ganhou uma nova edição com o projeto gráfico de Alceu Chiesorin Nunes<sup>2</sup> e uma belíssima foto de capa de Luiz Braga<sup>3</sup>.

*Dois Irmãos* também foi adaptado em quadrinhos em vários países, incluindo Estados Unidos, pela Dark Horse; Portugal, pela G.Floy; Itália, pela BAO Publishing; Espanha, pela Planeta Cómics; França, pela Urban Comics; Turquia, pela Çizgi Düşler; Polônia, pela Mucha Comics; e Rússia, pela Mann, Ivanov e Ferber<sup>4</sup>

Após *Dois Irmãos*, Hatoum publicou *Cinzas do Norte* em 2005, que lhe rendeu cinco prêmios<sup>5</sup>. Em 2009, lançou *A Cidade Ilhada* e, em 2013, suas crônicas foram compiladas em *Um solitário à espreita*<sup>6</sup>.

Em 2017, chegou o primeiro volume de sua trilogia, *O lugar mais sombrio*, intitulado *A noite da espera*, e dois anos depois lançou mais um volume da série - *Pontos de Fuga*.

Além de sua carreira literária, Milton Hatoum também se destaca como colunista do jornal “O Estado de São Paulo - Cultura & Comportamento”, onde regularmente publica artigos sobre diversos temas que vão desde política até literatura. Dessa forma, ele se posiciona como um escritor que vai além da produção

---

<sup>1</sup> Disponível em: Milton Hatoum – o arquiteto da memória | Templo Cultural Delfos (elfikurten.com.br). Acesso em: 26 jan. 2023.

<sup>2</sup> Diretor de arte da Editora Companhia das Letras.

<sup>3</sup> Fotógrafo e artista visual brasileiro.

<sup>4</sup> Informações obtidas no *Instagram* oficial do autor: @miltonhatoum\_oficial.

<sup>5</sup> Prêmio Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica/APCA-2005, Prêmio Jabuti/2006 de Melhor Romance, Prêmio Livro do Ano da CBL, Prêmio BRAVO! de literatura.

<sup>6</sup> Informações biográficas obtidas no *Instagram* do autor @miltonhatoum\_oficial e Milton Hatoum Escritor no *Facebook*.

de obras ficcionais, contribuindo ativamente para o debate público e a reflexão crítica sobre questões contemporâneas.

Durante nossa pesquisa, buscamos a fortuna crítica do autor acessando alguns bancos de dados eletrônicos, como o da CAPES e do PPGEL-UNEMAT. No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, encontramos atualmente um acervo de 94.029 dissertações e 36.566 teses, abrangendo diversas áreas do conhecimento entre os anos de 2016 e 2021, que tratam de temas diretamente relacionados à obra *Dois Irmãos*. No acervo digital do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso, também localizamos algumas teses e dissertações relevantes, como as de Aparecida Cristina da Silva Ribeiro (2013), Maria Madalena da Silva Rodrigues (2015) e Marluzi Cristina da Silva Demozzi (2020).

A dissertação de Aparecida Cristina da Silva Ribeiro, intitulada “Viagens, Identidades e Travessias: uma leitura comparada das obras *Relato de um Certo Oriente*, de Milton Hatoum e o *Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto”, realiza uma análise comparativa entre as obras mencionadas, abordando também questões de desencontros e dilaceramentos familiares presentes em *Relato de um Certo Oriente*, que marcam a escrita de Hatoum, com destaque para o forte vínculo familiar.

Na dissertação de Maria Madalena da Silva Rodrigues, intitulada “Um estudo do Discurso Memorialístico em ‘Órfãos do Eldorado’, de Milton Hatoum”, a pesquisadora discute o discurso memorialístico presente na obra, especialmente nas memórias do personagem Arminto Cordovil - uma criança órfã de mãe e rejeitada pelo pai. A pesquisa conclui que a memória é em parte herdada por muitos seres, uma memória coletiva, mas com maior importância para seu protagonista, carregando consigo o sentimento de culpa.

Já a tese de Marluzi Cristina da Silva Demozzi, intitulada “Metaficção em *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum e a Autoficção em o *Irmão Alemão*, de Chico Buarque: a representação de conflitos familiares”, realiza uma análise comparativa das personagens e narradores de ambos os romances, utilizando-se da metaficção e da autoficção, destacando as questões de relacionamentos familiares conflituosos e as estratégias narrativas.

Dentre as dissertações e teses do banco de dados da CAPES, selecionamos algumas que se relacionam diretamente com nosso objeto de pesquisa, que são as questões e conflitos familiares. Uma delas é a tese de Stélio Nunes Rocha, da Universidade do Amazonas, intitulada “Relações Sociais no Romance *Dois Irmãos* de

Milton Hatoum, 2006”. Nessa tese, o autor analisa as relações sociais da família libanesa na obra *Dois Irmãos*, apontando aspectos significativos das personagens e suas relações familiares, destacando a importância de investigar os conflitos familiares e suas conexões com intrigas, inveja, ódio, vingança e disputas entre irmãos.

Outra dissertação relevante é a de Mariana Rocha Santos Costa, da Universidade Federal da Bahia, com o título “O Pacto Fraternal e a Aliança Nacional: Análise dos romances *Esaú e Jacó* (Machado de Assis) e *Dois Irmãos* (Milton Hatoum) (2010), na qual a pesquisadora discute a representação literária do pacto fraternal como simbologia de aliança nacional, comparando o enredo bíblico de Esaú e Jacó com a trama familiar de *Dois Irmãos* de Milton Hatoum. Ela conclui que a família se configura como um microcosmo social, onde os conflitos adquirem dimensões abrangentes e destaca a consciência do autor em colocar a família como foco principal de sua obra, citando uma entrevista concedida por Hatoum à “Folha de São Paulo”, em 2005, em que ele diz:

A família sempre foi um dos núcleos dramáticos do romance. O drama familiar é uma de suas grandes vertentes desse século. É o ponto de partida para uma rede de subtemas que o romance insinua: políticos, históricos, urbanos. E é a primeira grande convenção. E também o núcleo menor de uma convenção maior, de um regimento (Hatoum, 2005a).

Costa (2010) busca em seus estudos demonstrar que as histórias de família estão profundamente enraizadas nas escritas de Hatoum, não apenas em *Dois Irmãos*, mas em todo o conjunto de sua obra.

Além disso, encontramos vários artigos e escritos na obra organizada por Benjamim Abdala Júnior, intitulada *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas* (2004). Em particular, o capítulo intitulado “Águas turvas: identidades quebradas”, escrito por Marli Fantini, que aborda questões relacionadas à diáspora e suas consequências nas personagens diaspóricas, tendo como base geográfica o Oriente e a Amazônia. Fantini comenta:

Capturado pela ótica nômade de Hatoum, o romance caminha ao mesmo tempo na mão e na contramão, como se a dupla caligrafia imaginária do escrito – desenhando da esquerda para a direita numa língua e, noutra, da direita para a esquerda – fosse um porto flutuante

de palavras onde brotassem outras águas e fluíssem línguas estrangeiras umas às outras (Fantini, 2004, p.177).

Fantini observa que quando Milton Hatoum escreveu seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*, em 1989, ele carregou consigo a singularidade de Manaus, mas ao mesmo tempo transitou entre as grandes metrópoles.

Outra perspectiva crítica é apresentada por Luiz Costa Lima, no artigo intitulado “A Ilha Flutuante”, publicado no Jornal Folha de São Paulo em setembro de 2000, no qual o autor ressalta e reconhece a importância de Hatoum para a literatura brasileira, apesar de ter apenas dois livros publicados, conforme ele comenta:

Com apenas dois romances publicados (“Relato de um Certo Oriente”, 1989, e “Dois Irmãos”, 2000, ambos pela Companhia das Letras), Milton Hatoum é um dos maiores ficcionistas de nosso final de milênio (Lima, 2000).

Costa Lima, que também é escritor, ao fazer uma análise comparativa entre *Relato de Certo Oriente* e *Dois Irmãos*, observa que a memória é um traço comum em ambos ao retratar dramas familiares, reafirmando, assim, o forte vínculo das obras de Hatoum com as raízes da família e mostrando que o autor manauara já chegou à época, consolidando-se como um grande escritor.

Outros escritores também citam e escrevem sobre Hatoum, como Alfredo Bosi (2013), Benjamin Abdala Júnior (2009), Davi Arriguci (1989), Michel Riaudel (2005), Pizarro (2012), Schollammer (2005), Stefania Chiarelli (2007), Tânia Pellegrini (2004), Vera Lúcia da Rocha Maquêa (2009), entre outros. Alguns destacam seu regionalismo, enquanto outros ressaltam que suas escritas transcendem fronteiras e têm alcance global.

No artigo de Isaías dos Santos, publicado na Relem – Revista Eletrônica Mutações, janeiro-julho, 2021 – “Análise literária de Dois Irmãos, de Milton Hatoum: a busca pela identidade e o conflito familiar”, ele realiza uma análise sob a perspectiva da identidade de Nael e dos conflitos familiares presentes na obra analisada. Santos (2021) relata que conflitos familiares são temas constantes nas obras de Milton Hatoum, e em *Dois Irmãos*, Nael, o narrador protagonista, busca pela sua verdadeira identidade ao tentar descobrir quem é seu verdadeiro pai entre os gêmeos.

Outra referência importante para o nosso recorte de pesquisa é o artigo de Irlomar Ferreira Martins, publicado na Revista Tabuleiro de Letras (2022) – “A

simbologia da casa em *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum”, em que é tratado o espaço íntimo da casa na narrativa, que se torna um autêntico espaço de memória, além de abordar a ligação com os integrantes da família libanesa. O foco principal está na transformação da casa de um símbolo de proteção para uma fonte de ruínas para todos os seus habitantes, especialmente relacionado à memória do narrador Nael.

Recentemente, na Revista de Estudos Universitários de Sorocaba, São Paulo (2022), Albert Von Brunn, no artigo “Paris-Brasília: racionalismo cartesiano e formas sinuosas em Milton Hatoum”, discute sobre os dois últimos romances: *Pontos de Fuga* (2019) e *Noite de Espera* (2017). Ele discute que o autor, nessas obras, por meio de seus personagens, transita entre as cidades de Brasília e Paris, deixando de abordar, costumeiramente, Manaus, local que o autor sempre trouxe presente em suas obras. As duas obras citadas fazem parte de uma trilogia chamada *O lugar mais sombrio*.

Brunn (2022), ao discutir sobre os dois romances, trata sobre o personagem Martim, um estudante de arquitetura, que chega à Brasília em meio ao regime militar brasileiro e depois vai para Paris. Ele compara as duas cidades, destacando que Paris é uma cidade sonhada desde a periferia, local de refúgio e exílio de muitos artistas e políticos, enquanto Brasília representa o sonho tropical da modernidade, deixando para trás o tradicional resto do Brasil e ingressando na modernidade com um voo incerto. Brunn também aborda a história pessoal de Martim, o protagonista dos romances, e sua angústia causada pela falta de notícias e ausência da mãe, após ser levado pelo pai para Brasília.

O objetivo deste levantamento de informações sobre o autor Milton Hatoum e sua criação literária é também demonstrar que desde sua primeira obra, o escritor tem sido amplamente reconhecido e aclamado pela crítica e pelos leitores. Esse reconhecimento se reflete em diversas universidades que incluem suas obras no rol de estudos para universitários e vestibulandos, não só no Brasil, onde alguns livros já foram disponibilizados em formato *braille*, mas também no exterior, como na França, onde o romance *Dois Irmãos* já foi traduzido e é considerado leitura obrigatória<sup>7</sup>.

A inclusão das obras de Milton Hatoum nos programas de estudos universitários evidencia a relevância e a qualidade da produção literária do autor, que

---

<sup>7</sup> GUEDES, M. I. C. A literatura brasileira na França: tradução e recepção de *Dois Irmãos* e *Órfãos do Eldorado* de “Milton Hatoum”. Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2005. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/3222/TESE%20mar%C3%A7o%20pdf.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 mar. 2023.



é capaz de dialogar com temas universais e tocar as emoções e reflexões de um público diverso. Além disso, a recepção positiva de sua obra pela crítica e pelos leitores evidencia o valor artístico e cultural de sua produção literária, bem como a importância da diversidade e da representatividade na literatura brasileira e mundial.

Dessa forma, o legado literário de Milton Hatoum é um exemplo de como a arte e a cultura podem ser importantes formas de resistência e expressão, e como a literatura pode contribuir para a construção de um mundo mais inclusivo e plural.

Entretanto, ao fazermos nossa pesquisa sobre as produções que envolvem a obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, especificamente as do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso, observamos que o tema família, como núcleo central da obra, foi colocado em segundo plano e não foi analisado profundamente pelos pesquisadores mencionados, deixando dessa maneira, uma lacuna importante para discussão em *Dois Irmãos*.

Assim, nossa pesquisa é inovadora por colocar a família na centralidade da discussão acerca da obra *Dois Irmãos*, construída por Hatoum, também ao fazer uma abordagem analítica dos personagens visando aprofundar e compreender as complexidades das suas relações familiares inerentes ao contexto da narrativa e no espaço em que estão inseridos, destacando dessa forma, as dinâmicas emocionais e comportamentais dos personagens, trazendo para o debate a realidade humana e seus agentes de ruína.

Primeiramente, dedicamos nossa atenção à análise dos personagens principais, os gêmeos Yaqub e Omar. Em *Dois Irmãos*, Milton Hatoum estabelece uma analogia com a passagem bíblica de Esaú e Jacó no livro do Gênesis, explorando as histórias de dois irmãos gêmeos, assim como a obra de Machado de Assis que tem os personagens Pedro e Paulo no romance *Esaú e Jacó* (1904). Abordamos a relação entre essas histórias, destacando semelhanças e diferenças que nos ajudam a compreender os dramas familiares presentes em suas trajetórias.

Uma questão relevante que examinamos é a predileção de Zana, a mãe dos gêmeos, por Omar, negligenciando Yaqub e gerando consequências significativas para a formação psicológica e emocional deste último. Para embasar nossas reflexões, recorreremos às teorias de Sigmund Freud (2018) e Antony Giddens (2002), que nos auxiliaram na compreensão dos aspectos psicológicos e sociais envolvidos nas dinâmicas familiares.

Analizamos também o papel da figuração dos personagens de ficção e a forma como o autor os constrói, utilizando as contribuições críticas de Antonio Candido (1976) e Beth Brait (1985), para compreender melhor como Hatoum cria os protagonistas da trama e como suas características afetam o desenvolvimento da história.

Exploramos o efeito da modernidade e suas tensões na vida de Yaqub, que rejeita o modelo de negócio tradicional do pai em busca de um futuro diferente. No intuito de entendimento dessas questões, contamos com as pesquisas de Néstor Garcia Canclini (2019) sobre as dinâmicas da modernidade e suas implicações nas relações de poder e formas de produção e consumo.

Em relação à figura de Yaqub, utilizamos a teoria de Gaston Bachelard (1958) para compreender suas complexidades psicológicas, já que desde a infância ele nutre um plano de vingança contra seu irmão e sua família. Além disso, consideramos o contexto histórico em que o personagem está inserido, especialmente os períodos de guerra e Ditadura Militar, com base nas pesquisas de Ana Pizarro (2012) e Maria Helena Capelato (1998).

Ana Pizarro apresenta uma abordagem sobre os períodos de apogeu e declínio da exploração da borracha e a situação econômica de Manaus, enquanto Maria Helena Capelato, aborda em sua teoria dos tipos de governos e formas que utilizavam, por meio da propaganda para recrutarem os “soldados da borracha” e também simpatizantes do regime.

Ainda, sob a perspectiva de Hanna Arendt (1989), analisamos suas ações políticas e suas consequências no contexto familiar, principalmente em referência ao personagem Yaqub.

Em relação a Omar, o irmão caçula e gêmeo de Yaqub, examinamos seu tratamento privilegiado pela mãe e as consequências desse favoritismo. Utilizando a teoria de Sigmund Freud sobre a autoridade dos pais, investigamos a formação do caráter de Omar e o impacto das ações de Zana em sua personalidade. Além disso, dialogamos com Tânia Pellegrini (2004), que realizou uma análise sobre as personagens femininas nas obras hatounianas, destacando a força delas no ambiente familiar.

Utilizando ainda as teorias psicanalíticas de Freud, discutimos sobre o Complexo de Édipo e suas implicações na formação do caráter de Omar, e também

sobre a demasiada gama de privilégios fornecidos pela mãe a Omar e suas consequências, que impactavam diretamente o núcleo familiar.

Levantamos também a questão de a personagem Omar simpatizar pelas formas de protesto que foram feitas pelo seu professor de francês, Antenor Laval, ao regime militar (1970), mas levantamos também que a indignação de Omar ao regime militar somente foi levada à prática com a escrita de um manifesto (1971), quando viu seu professor ser perseguido e assassinado pelos militares em uma praça de Manaus.

Procuramos, igualmente, entender como a personagem Omar foi construída por Hatoum e seus desdobramentos, e, para isso, utilizamos as pesquisas de Beth Brait (1985) e Antonio Candido (1976), e, ainda, as pesquisas de Leno José Barata (2010), Ana Pizarro (2012), Verissimo e Pereira (2020), Antonio Candido (2000), para alocar o personagem dentro do tempo histórico a fim de contextualizar os fatos colocados por Hatoum, também o espaço familiar e público em que o personagem estava inserido.

Refletimos, ainda, o comportamento de Omar, levando em consideração suas atitudes e escolhas em relação à sua família e as consequências abrangentes que decorreram dessas ações, resultando em grandes prejuízos para a estrutura familiar na qual ele está inserido.

Analisamos, no contexto familiar, os laços afetivos e as dinâmicas de poder que influenciaram os membros da família, bem como as consequências decorrentes dessas interações. Com base na fundamentação teórica elencada, buscamos obter uma compreensão mais profunda de como o personagem Omar foi desenvolvido por Hatoum, assim como seu comportamento em relação à unidade familiar, o qual provocou sérios danos. Nesse sentido, foi essencial explorar os fatores sociais, culturais e psicológicos que podem ter influenciado suas ações e decisões.

No Capítulo 2, intitulado “Uma Família Des-norte-ada”, abordamos inicialmente o contexto geográfico e histórico do Líbano para reconstruir a história que serviu de pano de fundo para a narrativa de Hatoum. Além disso, exploramos os motivos que levaram as duas famílias, Galib e Halim, da primeira geração, a deixarem seu país e se aventurarem rumo ao Brasil, uma terra desconhecida.

Dedicamos uma parte do capítulo para analisar a onda migratória em direção ao norte do Brasil, com um enfoque especial em Manaus, período no qual ambas as famílias também migraram. Para embasar nossas investigações, fizemos uso das pesquisas de Jamil Zogueib Neto e Fábio Bacila Sahd (2000), John Tofk Karam (2009)

e Oswaldo Truzzi (2001), que oferecem perspectivas sociológicas e históricas sobre esse movimento migratório.

Ao situarmos a primeira geração das famílias no tempo e espaço, constatamos que elas chegaram em Manaus durante um período de declínio econômico da cidade, devido à baixa nas exportações de borracha, com países asiáticos produzindo em maior quantidade do que o Brasil. Apesar desse cenário, os imigrantes continuavam chegando à cidade. Para aprofundar nossa compreensão sobre essas questões, basearemos nossa análise em pesquisas de Vera Maquêa (2007), Luis Eduardo Aragón (2009) e Edinea Mascarenhas Dias (2019).

Além disso, exploramos o contexto cultural destacado por Hatoum (2006) em sua obra, que retrata a mistura de povos que chegavam e se amalgamavam em Manaus, cada um trazendo consigo sua bagagem cultural de acordo com o país de origem. Interessante notar que em Manaus, essas misturas não eram encaradas como diferentes e prejudiciais, o que contribuiu para a configuração e modelagem da cidade. Para enriquecer essa discussão, recorreremos às perspectivas teóricas de Stuart Hall (2003), Canclini (2019) e Paes Loureiro (1955).

Nessa parte da pesquisa, realizamos um recorte específico para discutir a cultura árabe-libanesa, focando na segunda geração familiar composta por Halim e Zana, e seus filhos Yaqub, Omar e Rânia, que nasceram em território brasileiro. Abordamos as questões dos relacionamentos familiares, em que os filhos se deparam com a cultura tradicional de seus antepassados, trazendo para o debate as pesquisas de Samuel Benchimol (2009), Stuart Hall (1997) e Homi Bhabha (1997).

A fim de aprofundar a discussão sobre as questões culturais, suas tensões e implicações no núcleo familiar, tais como misturas, diferenças, crenças e costumes, buscamos as explicações nas pesquisas de Néstor Garcia Canclini (2019), especialmente em relação à família libanesa de Halim e Zana.

Em seguida, no subitem 2.2, intitulado “Entre mundos, e mundos de paredes e água”, contextualizamos o espaço e sua forma de distribuição, bem como apresentaremos a cidade de Manaus e a influência europeia em sua constituição e desenvolvimento.

Ao debatermos os espaços constituídos em Manaus, destacamos como a cidade e a família são representadas na obra de Milton Hatoum (2006). Existem duas cidades distintas e separadas: a cidade de Manaus e a cidade flutuante, divididas por água e pelas diferenças sociais. De um lado, encontramos o *glamour* europeu e, do

outro, a pobreza e a desigualdade social, na qual a primeira geração das famílias do enredo de Hatoum em *Dois Irmãos* está inserida.

Enquanto Manaus estava em processo de construção, ela era observada pelos viajantes, pessoas que visitavam e relatavam suas experiências momentâneas. Por meio de seus olhares críticos, esses viajantes trouxeram à tona a necessidade de modernizar Manaus, muitas vezes buscando inspiração nos moldes de Paris. A historiadora Edneia Mascarenhas Dias (2019) em sua pesquisa afirma que Manaus recebeu muitos desses viajantes e observadores, impulsionando um movimento modernista na cidade.

Para ampliar esse debate, utilizamos também as pesquisas de Ana Pizarro (2012), Walter Benjamin (2009) e Paes Loureiro (1995). Com essas referências, aprofundamos nossa análise sobre a construção das duas cidades em Manaus, suas dinâmicas sociais e a influência dos viajantes na busca por uma modernização da cidade, bem como sua conexão com o enredo da obra *Dois Irmãos* de Hatoum.

No Capítulo 3 de nossa Dissertação, intitulado “Família des-estruturada”, buscamos compreender os eventos e ações que levaram à destruição e ruína do ambiente familiar construído por Halim e Zana ao formarem uma família. Para isso, apresentamos um resumo contextualizado de *Dois Irmãos*, em que destacamos os exageros de cuidado de Zana com Omar e as consequências dessa atitude no ambiente familiar. Ressaltamos, inclusive, o relacionamento conturbado entre Yaqub e Omar, marcado por momentos de raiva, ciúmes, inveja, rivalidade e vingança, assim como o relacionamento de Halim com seus filhos e esposa.

Além dos moradores da casa, havia também os agregados Domingas e Nael, que faziam parte dessa grande família nuclear e também não foram poupados das consequências da ruína familiar. Para a reflexão, recorreremos às histórias familiares que, assim como a narrativa de Hatoum em *Dois Irmãos*, culminaram em tragédias familiares, incluindo casos de matricídio e parricídio. Nossa pesquisa explora casos de desentendimentos familiares presentes na Bíblia Cristã, como *Caim e Abel*, *Esaú e Jacó*, *José e seus irmãos*, *Ammon e Absalão*, assim como na mitologia grega, por exemplo, *Édipo Rei* e *Édipo em Colono* e também *Electra*.

Em suma, os exemplos em que pautamos a analogia, são todos filhos pertencentes a famílias “aparentemente” bem estruturadas e abastadas, assim como a família retratada por Hatoum em *Dois Irmãos*, mas que, podem agir de forma inesperada e caótica, resultando em consequências irreparáveis para os núcleos

familiares e para todos os envolvidos. Essas narrativas nos levam a refletir sobre a complexidade das relações familiares e os desafios enfrentados dentro dos lares.

## 1 DOIS IRMÃOS

### 1.1 Yaqub

Fui obrigado a me separar de todos, de tudo...não queria.

(Hatoum, 2006. p. 86).

De acordo com Milton Hatoum, os gêmeos Yaqub e Omar nasceram em um mês de agosto. Yaqub veio ao mundo forte e saudável, enquanto Omar, nascido logo em seguida, era um pouco mais fraco e enfrentou problemas de saúde nos primeiros meses. Além disso, Omar era mais moreno e cabeludo que seu irmão. A mãe, comovida pela situação de saúde de Omar, passou a dedicar mais atenção e cuidado a ele, negligenciando Yaqub. Essa distinção criada pela mãe entre os gêmeos desencadeou uma série de rivalidades e competições entre eles, de forma similar à história bíblica de Esaú e Jacó, personagens do Cristianismo.

Observamos que Hatoum operou uma analogia na construção de sua obra com a história clássica contada na Bíblia, fazendo referência às características de Omar. No Gênesis 25:26, encontramos a passagem que narra o nascimento dos gêmeos Esaú e Jacó. Seguindo ainda a interpretação da passagem bíblica que também se encontra no Gênesis: 25:26, podemos citar também a metáfora: “E, depois, saiu o seu irmão, agarrada sua mão ao calcanhar de Esaú; por isso, se chamou seu nome Jacó” (Bíblia Sagrada, 1995, p. 44).

A metáfora acima mencionada, que retrata a história do nascimento dos gêmeos bíblicos em que Jacó sai agarrado ao calcanhar de Esaú, entre todas as interpretações possíveis, nos faz entender que desde a gestação até a hora do nascimento, já havia uma competição pelo poder entre os gêmeos bíblicos, e isso não mudou durante o período de vivência de ambos, assim como, ocorrido com Omar e Yaqub, que não nasceram literalmente um puxando o calcanhar do outro, conforme colocado por Hatoum, mas desde de muito cedo deram início a uma saga de disputas, rivalidades, perseguições e inveja entre ambos, que desajustou todo o ambiente familiar, no qual estavam inseridos na trama.

De acordo com Jan P. Fokkelman (1997), quando Esaú soube que sua benção de primogenitura foi dada por engano pelo seu pai ao seu irmão Jacó, ele o chamou de “enganador”, como encontramos em Gn. 27,36.

Em suas pesquisas em textos originais hebraicos, também traz para a discussão a interpretação em relação ao nome Yaqub, que se pronuncia, segundo Fokkelman (1997), Ya'qob, e que é, assim Jacó, chamado por Esaú, nesse poema<sup>8</sup>, que traz um jogo sonoro:

Com razão se chama ya'qob  
 é a segunda vez que me enganou (ya'qebeni):  
 tomou meu direito de bekhurah<sup>9</sup>  
 e agora toma minha berakhah! (Fokkelman, 1997, p. 61).

Dessa forma, curiosamente, há uma inversão no romance ou paralelo em relação à história bíblica dos irmãos Esaú e Jacó, já que Yaqub, pela semelhança do enredo, se identificaria mais com Esaú do que com Jacó. Isso pode sugerir que o autor quis inverter os personagens ou os significados da história contada no Gênesis, usando a intertextualidade como uma forma contemporânea de reparação. No Gênesis, Esaú é o primogênito de Rebeca e Isaque, possuindo mais direitos perante a ancestralidade do que Jacó. Em *Dois Irmãos*, entretanto, Yaqub é quem tem primogenitura, mas a mãe Zana tem preferência por Omar, assim como Rebeca tinha por Jacó na Bíblia.

Em ambas as histórias, com diferentes peculiaridades, os primogênitos Yaqub e Esaú foram excluídos de sua representatividade e substituídos pelos filhos mais jovens por suas genitoras. Rebeca desempenha um papel fundamental, sendo responsável por tomar medidas para beneficiar seu filho mais novo, Jacó, assim como Zana ao favorecer Omar.

Na trama bíblica, Rebeca, acreditando que Jacó merecia o trono de Isaque e o papel de líder do povo de Israel, elaborou um plano para enganar o pai, que estava doente e cego, no momento da bênção de sucessão. Rebeca orquestrou essa estratégia para que Jacó, em vez de Esaú, recebesse a bênção do convênio abraâmico de seu pai Isaque. Ela instruiu Jacó a se disfarçar para parecer com Esaú,

---

<sup>8</sup> Os poemas curtos no Gênesis têm uma função especial no fluxo narrativo. Servindo como ponto de cristalização, eles criam momento de reflexão. Em uma fórmula poderosa e compacta, sintetizam o que é relevante; condensam a ideia principal e erguem-na acima da incidental. FOKKELMAN, J. P. Gênesis. In: ALTER, R.; KERMODE, F. **Guia literário da Bíblia**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: EDUNESP, 1997. p. 59.

<sup>9</sup> Segundo ainda Fokkelman, a tradução das palavras berakhah e bekhorh que são palavras em hebraico significam respectivamente: bênção / direito de primogenitura. FOKKELMAN, J. P. Gênesis. In: ALTER, R.; KERMODE, F. **Guia literário da Bíblia**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: EDUNESP, 1997. p. 60.



coabrindo seus braços com pele de cabra, já que Esaú era mais peludo que Jacó. Dessa forma, Jacó recebeu a bênção destinada a Esaú, conforme descrito na Bíblia Sagrada.

Podemos observar que Hatoum se utiliza dessas características físicas mencionadas no Gênesis e faz um paralelo com o gêmeo Omar, uma vez que este também era mais cabeludo e peludo que Yaqub.

A narrativa bíblica de Rebeca e Jacó é um relato emblemático da tradição judaica e amplamente reconhecida como um dos clássicos da literatura sagrada. Essa história, contada no capítulo 25 do livro de Gênesis, suscitou debates teológicos e estudos literários ao longo dos séculos, sendo um dos primeiros exemplos de narrativa da Bíblia. Ela é considerada um marco da literatura religiosa, refletindo temas como a natureza humana, o papel da providência divina e transmitindo lições de moral.

No caso de Yaqub, personagem do romance contemporâneo, a primogenitura exaltada no Gênesis não lhe concedeu nenhum direito especial. Ao longo da história, a mãe Zana interfere constantemente na vida de seus filhos gêmeos, mostrando maior carinho e proteção para com Omar. Enquanto isso, Yaqub parece ser relegado a um papel secundário em suas emoções e tomada de decisões, o que o faz sentir-se esquecido e rejeitado. Há vários momentos na narrativa, desde o nascimento de ambos, mas o que mais fere Yaqub é quando a mãe parece interferir na relação de amor que ambos têm por Lívia, o que fica evidente em um trecho no qual eles estão no sobrado de Sultana Benemou, brincando no carnaval. Pela primeira vez, Yaqub vê Lívia toda enfeitada, agora como moça, não mais como menina, e se encanta por ela. Porém, Omar também deseja cortejar Lívia, e, nesse momento, Zana interfere e manda levar Rânia, sua irmã mais jovem, para casa.

Queria ficar para pular abraçado com ela, sentir-se quase adulto como ela. Já pensava em se aproximar de Lívia quando a voz de Zana ordenou: “Leva sua irmã para casa. Podes voltar depois”. Ele obedeceu. Acompanhou Rânia até o quarto, esperou-a dormir e voltou correndo ao casarão dos Benemou [...] logo ficou trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhante pertinho do rosto que admirava. [...] ele fingia dormir quando o irmão entrou no quarto dele naquela madrugada [...] de olhos fechados sentia o cheiro de lança-perfume e o suor [...] o irmão estava sentado no assoalho e olhava para ele. Yaqub permaneceu quieto apreensivo e derrotado. [...] notou o irmão sair do quarto [...] o rosto sorridente e cheio de prazer. [...] não entendia porque Zana não ralhava com o caçula, e não entendeu porque ele, e não o irmão, viajou para o Líbano dois meses depois (Hatoum, 2006, p. 15-16).

Zana toma diversas decisões que acabam por afastar Yaqub das coisas que mais gosta, ao mesmo tempo que beneficia Omar. O comportamento de Zana contribui para a criação de um ambiente carregado de tensões e conflitos entre os irmãos, se manifesta uma dinâmica extremamente complexa, marcada pela existência de sentimentos como a rivalidade, o ciúme e inveja, contribuindo para a perpetuação conflituosa.

Também é relevante mencionar a intertextualidade presente no romance *Esaú e Jacó* (1994)<sup>10</sup>, de Machado de Assis. Nessa obra, somos apresentados aos irmãos gêmeos Pedro e Paulo, que desde o ventre materno já travam disputas e brigas constantes. Ao chegarem à vida adulta, eles seguem caminhos profissionais distintos: Pedro torna-se médico, enquanto Paulo opta pela carreira de advogado. A diferença de opiniões políticas é outra fonte de conflito, já que um defende o império e o outro a república. A narrativa ainda explora um triângulo amoroso, em que ambos se apaixonam e disputam o amor da mesma moça. Entretanto, por causa de uma doença, a moça acaba falecendo, sem que nenhum dos dois tenha tido um romance com ela.

Por um breve período, a mãe dos gêmeos, Natividade, consegue unir os filhos, mas logo as desavenças e desentendimentos ressurgem, como é comum na narrativa. A trama de *Esaú e Jacó* reflete a complexidade das relações familiares e os conflitos que podem surgir entre irmãos, mesmo que apresentem semelhanças físicas ou laços sanguíneos próximos. Essa obra literária de Machado de Assis é um estudo profundo sobre os intrincados laços de família e os dilemas humanos em suas escolhas e desavenças.

Contrariamente à Natividade, Zana nunca conseguiu intermediar a paz entre os filhos por nenhum momento, apesar de ter tentado, como no episódio da construção de um grande hotel em Manaus, quando viu seu filho preferido (Omar) envolvido no empreendimento e escreveu uma carta para seu outro filho, o engenheiro Yaqub, sugerindo que os dois trabalhassem juntos. No entanto, Yaqub refutou a ideia e escreveu: “Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica” (Hatoum, 2006, p. 171). Por outro lado, Omar responde: “O que o sabichão quer dizer com *cena bíblica*, hein”? E disse a Rânia “O que o teu irmão entende de civilidade?” (Hatoum, 2006, p. 171), resultando na maior tragédia da família, encerrando de vez a pretensão da mãe. Zana, apesar de balançar emocionalmente

---

<sup>10</sup> ASSIS, M. **Esaú e Jacó**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.

os filhos desde o nascimento, ora elogiando um, ora privilegiando outro, ora dando mais atenção a um e ora preterindo o outro, não queria que houvesse intrigas entre eles, mas não conseguia entender que suas ações acentuavam ainda mais os desentendimentos entre os filhos.

Dessa forma, a trama textual de Hatoum coloca as questões de relacionamento familiar e do ódio fraterno em evidência em *Dois Irmãos*, desde o primeiro capítulo, culminando com a morte da matriarca.

Ao longo da narrativa, Zana demonstra preferência por Omar, deixando Yaqub, ainda criança, sob os cuidados de Domingas - uma menina indígena órfã que trabalha na casa. Enquanto Yaqub e Domingas crescem juntos e livres, divertindo-se com as simplicidades e a natureza da cidade amazônica, Zana concentra sua atenção exclusivamente em Omar. Assim, conforme colocado, fica evidente que Zana explorava Domingas, ao colocar para ela a responsabilidade que seria dela (Zana) como mãe, de cuidar e zelar pelo seu filho Yaqub. Dessa forma, concluímos, que ambos são negligenciados, por Zana – Domingas e Yaqub.

O narrador coloca em dúvida o relacionamento de Zana com Omar, especialmente no episódio em que Omar leva Dália, a “Dançarina Prateada”, para a festa de aniversário da mãe, descrevendo tal cenário como segue:

“Que belo duelo entre Zana e a pretensa nora! Um duelo silencioso, que poucos perceberam, tamanha era a força de dissimulação dos risinhos e salamaleques.” [...] “Omar cometia o erro de trair a mulher que nunca o havia traído.” [...] Omar e Dália se arrastavam na sala, grudados, enquanto Zana, sentada na cadeira de balanço, o leque na mão imóvel, acompanhava a dança silenciosa dos dois. Nunca, nas noites festivas, ele havia dançado tanto tempo de rosto e corpo colado com uma mulher. Era uma afronta à mãe, a grande traição do caçula (Hatoum, 2006, p. 75-77).

Esse episódio nos lembra da tragédia grega *Édipo Rei* de Sófocles (2018), cuja narrativa trata a história de Édipo, um homem que, ao tentar fugir de seu destino, acaba cumprindo a profecia de matar seu pai e se casar com sua mãe. Na trama, a peça aborda temas como destino, identidade, livre arbítrio e a complexidade da relação entre seres humanos e deuses. As temáticas abordadas na tragédia reverberam na sociedade contemporânea, mas também dialogam com as questões pontuadas em *Dois irmãos*, como a relação doentia e protetora de Zana com Omar,

trazendo à tona a exploração das profundezas humanas e das consequências inevitáveis de tentar evitar um destino preordenado.

Tomando as reflexões de Sigmund Freud, em seu livro *Interpretação dos Sonhos* (2018 [1856-1939]), para nortear a leitura crítica de *Dois irmãos*, o auge do complexo de Édipo ocorre entre os 3 e 5 anos de idade, conhecida como a fase fálica. Nesse estágio, a criança desenvolve desejos sexuais em relação ao sexo oposto e começa a perceber seus rivais. No caso do romance em questão, Yaqub estava sob os cuidados de Domingas, mas isso não o afastou de sua mãe, Zana. Mesmo percebendo a rejeição e a preferência dela por Omar, Yaqub aceitou essa situação resignadamente, mas começou a identificar quem poderia ser seu rival nessa disputa de amor e ódio fraternal.

Por outro lado, Omar, nos primeiros anos de vida, recebia toda a atenção necessária de sua mãe e não precisava competir com seu irmão, uma vez que Zana já havia feito sua escolha. Assim, nesse enredo, Omar assume o papel de Édipo Rei, conforme classificado por Freud em seus estudos, representando o filho que disputa o amor da mãe com o pai, intrigas que vão revelando pouco a pouco o cenário de conflito, a desestruturação familiar, que representam o recorte desta pesquisa.

Durante a adolescência, Yaqub começou a conviver mais de perto com seu irmão, frequentando juntos a mesma escola. Enquanto Yaqub era estudioso e comprometido, Omar era ousado e despreocupado. Este último constantemente desafiava os colegas de escola, incluindo Yaqub, a brigarem no pátio, exibindo sua força e arrogância. Além disso, Omar também instigava competições para ver quem conseguia subir mais alto nos galhos das árvores, despertando um fascínio em Yaqub, que era mais medroso e tímido. Ao mesmo tempo em que Yaqub admirava Omar por sua destreza, também nutria um sentimento de ódio em relação a ele, pois via em seu irmão seu duplo, mas ao mesmo tempo, alguém completamente diferente.

Sentia raiva, de si [...] sentia raiva da sua impotência e tremia de medo, acovardado [...] mas não deixava de admirar a coragem de Omar. Queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto de sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça cheia de calombos [...] (Hatoum, 2006, p. 14).

É possível notarmos com esta citação que a rejeição da mãe deixou profundas marcas na formação de Yaqub, pois ele não se sentia amado; via em seu irmão Omar as mesmas características físicas de gêmeos idênticos, mas não possuía a confiança,

a força e a impetuosidade que existiam nele, culpando-se cada vez mais por essa situação, de modo que seu rancor crescia ao se ver preterido pela mãe e por se sentir fraco e acovardado perante as peripécias do irmão, o que nos remete às reflexões de Antony Giddens (2002), quando, ao tratar sobre a confiança, pondera:

A confiança, afirmo, é um fenômeno genérico crucial do desenvolvimento da personalidade e tem relevância distintiva e específica para um mundo de mecanismos de desencaixe e de sistemas abstratos. Em suas manifestações genéricas, a confiança está diretamente ligada à obtenção de um senso precoce de segurança ontológica. A confiança estabelecida entre uma criança e os que cuidam dela instaura “inoculação” que afasta ameaças e perigos potenciais que até mesmo as atividades mais corriqueiras da vida cotidiana contêm. A confiança nesse sentido é fundamental para um “casulo protetor” que monta guarda em torno do eu em suas relações com a realidade cotidiana. “Põe entre parênteses” ocorrências potenciais que, se seriamente contempladas, produziriam uma paralisia da vontade ou uma sensação de engolfamento. Em sua forma mais específica, a confiança é um meio de interação com os sistemas abstratos que esvaziam a vida cotidiana de seu conteúdo tradicional ao mesmo tempo, em que constroem influências globalizantes. A confiança gera aquele “salto de fé” que o envolvimento prático demanda (Giddens, 2002, p. 11).

Tomando tais parâmetros para associarmos ao romance, podemos constatar que Yaqub foi profundamente afetado em sua confiança e desenvolvimento de personalidade devido à falta de segurança transmitida pelos pais, privando-o do que Giddens denomina de “casulo protetor” - um ambiente que proporciona proteção contra ameaças e perigos em potencial. O autor ressalta que a confiança, nesse contexto, atua como uma salvaguarda contra o medo e a insegurança, permitindo que as pessoas se engajem de maneira mais eficaz e segura em atividades práticas. Destaca-se ainda que a confiança é essencial para ousar dar um “salto de fé” necessário para se envolver de forma prática em situações complexas.

Ao adentrarmos na adolescência do personagem Yaqub, observamos um agravamento das deformações emocionais e traumas vividos, refletindo-se em seu comportamento recluso e introspectivo. O isolamento em seu quarto, onde passa horas estudando sozinho, demonstra sua tentativa de lidar com sua dor e dificuldades emocionais. Apenas Domingas, sua “ama” e amiga de infância, consegue perceber seu sofrimento, indicando a formação de uma barreira que o impede de se conectar com outras pessoas e se abrir para o mundo exterior.

Na obra *A Personagem de Ficção* (1976), Antonio Candido apresenta reflexões que convergem com a análise que realizamos acerca da personalidade inicial de Yaqub, tal como construída por Milton Hatoum.

Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida variando de acordo com o tipo ou com as condições de conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre delimitando a curva de sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais física do que nós. E isso não quer dizer que seja menos profunda; mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador (Candido, 1976, p. 44).

Antonio Candido em seu ensaio de 1976, destaca que enquanto na vida real conseguimos entender as pessoas de maneira fluida, considerando suas complexidades, quando se trata de personagens fictícios, os autores criam seres que aparentam ser ilimitados, mas que, na verdade, são delineados por suas próprias limitações preestabelecidas pelo autor.

Ao construir de maneira coesa a existência dos personagens e conferir a eles uma lógica interna, o autor não diminui a riqueza, complexidade ou profundidade deles, pois, segundo Candido sugere, a coerência interna proporciona aos personagens fictícios uma dimensão única, permitindo que eles se tornem entidades significativas dentro da narrativa. Assim, apesar de sua origem controlada pelo autor, os personagens não perdem sua profundidade emocional e psicológica, oferecendo aos leitores uma perspectiva rica para explorar questões humanas por meio das lentes da ficção. Assim, no romance, os personagens são mais fáceis de se compreender porque se mostram mais que o ser humano.

Na trama ficcional, Yaqub passa por marcos importantes, conforme argumentado pelo narrador Nael. Um desses momentos chama bastante atenção, como na primeira briga que quase terminou em tragédia - a disputa por Lívia. No momento da briga, ambos tinham 13 anos, quando ocorre uma mudança significativa nos eventos, visto que as competições e brigas de garoto, que antes resultavam em meros arranhões e ofensas entre ele e Omar, atingem um nível de vida e morte,

deixando Yaqub com uma cicatriz no rosto, marcando definitivamente o rompimento entre os dois gêmeos e os transformando em inimigos declarados.

Ao longo da obra fica evidente que o objeto de disputas que antes era o amor e a atenção da mãe, passa a ser o amor de Lívia. No entanto, Yaqub é mais uma vez preterido pela mãe, que decide mandá-lo para fora de casa com o objetivo de resolver as brigas entre os dois irmãos. Yaqub é enviado para o Líbano, durante a Segunda Guerra Mundial (1945), e se questiona o porquê de ter sido escolhido para partir por tanto tempo, enquanto Omar permanece em casa. Esse episódio traz à tona novamente a questão da preferência materna, que gera um sentimento de injustiça em Yaqub. Ele sabe, no fundo de sua alma, que a mãe escolheu mandá-lo embora porque via nele a causa das brigas, e não em Omar, essa realidade o atormenta. A decisão da mãe acaba por afetar profundamente a vida de Yaqub, marcando sua personalidade e sua forma de ver o mundo.

Nesse cenário, a obra retrata de forma contundente a desestruturação familiar e a imperfeição da imagem idealizada de uma família exemplar. A incapacidade dos pais em resolverem os conflitos entre os filhos, mesmo que aparentemente banais, como as brigas infantis e a disputa por um suposto amor, adquire uma relevância marcante na narrativa, evidenciando a fragilidade dessa instituição social. Esses desentendimentos culminam no colapso das relações entre os irmãos, intensificando a rivalidade e a mágoa mútua, deixando como legado uma cicatriz emocional que afeta a todos os membros da família.

Assim, ao invés de ser um ambiente de amor, proteção e segurança, a família torna-se um campo de batalha onde os filhos lutam desesperadamente pela atenção e aprovação dos pais. Essa dinâmica disfuncional na família é claramente reflexo dos efeitos nocivos da preferência materna e da falta de habilidade dos pais em lidar com os conflitos interpessoais de maneira adequada, de modo que, na ficção, as consequências desses problemas são duradouras e profundas, afetando a vida de Yaqub e de seus familiares em diversos aspectos.

Nessa perspectiva, a obra apresenta uma análise profunda das complexidades e nuances das relações familiares e da psicologia dos personagens. Por meio do desenvolvimento cuidadoso dos personagens, o autor cria uma trama rica e envolvente, que nos leva a refletir sobre questões universais como amor, rivalidade, culpa e o impacto das dinâmicas familiares em nossas vidas. Dessa forma, o romance *Dois Irmãos*, com sua narrativa complexa e emocionante, se destaca como uma obra

literária que transcende a simples descrição de eventos, e nos convida a mergulhar nas profundezas da alma humana e nas complexidades das relações familiares.

A atitude de Zana em mandar Yaqub para o Líbano pode ser interpretada como uma forma de punição, imposta em sequência de três eventos. Primeiramente, ele foi forçado a abandonar sua residência e se estabelecer em uma nação estrangeira, mesmo que esse país fosse o local de origem de seus pais. Em segundo lugar, Yaqub foi compelido a se mudar para uma localidade sob a ameaça de conflitos bélicos, colocando-o em uma situação potencialmente perigosa. Ademais, a terceira punição implicou na separação de Lívia, cuja proximidade com Omar poderia ser intensificada pela ausência dele.

As ações subsequentes de Zana podem ser interpretadas como um reflexo de seu desespero desproporcional e também como uma tentativa de encontrar sossego para Halim diante das crescentes tensões entre seus filhos no ambiente familiar. No entanto, a decisão de enviar Yaqub para o Líbano foi muito prejudicial e extrema, acarretando em potenciais consequências negativas para a vida do jovem. A situação no Líbano como mencionado na narrativa, estava repleta de conflitos, mas tal fato não parece ter sido levado em consideração pelos pais ao tomarem aquela decisão, expondo Yaqub a possíveis riscos à sua integridade física e emocional.

Ademais, a separação entre Yaqub e Lívia pode ser interpretada como uma demonstração de falta de empatia e consideração pelos sentimentos e necessidades emocionais do filho. Embora seja compreensível que os pais busquem solucionar conflitos entre seus filhos, essa decisão pode ser percebida como imprudente e motivada pelos próprios desejos e emoções de Zana, em detrimento de uma análise cuidadosa da situação em sua totalidade. Yaqub, então se torna por cinco anos o exilado – exilado de sua terra natal, o Brasil, exilado de sua casa e do amor de Lívia e um exilado também em sua solidão.

O distanciamento forçado de Yaqub de seu ambiente familiar e das experiências que lhe proporcionavam prazer, como sua vida simples em Manaus, desfrutando da natureza e compartilhando momentos com sua amiga e “ama” Índia Domingas, bem como o espaço acolhedor e seguro de sua casa, onde encontrava conforto e proteção familiar, representou uma mudança abrupta e drástica em sua vida. Ao ser levado ao Líbano e viver em condições precárias em um porão, sujeito às intempéries daquele lugar, Yaqub foi privado de seus laços afetivos e submetido a uma realidade de miséria e isolamento.



Em Beth Brait (1985), as personagens estão classificadas como planas ou esféricas/redondas, conforme estabelecido por Edward Forster, no livro *Aspectos do romance* (1998), o que significa que elas são mais complexas, multifacetadas e apresentam uma maior profundidade psicológica.

As personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. Para exemplificar, poderíamos recorrer ao elenco das personagens criadas pelos bons escritores e que permanecem como janelas abertas para a averiguação da complexidade do ser humano e potência da escritura dos grandes narradores (Brait, 1985, p. 42).

Seguindo os apontamentos da autora, podemos compreender que a personagem Yaqub é extremamente complexa, apresentando características de uma personagem redonda. Ao longo da narrativa, Yaqub passa por uma série de eventos intrínsecos que provocam transformações em sua personalidade. Todavia, essas mudanças não podem ser interpretadas como positivas, pois se manifestam por meio de momentos marcados por tristeza e solidão. O personagem experimenta um sofrimento profundo e, infelizmente, não consegue extrair aspectos positivos dessas experiências adversas, resultando em um projeto de vingança e revanche, dirigido não apenas contra seu irmão, mas contra toda a sua família, a quem secretamente culpa pelos infortúnios que vivenciou.

Um trecho da narrativa que ilustra essa intensidade do sofrimento de Yaqub é: “Um primo de Talib que visitara [...] Yaqub no porão de uma casa”. Traz notícias para a família e diz: “Estava sozinho e lia um livro sentado no chão, onde havia um monte de figos secos” (Hatoum, 2006, p. 23). A única notícia que tiveram dele até seu retorno, ele nunca escrevera aos pais e vice-versa.

Essa imagem mostra o estado de penúria em que Yaqub se encontrava durante seu exílio no Líbano. O fato de seu parente apenas observá-lo e partir, sem oferecer qualquer ajuda ou empatia diante de sua situação, demonstra o grau de abandono e isolamento emocional que Yaqub enfrentava.

Seguindo as reflexões de Bachelard (1958) na toponímia, um campo de estudo psicológico e sistemático que se volta para a exploração dos lugares físicos que compõem nossa vida íntima, podemos compreender a trajetória estética de Yaqub

durante seu período de exílio e solidão. Nesse contexto, afastado dos devaneios e das recordações de sua casa natal, ele se recolhe profundamente no porão de seu inconsciente. Essa esfera recôndita e subterrânea emerge como um espaço em que Yaqub assume uma figura enigmática e taciturna, buscando forças para confrontar suas dores mais abissais, enquanto espera introspectivamente a chegada do dia de seu retorno.

[...] a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa e todas as outras não são mais que variações de um tema fundamental. [...] a casa natal mais que um protótipo de casa é um corpo de sonhos. [...] a casa, o quarto, o sótão, o porão em que estivemos sozinhos, dão aos quadros para um devaneio interminável (Bachelard, 1958, p. 207).

De acordo com Bachelard (1958), o porão é o espaço habitado pelas potências subterrâneas, e o homem, quando se sente ameaçado por um ladrão, pode visitar todos os cômodos de sua casa, mas reluta em averiguar o porão, ambiente percebido como obscuro, mesmo em plena luz do dia, e mofado, apesar da presença de luz. Na narrativa de Hatoum (2006), essa representação encontra uma complementação no que diz respeito a Yaqub: “Ele se sofisticava, preparando-se para dar o bote: minhoca que se quer serpente, algo assim” (2006. p. 45).

Mas Bachelard (1958) também defende que a casa em sua estrutura simbólica e física é um local de proteção: “Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é o corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano” (1958, p. 201). Nesse sentido, ao analisarmos o percurso de Yaqub na narrativa, podemos perceber que esse senso de proteção é gradualmente perdido, e ele se torna um nômade, errante em busca de sentido e pertencimento.

Quando Yaqub é afastado de sua casa e família, obrigado a viver em meio a uma nação estrangeira assolada pela guerra, ele experimenta a privação dessa proteção que a casa representa. Essa experiência de exílio e solidão o transforma em um ser deslocado, sem um lugar para chamar de lar. Mesmo ao retornar, ele não mais encontra na casa de seus pais o aconchego e proteção que antes existia. Suas relações com a família se tornam tensas e marcadas por conflitos constantes, principalmente com seu irmão Omar.

Yaqub, então, decide deixar Manaus novamente e se estabelecer em São Paulo, afastando-se definitivamente da cidade onde cresceu. Essa escolha também evidencia seu distanciamento do lar e da família, recusando qualquer tipo de ajuda ou apoio oferecido por eles. Em suas poucas visitas a Manaus, ele prefere evitar encontros com Omar e com isso os confrontos, buscando refúgio em hotéis ao invés da casa de seus pais, que já não mais representa um lugar de aconchego e proteção para ele.

Partindo de todos esses pressupostos, chegamos ao entendimento de que Yaqub parece ser um desses personagens carregados de culpa, pois se sente diferente e preterido ao longo de sua juventude e vida adulta, não apenas pela mãe, mas também pelo pai. No entanto, ao mesmo tempo, ele demonstra uma força de resistência, dedicando-se como jogador de damas e como matemático, traçando minuciosamente seu plano de vingança. Incapaz de perdoar seus pais pela preterição, abandono e castigo, Yaqub carrega dentro de si um ódio avassalador por seu irmão, a quem ele culpa por toda sua trajetória de infelicidade.

Nesse sentido, no Capítulo “A Família Des-estruturada”, empreendemos uma análise detalhada acerca da vingança prometida e aprofundamos nossa análise sobre a saga das questões conflituosas que permeiam o núcleo familiar.

Mas, ainda no enredo, Hatoum também mostra uma forte ligação da personagem Yaqub com o contexto histórico apresentado dentro do cenário a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), passando pelas consequências do regime militar brasileiro dos anos de 1960, com a seguinte chamada em sua obra:

QUANDO YAQUB CHEGOU DO LÍBANO, o pai foi buscá-lo no Rio de Janeiro. O cais da praça Mauá estava apinhado de parentes de pracinhas e oficiais que regressavam da Itália. Bandeiras brasileiras enfeitavam o balcão e as janelas dos apartamentos e casas, rojões espocavam no céu, e para onde o pai olhava havia sinais de vitória (Hatoum, 2006, p. 11).

Os soldados brasileiros que lutaram contra a Alemanha nazista e seus aliados retornaram da Itália vitoriosos, marcando o fim da Segunda Guerra Mundial (1945). Esse momento foi caracterizado por um clima de festa, euforia, glória e muita emoção, especialmente para as famílias que reencontravam seus filhos que haviam partido para a guerra. Todavia, outras famílias sofriam pela perda daqueles que partiram e não voltaram vivos. Nesse contexto de enfrentamento de adversidades, Yaqub

também chegava ao Brasil, proveniente do Líbano, trazendo consigo poucos pertences e se sentindo meio assustado com tudo o que estava acontecendo, ao mesmo tempo em que experimentava a saudade de sua terra natal após cinco anos longe de todos.

Ao enfrentar um ambiente desconhecido, tanto Yaqub quanto os soldados foram expostos a situações extremas de adversidade e violência, o que pode ter deixado marcas profundas em suas vidas. O fato de terem sido obrigados a partir, sem escolha ou voz ativa, pode ter gerado um sentimento de impotência e perda de controle sobre suas próprias vidas. Mas, Yaqub, ao longo da narrativa, apresenta-se como uma personagem transformadora, adequando-se à sua maneira e se adaptando em busca de sua vingança contra o irmão e toda a família.

Após o término da Segunda Guerra, o Brasil ainda estava sob o governo de Getúlio Vargas - Estado Novo (1937-1945), que logo foi deposto. No ínterim da guerra, o governo, por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), convocava o povo do Estado do Amazonas para a chamada “Batalha da Borracha”, como afirma Ana Pizarro:

O destino dos homens eram os seringais, mas, para efeitos do recrutamento, foram convocados através de um discurso de combate, como tropas de guerra, soldados da borracha [...] (Pizarro, 2012, p. 160).

A convocação para a “Batalha da Borracha” durante o período da Segunda Guerra Mundial no Brasil teve repercussões negativas significativas, entre elas o emprego de trabalho forçado e a exploração da mão de obra dos seringueiros. Essa estratégia governamental resultou em condições precárias para os trabalhadores e levou ao surgimento de doenças decorrentes da exposição prolongada à floresta amazônica. A análise desses eventos históricos é objeto de estudo e discussão por diversos autores e pesquisadores, que ressaltam a exploração laboral e a violação dos direitos humanos como elementos cruciais durante essa fase da história brasileira.

De acordo com Ana Pizarro (2012), a propaganda de convocação para a “Batalha da Borracha” era frequentemente divulgada por meio de microfones em várias cidades brasileiras, atraindo mais de cinquenta mil trabalhadores entre os anos de 1943 e 1945, tanto homens quanto mulheres, a maioria deles nordestinos. Esses

trabalhadores foram enviados para diversas áreas dentro da floresta amazônica para atuarem na extração da borracha, porém em condições precárias e desafiadoras.

Nas trincheiras da batalha da borracha milhares de “soldados” perderam suas vidas pelas enfermidades que os debilitava, sem receber a mínima assistência, abandonados pelos “comandantes” no meio da “batalha”, vítimas do descaso do governo e seus representantes, além de ter lutado toda a vida (Pizarro, 2012, p. 163).

A propaganda veiculada de forma itinerante pelas cidades do Estado do Amazonas tinha como objetivo mobilizar os brasileiros, com especial ênfase nos amazônidas, para enfrentar duas batalhas distintas: a guerra contra o nazismo e a batalha pelo desenvolvimento interno do Estado do Amazonas.

Yaqub, influenciado por essa poderosa narrativa propagandística e pela ideologia nacionalista que enfatizava a identidade e o amor à pátria, sentiu-se atraído por esse cenário. Em tenra idade, ele já tomava decisões que se posicionavam frente à sua família, abraçando as convicções que a propaganda lhe inspirara.

Numa manhã de agosto de 1949, dia do aniversário dos gêmeos, o Caçula pediu dinheiro e uma bicicleta nova [...] Yaqub recusou o dinheiro e a bicicleta. Pediu uma farda de gala para desfilarem no dia da Independência. [...]. Já era garboso à paisana, imagine de farda branca com botões dourados, a ombreira enfeitada de estrela, o cinturão de couro com fecho prateado, a polaina, a luva branca, a espada reluzente que ele empunhou diante do espelho da sala. [...] O espadachim marchava à frente da banda e dois pelotões, sozinho recebendo aplausos e elogios (Hatoum, 2006, p. 31-32).

A figura de Yaqub despertava admiração na cidade de Manaus, onde os moradores se reuniam para observar aquele jovem esguio, moreno e bonito, marchando com firmeza e assemelhando-se a um soldado da Coroa Inglesa. Durante os desfiles de 07 de setembro, marcados por um sentimento de nacionalismo, progresso e desenvolvimento advindos da capital do país, Yaqub se destacava como um dos melhores representantes da cidade. O público o aplaudia entusiasticamente, acenando bandeiras de felicidade.

De acordo com Hatoum (2006), nesse cenário, “Yaqub e o Brasil pareciam ter um futuro promissor” (p. 96), mas esse aparente otimismo estava inserido em uma “era obscura”, revelando um paradoxo em relação à vida de Yaqub e ao próprio sistema de governo vigente no Brasil naquele período, assim como nos rumos incertos

que o país e o jovem protagonista estavam enfrentando. A metáfora utilizada pelo autor sugere que, apesar da aparente grandiosidade e esperança, tanto o Brasil quanto Yaqub estavam em busca de suas identidades e destinos, caminhando por uma trajetória incerta e nebulosa.

Capelato (1999) pontua que a propaganda nazifascista tinha o propósito de provocar emoções intensas nas massas, como expresso nos preceitos de Hitler em *Mein Kampf*: “a arte da propaganda consiste em ser capaz de despertar a imaginação pública fazendo apelo aos sentimentos, encontrando formas psicologicamente apropriadas que chamam atenção das massas e tocam os corações” (Guyot; Restellini, 1983 apud Capelato, 1999, p. 168). O governo de Vargas, segundo a pesquisadora, foi influenciado e inspirado pelos regimes da Alemanha e da Itália, adaptando essas influências à realidade brasileira, especialmente no que se refere à educação e às celebrações cívicas e esportivas.

Em entrevista concedida por Hatoum a Maged El Gebaly (2010), ao ser questionado sobre a ditadura militar brasileira abordada em sua obra *Dois Irmãos*, o autor responde:

No *Dois irmãos*, a ditadura militar está presente, há a morte de um poeta, um professor de francês assassinado pela repressão. Um dos irmãos acredita na política desenvolvimentista, no progresso a todo custo, acredita nessa enganação que foi o regime militar, o milagre econômico. Então, são coisas importantes para os livros, mesmo porque o romance precisa trabalhar com o sentido da história. O romance não pode ser uma coisa totalmente solta no tempo (Hatoum, 2010, p. 3).

Em termos literários, Hatoum (2006) retrata a admiração e simpatia de Yaqub pelo sistema político vigente na época, o que fica evidente por meio das fotografias que ele enviava à sua família quando se afastou novamente para residir em São Paulo. Nessas imagens, Yaqub aparece engajado nas atividades do Exército, vestindo seu traje de oficial, o que pode ser interpretado como um testemunho eloquente de suas escolhas políticas e pessoais.

Em São Paulo, Yaqub segue o ritmo desenvolvimentista da época e ingressa na Escola Politécnica, tornando-se um engenheiro em estrutura. Durante uma visita à sua família em Manaus, ele observa as práticas comerciais arcaicas adotadas por seu pai e as critica, afirmando que tais métodos não permitiriam progresso. Comentários como “Assim você não vai muito longe” e “Manaus está pronta para crescer” (Hatoum,

2006, p. 87-147) revelam um olhar crítico de Yaqub voltado para a eficiência econômica, valores que também se alinhavam ao discurso do desenvolvimentismo da época.

Nessa nova fase, Yaqub se revela distante da submissão, da ingenuidade e da insegurança que o caracterizavam anteriormente. Agora, detentor de um título de doutor e em uma posição financeira próspera, ele acredita firmemente que o comércio arcaico de seu pai não será capaz de prosperar diante do cenário emergente. Com Rânia como sua parceira nesse intento, Yaqub planeja trazer a modernidade para Manaus, sem buscar consentimento ou aprovação do pai. Tal atitude denota um claro enfrentamento às práticas comerciais tradicionais da família, marcando uma mudança significativa em sua postura.

Mas Halim tinha uma visão conservadora e rebatia: “Para que ir tão longe? E o prazer do jogo, da conversa? ” (Hatoum, 2006, p.87), assim como todos os moradores da cidade flutuante que refutavam qualquer tipo de ideia que pudesse mudar seu ritmo de vida, pois estavam presos a seus hábitos e costumes arraigados a um sentimento de apego a uma forma de vida que lhes é familiar.

No contexto da narrativa, percebemos a existência de duas Manaus distintas, cada qual com seu modelo de vida cotidiana. De um lado, havia a Manaus influenciada pelas notícias de modernidade provenientes de Paris, frequentemente referida como “a Paris dos trópicos”. Por outro lado, existia a Manaus da cidade flutuante, habitada por ribeirinhos e imigrantes, que preservavam um estilo de vida tradicional, distante da modernidade adotada em outros locais.

Essa dualidade de cenários evoca a reflexão proposta por Norbert Lanchner (1982), em seu estudo sobre a vida cotidiana em Santiago, citado por Canclini (2019), que enfatiza a ideia de habitar as cidades como uma forma de “isolar um espaço próprio” p. 286. Nesse sentido, podemos inferir que cada segmento da população de Manaus ocupava seu espaço de forma particular, delimitando seus próprios universos cotidianos, em que tradição e modernidade interagiam de maneiras distintas.

No transcorrer da narrativa, Yaqub demonstra grande simpatia pela ideia de modernização e pela transformação da cidade flutuante. Segundo os empreendedores midiáticos, tal localidade representava um empecilho para o projeto de modernidade de Manaus, sendo considerada um entrave ao desenvolvimento da cidade. Para Yaqub, destruir a cidade flutuante significava eliminar um ponto de referência que

nutria o coração de seu irmão Omar, local onde este passava a maior parte do tempo e se entregava às suas indulgências.

Apesar da resistência de Halim quanto à mudança em seu tipo de comércio, Yaqub persiste em seus desejos e não se deixa abater pelos sentimentos do pai. Em parceria com Rânia, sua irmã, que também compartilha da ideia de progresso a todo custo, ele promove alterações no negócio paterno. Por meio de reformas na fachada e uma mudança no foco da mercadoria, deixando de vender artigos comuns e passando a oferecer produtos de luxo e moda, diretamente enviados de São Paulo por Yaqub.

Canclini (2019) destaca a importância da modernidade e seus impactos na tradição de modelos de negócio, salientando que “não se pode trocá-los por outros, como quem desloca um depósito de um banco a uma empresa financeira, passando de um ramo de produção ao seguinte. Há uma carga afetiva investida, um luto a fazer quando é perdida” (Canclini, 2019, p. 363). Ou seja, a tradição carrega consigo um forte componente afetivo, e quando ocorre uma mudança brusca, é necessário enfrentar um processo de luto pela perda das antigas práticas.

Na narrativa, esse luto é claramente atravessado por Halim, quando ele se distancia da sua loja e se entrega a outras atividades, como beber e jogar com os amigos da cidade flutuante. O sótão, repleto de quinquilharias que não são mais vendáveis, como narra Nael: “Nos últimos anos de sua vida, Halim conviveu com essa paisagem sozinho no pequeno depósito de coisas velhas, entregue aos meandros da memória” (Hatoum, 2006, p.137). Observa-se, assim, que a mudança trazida pela modernidade causa transformações profundas tanto no comércio da família quanto na própria identidade e subjetividade de Halim.

Nessa perspectiva, a atitude de Yaqub e Rânia reflete uma tensão intrínseca entre tradição e modernidade, uma temática recorrente em diversos contextos históricos e culturais presentes na obra. A transformação do comércio familiar revela a tentativa de adaptação às novas formas de produção e consumo, mas também introduz um conflito com os valores e modos de vida enraizados na cultura local.

A personagem Yaqub dentro desse cenário histórico, está profundamente imersa em seu contexto pessoal e psicológico. Sob a ótica da teoria de Hannah Arendt (1989), é possível compreender que os movimentos totalitários se caracterizam como organizações massivas de indivíduos atomizados e isolados. A propaganda de massa utilizada pelos governos totalitários buscava conquistar a total lealdade dos indivíduos,



dirigindo-se a sujeitos desprovidos de associações de classe, isolados de laços sociais como família, amizade, camaradagem, e submetidos à fragilidade perante o poder estatal.

Yaqub, assim, emerge como um exemplar de personagem influenciado por esse ambiente circundante, refletindo a condição de indivíduos atomizados e isolados, características típicas dos movimentos totalitários. Nesse sentido, a narrativa possibilita a compreensão das dinâmicas sociais e políticas que marcaram o período histórico em que se desenvolve, bem como uma apreensão mais profunda das experiências do personagem, incorporando tanto os elementos mais amplos das dinâmicas sociais e políticas quanto as experiências individuais e familiares, o que nos convida a refletir sobre as implicações desses processos na vida dos indivíduos, ampliando a compreensão do contexto histórico e psicológico em que Yaqub se insere.

## 1.2 Omar

Dane-se! Danem-se todos, vivo a minha vida como quero.

(Hatoum, 2006, p. 27).

Em sua obra *Dois Irmãos* (2006), Milton Hatoum destaca a relevância de seu personagem Omar ao dedicar-lhe um capítulo integral, iniciando-o com a seguinte frase:

NA VIDA DE OMAR aconteciam lances incríveis, ou ele os deixava acontecer, como quem recebe de mão cheia um lance de aventura. E não há seres assim? Pessoas que nem carecem de buscar o lado fantasioso da vida, apenas se deixam conduzir pelo acaso, pelo inusitado que assoma nas ventas (Hatoum, 2006, p. 83).

A trajetória de Omar na trama é marcada por uma série de privilégios dentro do ambiente familiar, que começaram desde o seu nascimento. Nesse momento, a mãe Zana fez uma escolha em favor do filho, pois percebeu nele uma certa fragilidade de saúde, fato que gerou conflitos de preterição em relação ao outro filho, Yaqub, também em relação ao pai Halim. A escolha de Zana por Omar pode ser vista como um exemplo de como a maternidade pode ser uma construção social influenciada por normas e expectativas culturais. Essas questões podem inclusive ser analisadas

dentro de um contexto mais amplo de estruturas familiares patriarcais e de poder dentro da cultura árabe, que pode ter influenciado as decisões e ações de Zana.

De acordo com Freud (1976 [1908-1909]), em *Romances familiares*, “os pais constituem para a criança pequena a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos” (Freud, 1976, p. 241) [...], “contudo, ao desenvolver-se intelectualmente, a criança acaba por descobrir gradualmente a categoria a que seus pais pertencem” (Freud, 1976, p. 241). Considerando tais colocações, verificamos na narrativa hatouniana que Omar desafia a autoridade de seu pai Halim desde criança, ao perceber nele, como colocado por Freud, a falta de autoridade e força para governar a casa. É importante lembrar que esse período se refere ao século XIX, quando o homem exercia seu poder patriarcal em plenitude, mas Halim se colocava de forma diferente perante a autoridade de Zana; permitia que ela comandasse tudo, a casa, o comércio e os filhos.

Tânia Pellegrini (2004) faz uma análise das personagens femininas Emilie e Zana nas duas obras de Hatoum, *Relato de um Certo Oriente* (1989) e *Dois Irmãos* (2006), e verifica que:

Em Dois irmãos, Zana, a mãe dos gêmeos [...]. São essas mulheres que decidem os rumos da família, enquanto o destino inexorável não lhes toma as rédeas das mãos. As figuras femininas, portanto, são o centro difusor da ação e das narrativas. Por elas passam as decisões, as lembranças e o passado da família. Elas só não dominam o futuro, dado por outras coordenadas. O mundo dos homens é mais direto e aberto e, sem que eles tenham muita consciência disso, os fios de suas vidas são tecidos pelas escolhas feitas por elas. Pode-se mesmo dizer que as mulheres são causa e os homens consequência; elas são matrizes e nutrizes da vida e dos textos, mesmo quando não são narradoras principais (Pellegrini, 2004, s.p.).

No contexto da obra de Hatoum, Pellegrini enfatiza o poder que as matriarcas exercem nas tramas, irradiando sua influência para todos os demais personagens, atuando como um núcleo de ações que desencadeiam efeitos significativos em sua construção.

Nessa perspectiva, podemos compreender que, ao longo da trama em estudo, Zana exerce uma influência gradual que desencaminha a vida do personagem Omar, resultando em um aumento do sofrimento tanto para ele quanto para ela, bem como para os demais membros da família. Nesse contexto, as ideias de Freud (1996 [1923-1925]) sobre o negligenciamento parental ganham relevância. O autor aborda a

possibilidade de uma criança se sentir desfavorecida em relação a um ou ambos os pais, quando percebe ou sente que não está recebendo o amor necessário. De acordo com Freud, “o menino tem maiores tendências a sentir impulsos hostis contra o pai do que contra a mãe, tendo um desejo bem mais intenso de libertar-se dele do que dela” (Freud, 1996 [1909], p. 1).

Nesses termos, a construção da personalidade de Omar, inserida no enredo de Hatoum, não atribui responsabilidades exclusivamente à Zana, já que Halim também pode ser considerado responsável, pois negligenciou Omar ao manifestar rejeição por ele. Essa rejeição, por sua vez, alimentou um efeito de competitividade entre os filhos pelo amor e atenção de Zana, especialmente porque Halim não desejava ter filhos, tornando Omar o preferido dela. Nesse contexto psicológico, Halim fazia comparações entre os filhos, sempre destacando as qualidades de Yaqub em detrimento das de Omar, como observado na passagem em que Omar ouviu e ecoou a frase proferida pelo pai: “Eu disse? Só cabeça, só inteligência, e isso o nosso Yaqub tem de sobra” (Hatoum, 2006, p. 25).

O impacto dessa frase se faz presente ao longo da narrativa, ecoando nas ações de Omar, que a repetia desafiadoramente ao pai em momentos de confronto: “Foi o que ele gritou ao ser expulso do colégio. Gritou várias vezes na presença do pai, desafiando-o, rasgando a farda azul, a voz impertinente dizendo: ‘Acertei em cheio o professor de matemática, o mestre do teu filho querido, o que só tem cabeça’” (Hatoum, 2006, p. 27).

Em relação ao irmão mais velho, Yaqub, observa-se que Omar percebe nele a personificação de um intruso, percepção que pode ser interpretada à luz da teoria psicanalítica do complexo de Édipo, uma estratégia para lidar com conflitos emocionais e psicológicos. A teoria da personificação do intruso, proposta por Freud (1996 [1909]), descreve a tendência de atribuir culpa a uma entidade externa como uma forma de minimizar a responsabilidade do ego em relação aos conflitos internos.

Nessa linha de entendimento, conforme Freud (1996 [1909]), o complexo de Édipo representa uma fase crucial no desenvolvimento psicosssexual humano, na qual a criança inicia a construção de sua identidade sexual e o desenvolvimento do superego, a parte da personalidade que internaliza as normas e valores da sociedade.

Nesse contexto, Freud (1996 [1909]) também reconheceu que o complexo de Édipo pode gerar sentimentos de culpa e conflitos psicológicos na criança, uma vez que a realização de seus desejos é socialmente proibida e moralmente reprovável.

Por essa razão, o autor enfatizou que a resolução bem-sucedida do complexo de Édipo é fundamental para o desenvolvimento psicológico saudável e a formação de relacionamentos amorosos e saudáveis na vida adulta.

De acordo com a narrativa de Hatoum, a vivência de Omar em seu ambiente familiar é caracterizada por um contexto marcado por privilégios e proteção proporcionados por sua mãe, Zana. Nessa perspectiva, a progenitora tinha o hábito de minimizar as transgressões cometidas por seu filho, oferecendo-lhe amparo e justificando suas ações perante Halim e outros indivíduos próximos. Alegava que Omar necessitava de compreensão e proteção, apesar de o próprio Omar demonstrar-se indiferente ao esforço maternal.

Essa postura de Omar, por sua vez, desempenhava um papel disruptivo no convívio familiar, resultando em uma vida desordenada, sem comprometimento e alienada das questões sociais que permeavam a comunidade manauara em que os personagens estavam inseridos. O comportamento do personagem criava desequilíbrio no âmago da estrutura familiar, gerando conflitos e ressentimentos entre os membros da família. Sua falta de adesão às normas sociais e valores familiares representava uma ameaça à coesão do grupo familiar, reforçando a personificação de Omar como um elemento intrusivo na dinâmica da família, refletindo, assim, o impacto de indivíduos desajustados no contexto comunitário.

As atitudes transgressoras de Omar também afetavam negativamente sua vida escolar desde cedo, manifestando-se em desafios às autoridades escolares, brigas com outros alunos e com seu irmão Yaqub, e constantes conflitos com seu pai Halim, causando irritação contínua neste último. Tais condutas disruptivas refletiam sua personalidade desregrada e descompromissada, que entrava em contraste com as expectativas sociais da comunidade manauara. A desordem que permeava diversos aspectos de sua vida demonstrava a dificuldade de Omar em se adaptar aos padrões normativos da sociedade, tornando-o um indivíduo problemático. Entretanto, esses comportamentos não se apresentam de forma aleatória, pois têm raízes em sua história de vida e no contexto social em que está inserido.

A maior parte da narrativa retrata Omar em companhia de bêbados, mendigos, prostitutas, trabalhadores do porto, moradores ribeirinhos e imigrantes, que habitavam e transitavam pela cidade flutuante<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Segundo Milton Hatoum, as casas de madeira eram erguidas sob o Rio Negro em torno do porto e formavam a cidade flutuante, ele a descreveu assim: "O labirinto de casas erguidas sobre troncos

“A cidade flutuante” de Milton Hatoum retrata um cenário insalubre, decadente e multicultural, no qual pessoas de diversas origens étnicas convergem para essa região. A cidade é habitada por indivíduos de diferentes nacionalidades, como libaneses, sírios, judeus, nordestinos e amazônidas (caboclos, ribeirinhos, índios, brancos e negros). Nesse espaço, observa-se uma profusão de línguas faladas e compartilhamento de histórias fantásticas envolvendo naufrágios, incestos, armadilhas, paixões, lembranças, dívidas e mortes. Além disso, as condições financeiras e sanitárias dos habitantes eram precárias.

Em suas pesquisas, Leno José Barata (2010) relata um período em que o governo almejou modernizar a cidade de Manaus. Nesse contexto, a cidade flutuante era vista de forma preconceituosa, conforme registrado por um arquiteto contratado para essa finalidade:

A urbanização do caboclo é a sua tragédia, tragédia essa se se reflete, principalmente, em sua habitação [...]. Estes agrupamentos tiveram seu ponto culminante na já famosa cidade flutuante do porto de Manaus. As condições sanitárias precaríssimas e a promiscuidade geram toda sorte de contágios e o caboclo desfigura-se físico e psicologicamente (Barata, 2010, p. 332).

A percepção negativa de certas áreas urbanas não se limita a um período ou local específico, mas sim, é uma representação que se manifestou em diversos contextos ao longo da história. Apesar da existência de argumentos contrários a essa perspectiva, a imagem dessas áreas como locais de desorganização e promiscuidade persistiu em discursos e representações variadas. Na cidade de Manaus, essa percepção foi particularmente forte entre as autoridades que buscavam a modernização da cidade e o fim da chamada Cidade Flutuante.

---

fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminham em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação” (Hatoum, 2006, p. 90). A denominação “Cidade Flutuante” é uma referência ao caráter insular dessa formação urbana, que se estabeleceu sobre as águas do rio Negro. Tal fenômeno de ocupação das águas com casas de madeira pelos habitantes da região, foi tema de estudo e análise em diversas pesquisas, dentre elas, a tese de doutorado de Leno José Barata Souza, intitulada “Cidade Flutuante”: uma Manaus sobre as águas (1920-1967), defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2010. Leno José Barata. “**Cidade Flutuante**”: uma Manaus sobre as águas (1920-1967). Tese (Doutorado em História). – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

A narrativa de Hatoum também retrata a presença de pobreza e miséria na Cidade Flutuante, evidenciando a marginalização e desaprovação social sofridas pelos seus habitantes, que contrastavam com a elite manauara que residia nas áreas urbanizadas da cidade, ocupando casarões adornados com azulejos europeus. Neste aspecto, a cidade flutuante, como retratada na obra, torna-se um microcosmo que evidencia as disparidades sociais, com pessoas marginalizadas e estigmatizadas por não se conformarem aos padrões da elite.

No contexto do romance *Dois irmãos*, a Cidade Flutuante representa um fenômeno histórico e social relevante que se desenvolveu em Manaus, demonstrando a adaptabilidade e criatividade dos seus habitantes. Ademais, ela destaca os desafios enfrentados pelos grupos sociais marginalizados na busca por espaços de sobrevivência e convivência na cidade, como é o caso do personagem Omar, cujas vivências e desajustes são abordados na narrativa em estudo.

Nas palavras de Hatoum (2006): “A cidade estava meio deserta, porque era um tempo de medo em dia de aguaceiro” (2006, p. 143). O melhor amigo de Omar, o Mestre Antenor Laval, professor de francês, com o qual ele passava dias juntos na pensão, lendo e escrevendo poemas, foi humilhado e esbofeteado em praça pública, por policiais do regime militar – seu crime: escrever poemas que dizia sobre “noites aflitas, mundos soterrados, vidas sem saída e escape” e distribuir aos alunos do Colégio Liceu Rui Barbosa, quando em sala de aula ele dizia: “Política é conversa de recreio. Aqui na sala o tema é muito mais elevado” (Hatoum, 2010, p. 143).

A situação descrita por Hatoum (2006) evidencia claramente a repressão política e cultural imposta pelo regime militar vigente na época. O personagem Mestre Antenor Laval se tornou vítima de violência arbitrária meramente por expressar suas ideias através da poesia. A convivência de Omar e Mestre Antenor Laval na pensão, compartilhando dias de leituras e escrita de poemas, destaca a relevância da cultura e da arte como formas de resistência e expressão em um contexto de opressão. Adicionalmente, a declaração do Mestre Antenor Laval de que o tema abordado em sua sala de aula era de maior magnitude que a política, ressalta a importância da educação e do conhecimento como meios de capacitação individual e coletiva em períodos de opressão.

No dia do falecimento do professor, uma série de alunos se reuniu na praça onde ele fora agredido e morto, realizando uma leitura de seus poemas em homenagem ao docente. Dentro deste grupo, Omar se destacou como um dos

participantes mais eloquentes, manifestando intenso sentimento de emoção, tristeza e indignação pela perda do professor. O evento impactou profundamente os pensamentos de Omar, que o levou para um período de reclusão e declínio de sua saúde. Posteriormente, ele elaborou um manifesto intitulado “Contra os Golpistas”, que foi declamado em sua residência.

As atitudes desafiadoras adotadas por Omar podem ser compreendidas como uma forma de enfrentar as adversidades presentes em sua realidade. Seu comportamento representa uma resposta aos estigmas sociais que lhe são impostos, levando-o a adotar posturas de resistência e subversão em relação à ordem estabelecida.

Conforme Ana Pizarro (2012) destaca, o auge da borracha estava diretamente relacionado com o crescimento industrial na Europa e na América do Norte. Entretanto, um evento crucial foi o roubo realizado pelos ingleses, que obtiveram uma grande quantidade de mudas de seringueiras produtoras de látex. A Inglaterra, após pesquisas e estudos sobre essas seringueiras roubadas, passou a produzir mais borracha do que o Brasil, incorporando ainda a produção sintética, o que a tornou uma grande concorrente na venda para outros países, de modo que o aumento da oferta de borracha resultou na queda dos preços no mercado.

Conforme pontuado pela pesquisadora, ao final da Segunda Guerra Mundial, o auge do ciclo da borracha, também conhecido como “ouro branco”, chegou ao seu término. Nesse contexto, o Governo Getúlio Vargas implementou uma estratégia de recuperação econômica denominada “Marcha para o Oeste, o novo eldorado - a batalha da borracha”, realizada entre os anos de 1943 e 1945, com o intuito de revitalizar a economia de Manaus, que estava em um período de escassez. Porém, com a deposição de Getúlio Vargas, o movimento foi interrompido, resultando na concentração de soldados, intitulados “da borracha”, no porto, em busca de trabalho, e culminando com o fim do mito do “*El Dourado*”.

O crescimento desordenado da cidade, atraindo pessoas de diversas origens, tornou Manaus superpopulosa, mas economicamente sem perspectivas futuras. A decadência da cidade era evidente, com a redução de estabelecimentos comerciais e a presença de ambulantes. A diminuição do número de navios que aportavam na cidade e a conseqüente escassez de trabalho contribuíram para a situação precária em que Manaus se encontrava. Seus antigos casarões, outrora imponentes, agora

viviam somente de memórias da *belle époque* da “Paris dos Trópicos”, como descrito por Hatoum (2006).

Noites de blecautes no Norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava à Manaus como sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe de uma era industrial e mais longe ainda do nosso passado glorioso (Hatoum, 2006, p. 96).

De acordo com Verissimo e Pereira (2020), durante o período de enriquecimento dos barões da borracha, estes não direcionaram seus investimentos para outros setores econômicos ou atividades comerciais na região. Dessa forma, a exploração da borracha se tornou a única alternativa de sobrevivência comercial para a área. Logo, quando ocorreu o declínio dessa atividade, muitas famílias deixaram Manaus, abandonando os casarões imponentes que outrora ocupavam as avenidas movimentadas da cidade.

Aquelas que foram obrigadas a ficar não possuíam fonte de renda para manter o mesmo padrão de vida adquirido com os lucros do grande ciclo. Assim, Belém e Manaus entraram em colapso econômico e social no início do século 20; os palacetes foram abandonados, os seringueiros estavam à deriva, sem condições de voltar para o Nordeste, o governo já não conseguia pagar mais os funcionários públicos e a classe média havia perdido empregos e estava empobrecida (Verissimo; Pereira, 2010, p. 98).

Em um período de escassez e pobreza, a cidade flutuante emergiu como uma opção de habitação e fonte de trabalho para a maioria da população, devido à sua capacidade de oferecer uma ampla variedade de produtos e atividades pesqueiras, assemelhando-se a uma feira. Habitantes de outras regiões da cidade também procuravam essa área em busca de alimentos e produtos mais acessíveis.

Nesse contexto, a cidade flutuante se consolidou como um importante centro comercial e de subsistência para a população de Manaus, de acordo com a perspectiva apresentada na obra de Hatoum.

A influência do fator social no processo criativo literário é discutida por Candido em sua obra *A educação pela noite e outros ensaios* (1987). Segundo o autor, a coleta de materiais provenientes de um determinado contexto, influenciado por fatores históricos e sociais, tem um impacto direto na produção literária. A narrativa é



concebida dentro de um contexto específico que engloba pessoas, eventos e ideias inerentes a um determinado período histórico e local. Dessa forma, podemos afirmar, conforme Candido (1987), que a produção literária não é dissociada do ambiente social em que está inserida, mas um produto direto do ambiente que a circunda.

Por esta perspectiva, observamos que o personagem Omar não se identifica com o ambiente em que reside, um casarão adornado com cerâmicas europeias, que já experimentou períodos de glória, mas agora se encontra em ruínas. Ao contrário, ele encontra satisfação e adaptação no ambiente e espaço da cidade flutuante, mesmo tendo acesso a privilégios em sua residência. A realização pessoal de Omar é alcançada ao conviver com indivíduos excluídos pela sociedade, como é observado em vários momentos da narrativa. Essa dissonância entre as expectativas e valores do personagem e seu ambiente de origem pode ser interpretada como uma reflexão tensa das situações sociais e culturais presentes na obra, sendo uma possível crítica à força e superficialidade das normas e convenções impostas pela sociedade da época.

Em suas reflexões sobre a construção literária, Antonio Candido (1976) argumenta que o autor atribui graus de importância distintos às personagens ao longo da obra, delineando tais características por meio de diversas estratégias de caracterização, tais como descrições físicas, ações, diálogos, pensamentos e sentimentos, entre outros elementos. Cada escolha minuciosa visa criar uma imagem completa e multifacetada da personagem, possibilitando sua fácil visualização e compreensão pelo leitor.

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor) (Candido, 1976, p. 44-45).

Ao estabelecer conexões entre o contexto histórico de Manaus e a trajetória de vida de Omar desde seu nascimento, percebemos elementos que rompem com a imagem estereotipada do homem submisso e obediente, característico da época retratada na obra. Dessa forma, o personagem Omar é apresentado como um símbolo de resistência e subversão, desafiando normas e convenções sociais por meio de sua

atitude descompromissada com as imposições da época, incluindo a ordem estabelecida pelas autoridades militares e outros grupos de poder. A rejeição de seu irmão Yaqub reforça sua postura subversiva no ambiente familiar.

Todavia, na narrativa, não podemos ignorar as irresponsabilidades comportamentais de Omar em relação ao núcleo familiar, questão que proporciona uma reflexão sobre a importância da responsabilidade pessoal e das consequências dos atos nas relações familiares e sociais, posto que suas ações causaram profundo sofrimento, especialmente a seu irmão Yaqub, que foi intensamente afetado pelas atitudes de Omar, gerando amarguras e traumas duradouros.

Além disso, é relevante observar como o comportamento de Omar impacta negativamente outros membros da família, prejudicados por suas ações irresponsáveis. A narrativa ressalta, assim, a necessidade de assumir responsabilidade pelos próprios atos e considerar as consequências para as relações familiares e sociais. Nesse sentido, Omar emerge como um personagem problemático, cujas ações geram desequilíbrio na dinâmica do núcleo familiar.

Nessa linha de raciocínio, podemos dizer ainda que a personagem Omar é uma personagem plana, pois, segundo Beth Brait (1985):

As personagens planas são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor (Brait, 1985 p. 41).

A análise de Omar como um personagem plano, segundo os estudos de Beth Brait (1985), revela que o autor construiu um contexto no qual os demais personagens estão intrinsecamente ligados e dinamicamente interagindo com ele. Todavia, não se observa uma evolução significativa do personagem desde o início da trama, abrangendo sua infância, adolescência e idade adulta. Ao longo da narrativa, Omar permanece insatisfeito com sua condição social, demonstrando uma inclinação para se relacionar com os moradores da cidade flutuante, mas o personagem não toma a iniciativa de empreender ações para modificar tal cenário social. No âmbito familiar, também não há um progresso em direção a uma postura mais altruísta, ao invés disso, suas atitudes se mostram destrutivas, antecipando um desfecho desfavorável já sugerido nas entrelinhas pelo autor.

Sendo assim, podemos inferir que o autor, ao construir e desenvolver a figura de Omar, pretende instigar o leitor a refletir sobre a necessidade de assumir responsabilidade pelos próprios atos e considerar as consequências de suas escolhas, as quais podem afetar significativamente as pessoas ao seu redor, especialmente aquelas mais próximas e queridas.

## 2 UMA FAMÍLIA DES-NORTE-ADA

### 2.1 Entre o Líbano e Manaus: uma intersecção cultural

“O oceano, a travessia...Como tudo era tão distante!”

(Hatoum, 2006, p.43)

Para compreendermos a dinâmica familiar retratada por Hatoum em sua obra *Dois Irmãos*, é essencial contextualizá-la temporal e espacialmente. Para tanto, assumimos a perspectiva do *looping* temporal, ou “a máquina do tempo”<sup>12</sup>, como apresentada por Wells (2010) em sua narrativa, na qual o protagonista inventa uma máquina que permite viajar no tempo, levando-o a explorar o passado distante e o futuro da humanidade, processo que aplicamos à obra aqui estudada, pois permite ao leitor transitar por diferentes períodos da história dos personagens. Além disso, é fundamental situar a família no contexto histórico e cultural em que se inserem os imigrantes da primeira geração ao chegarem em Manaus e seus descendentes nascidos no Brasil.

Ao compreender o contexto histórico e cultural em que a família está inserida, podemos identificar como esses fatores influenciam suas dinâmicas internas e as relações entre seus membros, na forma como os personagens se relacionam com o espaço em que vivem, especialmente com a cidade de Manaus e a cultura brasileira que se configura ao redor deles.

A narrativa de *Dois Irmãos* se inicia na década de 1914, com a chegada da família de Zana ao Brasil, aportando na cidade de Manaus, no Estado do Amazonas. Acompanhando-a, está seu pai Galib, um viúvo. Nessa época também, chega Halim, que tinha apenas 12 anos de idade quando foi trazido pelos braços do tio. Esses imigrantes são provenientes do Líbano, buscando melhores condições de vida e fugindo principalmente dos efeitos devastadores da Primeira Guerra Mundial. O Líbano, aliado da Alemanha na guerra, também enfrentava os conflitos do sectarismo religioso, o qual era prevaemente naquela nação. Desse modo, a imigração para o

---

<sup>12</sup> Não há um autor ou teórico específico que tenha criado a teoria do loop temporal. No contexto literário, existe uma tendência criativa de escrita, usada por diversos autores, como Wells, H.G. **A máquina do tempo**. São Paulo: Tecnoprint, 1972. Essa é a tendência que adotamos ao revisitarmos a história do passado/presente dos personagens.

Brasil representa uma busca por uma vida mais promissora e distante das tensões e adversidades que enfrentavam em seu país de origem.

No artigo de Jamil Zogueib Neto e Fábio Bacila Sahd (2000), é mencionado que no século XIX houve a criação do “Grande Líbano”, uma iniciativa impulsionada por interesses da França e de alguns grupos libaneses com o objetivo de unificar todas as tribos e clãs da região. No entanto, essa proposta não foi amplamente aceita pela maioria, resultando em acentuação das tensões e conflitos entre os diversos grupos sociais.

Durante esse período, o Líbano enfrentava desafios relacionados à pobreza e à fome, devido à sua geografia<sup>13</sup> caracterizada por muitas montanhas, terras áridas e clima frio, o que limitava significativamente sua área agricultável. Essas condições adversas agravaram as disputas e guerras civis entre as diferentes facções familiares, tribais, clãs e grupos religiosos, como destacado por Hatoum (2006):

[...] Galib é um médico formado em Atenas, o único doutor de Biblos; visitavam amigos e conhecidos, cristãos intimidados e mesmo perseguidos pelos Otomanos. Em cada casa que visitava, o doutor atendia os enfermos e Galib preparava um prato de raro sabor. [...] cozinhava com que havia nas casas de pedras de Jabal al Qaraqif, Haous e Jabal Laqlouq, montanhas onde a neve brilhava sob a intensidade do azul (Hatoum, 2006, p. 47).

No contexto histórico apresentado na narrativa, é notável o papel de Galib como um imigrante libanês que, diante das tensões e dificuldades enfrentadas em seu país de origem, tomou a corajosa decisão de migrar para o Brasil<sup>14</sup>. Juntamente com sua filha Zana, então com apenas seis anos de idade, embarcou em uma viagem incerta pelo Mediterrâneo até chegar em Manaus, deixando para trás seus parentes e sua casa na cidade de Biblos, localizada ao norte do Líbano, bem como a cidade de Beirute, conhecida como “a Paris do Oriente”<sup>15</sup> para viver na “Paris dos Trópicos”.

---

<sup>13</sup> Sugerimos para quem tiver mais interesse sobre o espaço geográfico do Líbano, consultar a Tese de Doutorado de Samira Adel Osmam – Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05112007-133744/publico/TESE\\_SAMIRA\\_ADEL\\_OSMAN\\_VOLUME\\_I.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05112007-133744/publico/TESE_SAMIRA_ADEL_OSMAN_VOLUME_I.pdf). Acesso em: 20 abr. 2023.

<sup>14</sup> Alguns pesquisadores chamam de redes sociais e, outros de redes de apoio, que quer dizer, amigos e familiares que fornecem suporte emocional e prático.

<sup>15</sup> O reconhecimento de Beirute como Paris do Oriente, de acordo com nossa pesquisa, podemos dizer que foi devido a influência francesa na região e, também, devido toda a sua beleza histórica e arquitetônica que nos remete à cidade luz - Paris.

Segundo o artigo do professor John Tofk Karam (2009), uma parcela dos imigrantes árabes que chegavam ao Brasil se direcionava para o Sudeste, atraída pela industrialização; “Ao chegarem à região no final do século XIX, os vendedores itinerantes árabes ficariam conhecidos como “regatões”. Na primeira década do século XIX, já haviam alcançado boa parte das margens fluviais do Rio Amazonas” (Karam, 2009, p. 23).<sup>16</sup>

O artigo de Oswaldo Truzzi (2001), “O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – um enfoque comparativo”, cita que: “Entre o final do século XIX e 1914, cerca de 86 mil chegaram a esse país (EUA), e quase 60 mil ao Brasil, constituindo-se o período mais volumoso” (Truzzi, 2001, p. 120)<sup>17</sup>, até então.

De acordo com a pesquisa de Vera Maquêa (2007), o Estado do Amazonas vivenciou o primeiro ciclo da borracha durante o século XIX, compreendendo o período entre aproximadamente 1850 e 1912, e denominado pela pesquisadora como a “era dos coronéis, dos barões do ouro branco” (Maquêa, 2007, p. 104). Durante essa época, o Estado experimentou um notável *boom* econômico e social impulsionado pela extração da borracha. A cidade de Manaus, em particular, se destacou como um dos maiores centros comerciais e culturais da região, prosperando com a construção de majestosos casarões e edifícios comerciais em estilo europeu, com influência preponderante da cultura francesa. O icônico Teatro Amazonas simbolizou o esplendor e a grandiosidade dessa era.

Galib, pai de Zana, chegou a Manaus “por volta de 1914” (Hatoum, 2006, p. 36), dois anos após o apogeu do primeiro ciclo da borracha. Vindo de seu país de origem como cozinheiro, identificou uma oportunidade de negócio ao perceber o *frenesi* de pessoas que, assim como ele, chegavam a Manaus e se instalavam na área portuária da cidade. Mesmo com o encerramento desse ciclo da borracha, os imigrantes continuavam chegando a Manaus, como ressalta Hatoum (2006), “Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro” (Hatoum, 2006, p. 32).

Segundo estudos de Luis Eduardo Aragón (2009), nesse primeiro momento de declínio da extração da borracha, foram os

---

<sup>16</sup>Disponível em: <http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/%C3%81rabes-somos-n%C3%B3s-as-origens-que-o-brasil-desconhece>. Acesso em: 20 abr. 2023.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/%C3%81rabes-somos-n%C3%B3s-as-origens-que-o-brasil-desconhece>. Acesso em: 20 abr. 2023.

[...] pequenos comerciantes, principalmente os estrangeiros, especialmente comerciantes, pequenos industriais e trabalhadores em geral, os grandes responsáveis por sustentar a economia. Esses novos migrantes, junto com aqueles que permaneceram, instalaram pequenas fábricas e estabelecimentos comerciais para abastecer o mercado local substituindo produtos que não mais podiam ser importados do mercado europeu (Aragón, 2009, p. 31).

Assim, além de permanecerem, contribuíram para que a cidade não entrasse em colapso de desabastecimento, uma vez que continuavam chegando mais imigrantes ao Estado do Amazonas, especialmente em Manaus.

Conforme as considerações de Dias (2019):

[...] A cidade sofre, a partir de 1890, seu primeiro grande surto de urbanização graças aos investimentos propiciados pela acumulação de capital, via economia agrária extrativista-exportadora, especificamente a economia do látex. [...]. E que a modernidade traria um novo estilo de vida e grandes transformações, não só materiais, como também espirituais e culturais (Dias, 2019, p. 29-30).

A chegada de imigrantes em Manaus, impulsionada pela era da borracha e pelo crescimento econômico e social, resultou em um rápido processo de crescimento populacional e modernização da cidade. Esse fenômeno provocou profundas transformações na vida dos habitantes locais, afetando suas relações sociais, culturais e suas percepções do mundo ao redor. Diversos aspectos da vida urbana foram impactados, incluindo a arquitetura, a moda, a alimentação, a literatura, as artes, a religião e a língua.

Para Stuart Hall (2003), as sociedades multiculturais têm uma longa história que remonta à expansão europeia a partir do século XV. A migração e o deslocamento de povos têm sido comuns ao longo da história, resultando em sociedades étnica ou culturalmente “misturadas”. Após a Segunda Guerra Mundial, o multiculturalismo experimentou uma intensificação significativa, impulsionado por mudanças políticas e uma reestruturação estratégica do poder social e das relações globais. O cenário pós-guerra levou a uma maior valorização e reconhecimento da diversidade cultural e étnica, promovendo discussões e políticas que buscavam acolher e respeitar as diferentes identidades e perspectivas culturais presentes nas sociedades contemporâneas.

Nesse contexto, Galib, tanto como personagem quanto como autor desse processo, estabeleceu o restaurante “Biblos” no porto de Manaus, que se tornou um ponto de encontro para muitos dos imigrantes recém-chegados, bem como para outros frequentadores locais. A atmosfera do restaurante era marcada pela euforia e pela interação cultural, com a presença de mascates, comandantes de embarcações, regatões e trabalhadores do Manaus Harbour. Libaneses, sírios, judeus e marroquinos se reuniam e se comunicavam em uma mistura de línguas, como o português combinado com o árabe, francês e espanhol, refletindo a diversidade étnica e cultural presente no ambiente.

Na avaliação de Canclini (2019), podemos chamar esse fenômeno de misturas em que todos convivem harmonicamente de hibridação, uma vez que essas estruturas se fundem para gerar novas estruturas, como ele comenta:

Às vezes isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico (Canclini, 2009, p. XXII).

Nessa profusão de misturas, observamos que a cultura amazonense se encontra num constante processo de mistura e configuração, simultaneamente mesclando-se e mantendo suas características distintas. A cultura amazonense, com destaque para as tradições dos grupos indígenas, é particularmente forte, representando a maior parte da população local. Por outro lado, ressalta-se a influência da cultura árabe-libanesa, como retratada na família personagem da obra de Hatoum (2006).

Identificamos em Hatoum (2006), na cidade de Manaus, não havia conflitos entre os diferentes grupos étnicos e culturais. Cada comunidade estabelecia o seu espaço e vivia pacificamente dentro dele, preservando suas tradições desde o nascimento. Assim, a cultura no Estado do Amazonas demonstrou uma resiliência em relação às influências externas em sua população nativa. Ao mesmo tempo, a cultura trazida pelos imigrantes árabes-libaneses foi recebida de forma participativa e aceitável, ocorrendo um enriquecimento mútuo de saberes e experiências culturais.

Stuart Hall, em *Da diáspora: identidade e mediações culturais*, pontua que o termo “comunidade” é uma idealização dos relacionamentos pessoais em povoados



compostos por uma mesma classe social, indicando grupos homogêneos que mantêm fortes laços internos de união e estabelecem fronteiras bem definidas que os separam do mundo exterior. As chamadas “minorias étnicas” de fato constituem comunidades culturais marcadamente distintas, preservando costumes e práticas sociais específicas no cotidiano, especialmente nos contextos familiar e doméstico (Hall, 2003, p. 65).

Por outro lado, num estudo sobre a cultura amazônica, Paes Loureiro (1955) destaca a existência de dois espaços distintos: o espaço da cultura urbana e o espaço da cultura rural. A cultura urbana se manifesta principalmente nas cidades, abrangendo tanto os centros urbanos menores quanto as grandes capitais. De todo modo, essa delimitação não implica uma separação estanque, como um muro, entre esses espaços, mas uma coexistência e mistura de informações entre eles, gerando um constante deslocamento de saberes e experiências (Paes Loureiro, 1955).

[...] nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas há maior velocidade nas mudanças, o sistema de ensino é mais estruturado, os equipamentos culturais são em muito maior número, e há o dinamismo próprio das universidades. No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação de valores decorrentes de sua história (Loureiro, 1955, p. 55).

Conforme destacado por Loureiro (1955), a cultura ribeirinha na região amazônica apresenta uma forte mistura de influências, originárias das raízes indígenas e caboclas. Por meio de seus mitos imaginários, casas, barcos e produções artísticas, a vida é celebrada como uma ligação suprema entre os seres e uma exaltação dos sentidos nas relações dos seres humanos com a realidade (Loureiro, 1955, p. 56), uma cultura ribeirinha que se mostra rica em simbolismos e manifestações artísticas que expressam sua visão de mundo, atribuindo importância fundamental ao amor e aos sentidos nas interações humanas e na relação com a natureza.

Como podemos verificar, na obra de Hatoum (2006), também é enfatizada a convivência coexistente e harmoniosa entre diferentes grupos étnicos e religiosos em Manaus, inclusive judeus e libaneses, que historicamente eram considerados inimigos. O autor destaca que esses grupos não apenas conviviam em paz, mas também celebravam juntos, como evidenciado nos bailes de carnaval realizados no

sobrado de Sultana<sup>18</sup> Benemou, uma judia que era amiga de Zana e Halim. Esses eventos eram frequentados por pessoas de diversas origens étnicas e religiosas, demonstrando a harmonia e a coexistência celebrada entre esses grupos (Hatoum, 2006).

Canclini (2019) destaca a existência da hibridação restrita, que impede a aceitação indiscriminada de elementos culturais de outras sociedades. “A fluidez das comunicações facilita-nos apropriarmos de elementos de muitas culturas, mas isso não implica que as aceitemos indiscriminadamente” (Canclini, 2019, p. XXXIII). Para explicar melhor essa ideia, Canclini (2019) cita Gustavo Lins Ribeiro: [...] “incorporo sua música, mas que não se case com minha filha” (2019, p. XXXIII), referindo-se ao fato de que os brancos apreciam a música dos afro-americanos, mas preferem evitar misturas de raças e cores em suas famílias.

Na cultura árabe-libanesa, era comum que os imigrantes solteiros pedissem aos parentes que enviassem ou buscassem esposas em seu país de origem, conforme mencionado por Benchimol (2009), costume que reflete a prática de preservação cultural, na qual os imigrantes buscavam manter certas tradições e valores familiares mesmo ao migrarem para uma nova terra, como cita Benchimol, (2009):

Essa corrente cultural também se realizou na forma de imigração familiar, com esposas e filhos, dado o caráter gregário e comunitário das suas formas tradicionais de vida. Quando vinham solteiros, pediam aos seus pais e parentes, que ficaram na Síria e no Líbano, que enviassem primas, parentes e moças conhecidas para contrair matrimônio, a semelhança do que faziam os judeus com os seus familiares marroquinos e outros grupos de imigrantes. E, assim, se mantinha a coesão da vida familiar, que muito ajudou na formação das casas de negócios e empresas desses imigrantes (Benchimol, 2009, p. 429).

Na família de Zana e Halim, podemos observar a manifestação desse costume cultural quando Omar, um dos filhos do casal, evoca a responsabilidade dos pais diante da situação em que Yaqub é descoberto secretamente envolvido com Lívia,

---

<sup>18</sup> Segundo Benchimol, os nomes das mulheres judias tinham que ser belos e trazer alegria e sorte, então se chamavam: Alegria, Querida, Esperança, Linda, Piedade, Bonina, Vida, Orovida, Reina, *Sultana (rainha)*, Sim (alegria), Rica, Rosa, Preciosa...e muitos outros. BENCHIMOL, S. **Amazônia social e cultural**. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.

sobrinha dos Reinosos, uma família tradicional de Manaus. Nesse contexto, a mãe desaprovava o romance de Omar com uma cabocla amazonense. Diante dessa descoberta, Omar, num acesso de fúria, expressa sua indignação destruindo e quebrando todos os móveis da sala da casa:

[...] arrastou cadeiras, quebrou as molduras dos retratos do irmão, e começou a rasgar as fotos; rasgava, pisoteava e chutava os pedaços de moldura, bufando, gritando: “Ele é o culpado...Ele e o meu pai...Por onde anda o velho? Está escondido naquele depósito imundo? Por que não aparece para elogiar o engenheiro...o gênio, o cabeça da família, o filho exemplar...a senhora também é culpada...vocês deixaram ele fazer o que queria... casar com aquela mulher...dois idiotas...” (Hatoum, 2006, p. 129).

Nesse trecho da obra, podemos compreender a revolta, o descontentamento e o ressentimento experimentados por Omar em relação às tradições familiares que o impedem de seguir o caminho que deseja. Ele opta por viver como um ribeirinho num barco, buscando seu sustento na pescaria junto com a cabocla, uma escolha que entra em conflito com a cultura e os valores de seus antepassados, os quais são valorizados por sua família, em especial por sua mãe, Zana. A reação impulsiva e indignada de Omar evidencia uma clara tensão entre a cultura ribeirinha, que lhe traz felicidade, e a cultura tradicional de sua família, que o desaprova.

Neste momento da narrativa, além da questão cultural, é possível perceber a forma preconceituosa e discriminatória com a qual Zana classifica a mulher com quem Omar está vivendo, destacando as desigualdades sociais e econômicas que os separam. A atitude de Zana ao chamar a cabocla de “charmuta”, expressando desdém, e classificá-la como “qualquer uma”, reforça a visão de superioridade social e econômica da família, e também a rejeição de seu filho estar com uma pessoa de condição social inferior. Ao tentar convencer Omar a deixar a cabocla e voltar para casa, Zana expressa sua determinação em manter os padrões culturais e sociais estabelecidos em sua família.

Outro episódio semelhante ocorreu na vida de Rânia, filha de Zana, quando aos 15 anos se apaixonou por um rapaz de condição social e econômica inferior, o que também foi desaprovado pela mãe. Ao descobrir o romance da filha, Zana cancelou a festa de debutante dela e a ameaçou: “[...] ia fazer um escândalo se me visse com ele” [...] e dizia – “filha dela não ia conviver com um homem daquela laia...”

não ia permitir que ele fosse à minha festa, e raivosa dizia – “Com tantos advogados e médicos interessados em ti, e escolhes um pé-rapado” (Hatoum, 2006, p. 155).

A representação de Zana, a matriarca, na obra de Hatoum (2006), retrata uma mulher de grande força e influência dentro do contexto familiar. Ela exerce papel central na condução de sua família, que é composta por seu marido Halim, seus filhos gêmeos Omar e Yaqub, e sua filha Rânia. Além disso, na dinâmica familiar, também fazem parte os empregados da casa, Domingas e Nael. Eles não a desafiam nem a desobedecem. E Hatoum (2006) conclui: “Era possuída por uma teimosia silenciosa, matutada, uma insistência em fogo brando. Depois, armada por uma convicção poderosa, golpeava ferinamente e decidia tudo, deixando o outro estatelado” (p. 40).

De acordo com as tradições familiares árabe-libanesas, a estrutura patriarcal desempenha um papel integral na dinâmica familiar, em que o pai tem a função de provedor e sustentador financeiro, enquanto a mãe assume responsabilidades importantes relacionadas à criação e educação dos filhos, bem como a administração dos afazeres domésticos. Além disso, cabe a mulher a preservação das tradições e costumes culturais, fortalecendo, assim, a identidade cultural da família no ambiente em que vivem.

Mas, na narrativa de Hatoum (2006), há uma quebra inusitada com relação a esse estereótipo patriarcal na figura do personagem Halim, esposo de Zana, posto que, contrariando as tradições árabe-libanesas, Halim é retratado como um homem submisso, passivo e apaixonado, que não assume o papel de líder e provedor exigido por sua cultura e antepassados, deixando todas as responsabilidades familiares sob os cuidados de sua esposa, inclusive as do comércio.

Podemos extrair da narrativa um momento bastante conflituoso na relação de poder entre Halim e Zana, quando o narrador cita:

Aconteceu um ano antes da Segunda Guerra, quando os gêmeos completaram treze anos de idade. Halim queria mandar os dois para o sul do Líbano. Zana relutou, e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas Yaqub. Durante anos Omar foi tratado como filho único, o único menino (Hatoum, 2006, p. 12).

Halim, mesmo contrariado, pois reconhecia que a fonte de desequilíbrio na dinâmica familiar residia principalmente em Omar, sucumbiu diante dos apelos e da influência de Zana, cedendo aos desejos de sua esposa e consentiu que apenas Yaqub fosse enviado para o Líbano. Cenário ao qual o narrador complementa:

[...] então era isso, assim: ela, Zana, mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos. Ele, paciência só, um Jó apaixonado e ardente, aceitava, engolia cobras e lagartos, sempre fazendo as vontades dela, e, mesmo na velhice, mimando-a, “tocando o alaúde só para ela”, como costumava dizer (Hatoum, 2006, p. 41).

Em *Dois Irmãos*, a narração de Nael retrata que Halim chegou ao Brasil ainda jovem, aos 12 anos de idade, órfão de pai e mãe, e viveu por um longo período de forma independente, percorrendo as ruas de Manaus como mascate, até encontrar e se casar com Zana. Essa trajetória de vida dele nos permite inferir que ele esteve afastado das tradições do povo árabe/oriente e mais próximo das tradições do povo do ocidente. É importante salientar que essa perspectiva não o torna um homem mais fraco ou mais forte, mas denota que os costumes locais de Manaus e da região podem tê-lo afetado de forma mais significativa, de modo que as experiências de vida distintas entre Halim e Zana podem apresentar potencial para influenciar a forma como eles lidam com questões culturais, familiares e sociais.

Em Hall (1997), encontramos: “a fertilização cruzada das culturas tem sido endêmica a todos os movimentos populacionais... e todos esses movimentos na história têm envolvido viagem, contato, transmutação, hibridização de ideias, valores e normas comportamentais” (Hall, 2003, p. 74). Nesse sentido, o caso de Halim em *Dois Irmãos* é um exemplo de como as experiências de vida e os contatos culturais podem influenciar a identidade e as práticas sociais dos indivíduos.

Para Hall (2003), a ideia de mistura e a de intercâmbio cultural são inerentes a todos os movimentos populacionais na história, de modo que esses movimentos envolvem não apenas migração física, mas também a migração de ideias, valores e normas comportamentais. Assim, o hibridismo não se limita apenas a uma mera contraposição entre o tradicional e o moderno, representa um intrincado processo de tradução cultural, que permanece em constante transformação e indefinição.

Nessa perspectiva, ancorado nas ideias de Bhabha, Hall (2003) pontua:

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociador com a “diferença do outro” revela uma insuficiência radical

de nossos próprios sistemas de significado e significação (Hall, 2003, p. 75).

Ao compreendermos o pensamento de Hall, situamos o personagem Halim cujo contato com diferentes perspectivas culturais permitiu-lhe explorar novas formas de ser e se relacionar com o mundo, resultando numa ampliação de seu conhecimento e uma compreensão mais profunda das diferenças culturais presentes em seu ambiente. Tal processo de imersão cultural também contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de negociação diante das diversidades culturais que o cercavam. E, por meio dessa adaptação e tolerância, Halim adquiriu maior capacidade para lidar com as incertezas e ambiguidades decorrentes do encontro de culturas distintas, em num contexto de possibilidades diversas. Nesse sentido, sua experiência de vida e sua trajetória como migrante e mascate em Manaus influenciaram seu entendimento sobre identidade e pertencimento cultural.

Ao abordar o conceito de identidades diaspóricas, Hall (2003) destaca que, em condições diaspóricas, as pessoas frequentemente são impelidas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas. Para ilustrar esse ponto, o estudioso menciona um exemplo de jovens paquistaneses numa pesquisa de censo realizada na Inglaterra, na qual eles se identificavam como britânicos, e tal identificação não gerava conflitos em suas vidas cotidianas. Todavia, caso retornassem às suas cidades de origem, seriam considerados ocidentalizados, apesar de preservarem aspectos tradicionais de suas culturas, de modo que Hall conclui: “Todos negociam culturalmente em algum ponto do espectro da *différance*, onde as disjunções de tempo, geração e espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhadas” (Hall, 2003, p. 77). Essa negociação cultural e a fluidez identitária são características intrínsecas dos processos diaspóricos, nos quais as identidades são moldadas e reelaboradas em contextos de intercâmbio cultural e migração.

Nessa mesma linha de reflexão, Néstor Garcia Canclini em seu livro *Culturas híbridas* (2019), aborda a temática das culturas híbridas e os poderes oblíquos, analisando os entrecruzamentos e margens nos conflitos interculturais do lado mexicano na fronteira com Nova Iorque, destacando o intercâmbio comercial e linguístico entre ambos os lados da fronteira, bem como a geração de produtos híbridos resultantes desse cruzamento de culturas e pessoas. Canclini aponta que,

nesse contexto, as identidades se tornam fluidas, e as pessoas frequentemente se confundem ao serem questionadas sobre sua identidade. O autor exemplifica sua abordagem mencionando uma entrevista concedida a uma rádio por um editor de uma revista bilíngue intitulada *La Línea Quebrada / The Broken Line*, sediada em Tijuana e San Diego, em que é perguntado:

Repórter: Se ama tanto o nosso país, como o senhor diz, por que vive na Califórnia?

Gomez-Peña: Estou me desmexicanizando para mexicompreender-me...

Repórter: O que o senhor se considera então?

Gómez-Peña: Pós-mexica, pré-chicano, panlatino, transterrado, artemericano [...] (Canclini, 2019, p. 324).

Por fim, entendemos que a negociação da *différance*, conforme mencionada por Hall (2003), também se encontra presente nos estudos de Canclini (2019, p. 324) sobre as identidades das pessoas que habitam na “fenda entre os dois mundos”, tal qual pontuado por ele:

Quando me perguntam por minha nacionalidade ou identidade étnica, não consigo responder com uma palavra, pois minha “identidade” já possui repertórios múltiplos: sou mexicano, mas também sou chicano e latino-americano. Na fronteira me chama de “chilango” ou de “mexiquillo”; na capital, de “pocho” ou de “norteão”, e na Europa, de “sudaca”. Os anglo-saxões me chamam de “hispanic” ou de “latinou” e os alemães me confundiram em mais de uma ocasião com turco ou italiano (Canclini, 2019, p. 324).

Diante do exposto, observamos que Halim, mesmo em tenra idade, demonstrou habilidades de adaptação e resiliência ao se deparar com culturas diferentes da sua, o que lhe permitiu recriar-se e aceitar as diferenças de forma harmoniosa, facilitando sua vida num ambiente totalmente distinto de sua terra natal.

Em contraste, Zana apresentou dificuldades em se desvincular de sua cultura familiar, posto que, conforme destacado por Hall (2003), “alguns indivíduos permanecem profundamente comprometidos com as práticas e valores “tradicionais”” (p. 75), o que pode levar a conflitos e até mesmo à intensificação do racismo nas comunidades que os acolhem.

Pensando assim, é possível afirmar que o tempo que uma pessoa passa em um contexto cultural específico influencia significativamente a internalização dos

valores e tradições daquela sociedade. Assim, as experiências de vida e o tempo vivido no Líbano e no Brasil pelos personagens Halim e Zana, respectivamente, podem ter desempenhado um papel determinante em suas atitudes e comportamentos, moldando a trajetória do enredo.

## 2.2 Entre mundos e, mundos de paredes e água

Ao iniciarmos a abordagem histórica de Manaus a partir do marco temporal de 1900, isso se deve ao fato de a obra *Dois Irmãos* situar a chegada da família protagonista à cidade por volta de 1914. Assim, a partir desse século, realizamos uma análise tanto espacial quanto histórica do período em questão, levamos em consideração o espaço íntimo das personagens com base na toponálise, teoria estudada por Gaston Bachelard em sua obra *A Poética do Espaço* (1989).

Conforme Bachelard (1989), a toponálise consiste no estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima, porém, para Oziris Filho Borges (2007), ela vai além disso, não se restringindo somente à vida íntima, mas englobando todas as relações de espaços dos personagens, incluindo suas formas, objetos e interações.

Partindo do pressuposto de Borges (2007), os espaços retratados na obra literária *Dois Irmãos* podem ser classificados como macroespaços e microespaços, os quais correspondem à cidade de Manaus. Esses espaços abarcam tanto a área urbana da cidade como o local conhecido como cidade flutuante, mencionado na obra. A cidade de Manaus desempenha um papel significativo como macroespaço na história, servindo como cenário geral onde as ocorrências e as trajetórias das personagens se desenrolam. Nessa circunstância, a cidade atua como uma organização geográfica e social que exerce influência direta nos destinos dos protagonistas, moldando suas experiências e interações.

Por outro lado, o microespaço dentro da *urbe* de Manaus é representado pelas áreas urbanas que englobam bairros, ruas, casas, porto e outros espaços públicos frequentados pelas personagens, onde elas vivem, trabalham e se relacionam. Essas pequenas áreas urbanas são caracterizadas pela sua alta densidade populacional e intensa atividade social.

A cidade flutuante, por sua vez, configura-se como um microespaço à parte e singular. Como o próprio nome sugere, é constituída por casas flutuantes e possui uma relação especial com as águas da região. Esta *urbe* flutuante pode ser



considerada um subconjunto do macroespaço de Manaus, exibindo uma dinâmica socioespacial única e distintas características culturais. A consideração deste microespaço acrescenta uma dimensão mais rica e diversificada à análise da cidade e de seus habitantes na obra em questão.

Ao caracterizarmos esses espaços, podemos conduzir uma análise histórica abrangente, considerando as interações sociais e os diferentes papéis desempenhados pelas personagens.

Mário de Andrade na sua expedição “Caravana A Descoberta do Brasil”, em 1927, realizou uma viagem de barco que partiu de São Paulo e tinha como destino final Manaus, no coração da região amazônica, expedição que foi meticulosamente documentada pelo autor em forma de diário, anotando todas as experiências e observações ao longo dos três meses de trajeto. Percorrendo o Nordeste inicialmente, a viagem culminou na chegada ao Amazonas, onde realizou uma breve parada em Manaus. O relato dessa extraordinária jornada foi posteriormente publicado no formato de livro sob o título de *Turista Aprendiz* (1976), perpetuando as vivências e impressões do autor durante sua aventura pelo Brasil.

No início do livro, uma citação manuscrita chama a atenção dos leitores: “O Turista Aprendiz/(Viagens pelo Amazonas até o/Peru, pelo Madeira até a Bolívia/por Marajó até dizer chega)/1927” (Andrade, 1976, p. 25). Logo abaixo dessa descrição, um desenho intrigante de uma mulher, aparentemente uma índia, com uma coroa na cabeça, captura o interesse dos leitores e colaboradores que organizaram o livro, e que aqui também corrobora:

O desenho a lápis feito por Mário, é uma cabeça de mulher com feições indígenas, mas coroada à européia e com a coroa pequenina colocada de lado, enfeite sem majestade que contrasta com a severidade de seu rosto. Logo abaixo, traz seu nome “América”, à guisa de placa, como as esculturas de praça pública. [...]. O desenho ilustra, sem dúvida, a idéia de América existente no texto: o elemento tropical tomado grotesco pela inadequação dos elementos europeus aplicados sobre ele (Lopes, 1975, p. 25).

A ilustração a lápis feita por Mário de Andrade retrata uma cabeça de mulher com traços indígenas, adornada com uma coroa no estilo europeu, mas sem ostentação, denotando uma sensação de desconforto diante dessa fusão cultural. Essa sensação de desconforto é similar ao expresso por ele em seu poema “O Trovador”, publicado no livro *A Paulicéia Desvairada* (1921) quando declarou: “Sou

um tupi tangendo um alaúde! ”, (2005 [1893-1945]), p. 83, manifestando sua crítica à invasão da moda francesa no Brasil. Por meio dessa ilustração, a distorção de elementos e a mistura de culturas e sociedades são destacadas pelo contraste entre as características indígenas e europeias, evidenciando a presença e a influência da Europa naquela época nas terras amazônicas.

A historiadora Edneia Mascarenhas Dias (2019), em sua obra intitulada *A Ilusão do Fausto - Manaus - 1890-1920*, destaca que, durante esse período, diversos viajantes e observadores visitaram Manaus com o intuito de coletar informações sobre a cidade, as quais foram utilizadas com uma abordagem modernista, visando transformar o macroespaço de Manaus numa cidade que seguisse os padrões e características de metrópoles como Londres e Paris.

A modernidade em Manaus não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. É a modernidade que chega ao porto de lenha com sua visão transformadora, arrasando com o atrasado e feio, e construindo o moderno e belo (Dias, 2019, p.31).

Dias (2019), ao abordar a modernidade com certo entusiasmo, também destaca a devastação e transformação de espaços, bem como a quebra de tradições e da escravidão, que estavam por vir em Manaus. A cidade era como uma virgem à espera de ser deflorada, alvo de muitos interesses econômicos, mas com pouco interesse pela sociedade que já habitava aquele mundo.

Essa falta de conhecimento sobre o “Outro” e a imagem exótica construída pelo discurso racionalista de alguns visitantes contribuíram para fortalecer o conceito eurocêntrico, que considera a Europa como a medida e o padrão do desenvolvimento humano, enquanto outras culturas são vistas como inferiores e atrasadas, supostamente desprovidas dos recursos intelectuais e culturais necessários para compreender e buscar o que é melhor para elas.

Como coloca Ana Pizarro (2012), a construção da imagem da Amazônia tem sido moldada segundo o discurso europeu, elaborado por observadores externos, que a descrevem com base em relatos de viagens e informes de missionários. Somente a partir do século XIX é que houve uma maior diversidade de informações, mas, ainda

assim, essa região continua sendo retratada principalmente pelo olhar do homem europeu.

Nesse sentido, segundo ainda Dias (2009), dispuseram para ela (Amazônia) uma imagem: primeiramente, a imagem fantasiosa, a imagem demoníaca e, agora, a identidade que a define apenas como um imenso tesouro a ser explorado, porque seus habitantes não são capazes de fazê-lo (Dias, 2009, p. 101). Desse modo, Manaus foi se constituindo e construindo suas ruas, praças, casarões, lojas, roupas, chapéus; tudo imitava o *glamour* europeu, como se quisessem negar o imaginário imposto dos signos de coisas de terra atrasada da região.

Conforme destacado anteriormente, essa disseminação de uma visão glorificada da Europa muitas vezes relega outras origens culturais a um padrão insignificante, retratando-as como 'atrasadas', fenômeno impulsionado pela busca de imitar e se adaptar aos padrões europeus de progresso e desenvolvimento, resultando numa negação ou subestimação dos elementos simbólicos e culturais dessas áreas consideradas periféricas.

Segundo Edward Said (1990), em seus estudos sobre a dinâmica discursiva criada para o orientalismo, sob as condições do olhar europeu relativo ao oriente:

O orientalismo nunca está longe daquilo que Denys Hay chamou de ideia da Europa uma noção coletiva que identifica nós "europeus" em contraste com todos "aqueles" não-europeus. E de fato pode ser argumentado que o principal componente na cultura europeia é precisamente o que torna essa cultura hegemônica tanto na Europa quanto fora dela: ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus. Além disso está a hegemonia das ideias europeias sobre o Oriente, que por sua vez reiteravam a superioridade europeia sobre o atraso oriental (Said, 1990, p. 19).

Essa construção de ideias e pensamentos era compartilhada não apenas por alguns escritores, mas também, algumas vezes, pelos próprios colonizados, que recebiam inconscientemente essas influências culturais de forma passiva e serena, sendo utilizados como alvo e sujeitos das mudanças implementadas.

Em *Dois Irmãos*, ao longo do enredo, podemos observar a materialização dessa narrativa também em Manaus. Hatoum retrata a exuberância dos casarões, nos quais a história da família nuclear se desenrola em um microespaço específico, um sobrado à moda portuguesa, com detalhes como azulejos e uma esfinge de Nossa

Senhora da Conceição no teto. Além disso, o autor descreve as posses de Estelita Reinoso, destacando:

Seu casarão era um luxo, as salas cheias de tapetes persas, cadeiras e espelhos franceses; os copos e taças cintilavam na cristaleira, tudo devia ser limpo cem vezes por dia. O pêndulo dourado brilhava, mas o relógio silenciara havia muito tempo (Hatoum, 2006, p. 61).

Além de mencionar a riqueza de Estelita, o autor também descreve o esplendor do Teatro Amazonas e das lojas do centro da cidade, como a famosa loja *Rouaix*. Nessa loja, Halim desejava adquirir um chapéu de mulher de origem francesa para presentear Zana. Marie Rouaix, a vendedora, estava disposta a lhe conceder o pagamento parcelado, e a proprietária da loja, conhecida como madame Rouaix, enfatizava sua imitação da moda e da língua francesa.

Todos queriam imitar a moda parisiense, os ornamentos da casa eram como uma assinatura num quadro. A influência da moda parisiense e a transformação dos espaços domésticos em locais de representação e *status* são temas abordados por Walter Benjamin em sua obra *A Filosofia do mobiliário* (2009). Benjamin explora como a arquitetura, especialmente sob o viés de Boetticher<sup>19</sup>, o “teórico da arquitetura”, trouxe inovações para Paris ao utilizar o ferro na construção de trilhos de trem, colunas no estilo de Pompeia e chalés modernistas, que serviam como paradas de trens e moradias.

De acordo com Benjamin (2009), essas tendências estéticas persistiram com o estabelecimento de galerias de arte que exibiam pinturas, fotografias e panoramas. Mas foi com a realização da Exposição Universal de Paris em 1867 que a cidade se afirmou definitivamente como uma representante proeminente da cultura capitalista, bem como a capital do luxo e da moda na Europa. O autor cita um texto escrito em num guia com ilustrações de Paris:

Estas galerias são uma nova invenção do luxo industrial, são vias cobertas de vidro e com o piso de mármore, passando por blocos de prédios, cujos proprietários se reuniram para tais especulações. Dos dois lados dessas ruas, cuja iluminação vem do alto, exibem-se as lojas mais elegantes, de modo tal que uma dessas passagens é uma

---

<sup>19</sup> Bötticher foi um talentoso desenhista de ornamentação arquitetônica, colaborador de Schinkel e, posteriormente, por ele indicado para professor da Bauakademie de Berlim. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22327/1/2016\\_Rog%C3%A9rioPontesAndrade.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22327/1/2016_Rog%C3%A9rioPontesAndrade.pdf). Acesso em: 9 jun. 2023.

cidade em miniatura, é até mesmo um mundo em miniatura (Benjamin, 2009, p. 31).

Dessa forma, essas tendências eram assimiladas pelo inconsciente coletivo, nutrindo fantasias imaginativas enraizadas na busca por novidades e introduzindo elementos passageiros para a produção de utopias efêmeras. Tal contexto incorporava modas efêmeras ao cotidiano das pessoas daquele século, adicionando elementos obsoletos ao cenário social.

Nesse período, no Estado do Amazonas, o *glamour* e as festas eram marcados pela presença dos vinhos franceses e italianos, como coloca Loureiro (1995):

O teatro da Paz em Belém e o Teatro Amazonas em Manaus, onde eram promovidas apresentações de companhias líricas internacionais; a imitação da moda europeu nos trajes e nos costumes; a presença de artistas famosos [...] divulgação da música erudita pelo padremúsicos; apresentação de obras cênicas de teatro ou de ópera em língua estrangeira; a notícia de lucros fabulosos do comércio da borracha, que permitia o exibicionismo de empresários que acendiam charutos com papel moeda de alto valor (Loureiro, 1995, p. 72).

A exploração da borracha trouxe consigo uma percepção de lucro fácil aos olhos dos europeus, que vislumbravam oportunidades de enriquecimento por meio da exploração dos trabalhadores imigrantes e migrantes. A busca por trabalho nos seringais e o interesse de investidores ávidos por maiores riquezas fizeram de Manaus um centro agitado de atividades econômicas. Dentre esses investidores, destaca-se o indiano chamado Rochiram, mencionado por Hatoum (2006), cujo intento era construir um grande hotel em Manaus. Contudo, apesar das perspectivas promissoras, o empreendimento não obteve sucesso devido às intrincadas tramas de revanchismo e vingança entre os irmãos Yaqub e Omar, que acabaram por interferir e interromper o projeto de Rochiram.

Conforme os registros de Dias (2019), Manaus experimentou um crescimento vertiginoso, expandindo de 8.500 habitantes para 50.300 em 1890. Esse desenvolvimento populacional foi acompanhado pelo aumento da riqueza das pessoas, impulsionado pelo progresso do comércio e da indústria. O rápido crescimento da cidade exigiu investimentos significativos em sua infraestrutura, incluindo a melhoria da limpeza das ruas, a implementação de sistemas de transporte e eletricidade, bem como a expansão do saneamento básico, abrangendo o abastecimento de água e o tratamento de esgoto.

Entretanto, vale salientar que tais esforços de organização e urbanização eram direcionados principalmente aos interesses de grupos privilegiados, como as elites extrativistas, que demandavam melhores condições para suas negociações. A concentração dos investimentos em benefício dessas classes mais abastadas gerou desigualdades socioeconômicas na cidade.

Seguindo essa trajetória de crescimento acelerado, em 1910, a borracha assumiu o posto de segundo produto de maior exportação no Brasil, reforçando o impacto significativo que a indústria extrativista teve na economia local e nacional, como enfatizado por Dias (2019):

No decorrer do século XIX, a borracha do Amazonas desponta no comércio internacional, passando a constituir, no decênio de 1901/1910, o segundo produto de exportação na balança comercial do Brasil, ao lado do café. À medida que a borracha ganha maior espaço no movimento de expansão da economia agrário-exportadora, a partir do século XIX, Manaus adquire nova fisionomia (Dias, 2019, p. 41).

Para atender às demandas do comércio de exportação e importação, a cidade precisava estar devidamente preparada. Nesse contexto, foram atribuídas prioridades às áreas em que se estabeleciam as maiores casas comerciais. O intendente da época, ciente da importância desse setor para o desenvolvimento econômico da cidade, resolve que:

As reformas serão empreendidas em todos os setores e inclui demolição dos antigos prédios públicos da época da Província, e sua substituição por construções suntuosas que passem o atestado da modernidade, assim como a construção de grandes hotéis, cafés, bazares, lojas, teatros, cinemas, armazéns. Os modelos de inspiração foi a Europa, especificamente Paris (Dias, 2009, p. 45).

Paralelamente a esse *glamour*, existia a cidade flutuante, local onde os trabalhadores/soldados da borracha que não tinham condições financeiras de morar na área urbana da cidade construía suas palafitas, sem água tratada e sem nenhuma condição sanitária, “era uma favela flutuante”, como coloca Hatoum (2006):

Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoreço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores

chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação. Os mais ousados carregavam um botijão, uma criança, sacos de farinha; se não fossem equilibristas, cairiam no Negro. Um ou outro sumia na escuridão do rio e virava notícia (Hatoum, 2006, p. 90).

Assim, Hatoum, além de mostrar a precariedade da cidade flutuante, que é o microespaço composto da cidade de Manaus, mostra que ela é separada por um imenso igarapé<sup>20</sup>, demarcando os limites e as fronteiras da cidade urbanizada com a cidade alagada. Essa fronteira natural não delimita somente um espaço geográfico, mas a distância que separa as pessoas que viviam “às margens” dessa prosperidade.

Hatoum, ainda, ao escrever o Prefácio do Livro *A Ilusão do Fausto* de Edineia Mascarenhas Dias (2019), comenta que:

Os problemas de uma cidade não são apenas técnicos e estéticos. A cidade ou o espaço urbano são construídos ou destruídos segundo uma política de intervenção que pode favorecer certos segmentos sociais em detrimento de outros. O urbanismo é, ao mesmo tempo, uma técnica de organização de espaço e uma estratégia política. [...] Manaus foi planejada e construída para atender uma demanda de capital internacional. [...], mas, há uma zona de sombra [...] nesse urbanismo pretensamente grandioso, espelhado na Paris do Prefeito Haussmann. Trata-se de outra face da “urbs”, uma face nada edificante da mesma fisionomia urbana: A Manaus dos excluídos. Ou seja, a dos pobres, miseráveis, imigrantes, enfermos e loucos (Hatoum, 2019, p.13).

Em Hatoum (2006), a primeira geração da família protagonista de *Dois Irmãos* encontrou abrigo na cidade flutuante ao chegar em Manaus após a migração do Líbano. Somente após o casamento de Halim e Zana, e a partida de Galib de volta ao Líbano, é que se mudaram para a área urbanizada da cidade, passando a conviver com a “sociedade amazonense”. Nesse contexto social, havia também outras famílias árabes que enfrentaram as mesmas condições de pobreza e expectativas, buscando melhores oportunidades em Manaus, assim como Halim e sua família.

A família protagonista da trama ficcional, já no espaço planejado de Manaus, conforme descrito por Hatoum (2006), residia em num sobrado imaginativo de dois andares, com cômodos amplos e um quintal repleto de árvores frutíferas, incluindo uma seringueira. No fundo da propriedade, havia um pequeno quartinho destinado

---

<sup>20</sup> [Brasil: Amazônia] Estreito ou pequeno canal natural entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme, que só dá passagem a embarcações pequenas. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/igarape/>. Acesso em: 7 jun. 2023

aos agregados da família - Domingas e Nael. Além disso, possuíam uma Land Rover, frequentemente utilizada por Zana em suas tentativas de encontrar Omar em seus desaparecimentos ocasionados por envolvimento com bebidas, festas e mulheres.

Podemos observar que a família de Halim conseguiu superar as dificuldades iniciais e prosperar financeiramente em Manaus, aproveitando o comércio e o auge da extração da borracha, conhecida como o “ouro branco”. Ao longo do primeiro ciclo de 30 anos de expansão da borracha, a cidade de Manaus floresceu e alcançou sua fase áurea. No entanto, a partir de cerca de 1920, o período áureo da borracha chegou ao fim e Manaus entrou em decadência, como destacado por Márcio Souza (2019):

Numa manhã calorenta de Manaus, apareceram os quadros da falência: suicídios, debandada de aventureiros, navios lotados de arrivistas em fuga, passagens esgotadas, famílias inteiras em mudança, palacetes abandonados. Os que permaneceram, ou não tiveram forças para escapar, foram contaminados pelos sintomas da miséria crescente durante os trepidantes anos 1920, como o mato assaltava as ruas calçadas com paralelepípedos importados (Souza, 2019, p. 213).

Segundo Souza (2019), um dos principais motivos para a ruína da produção da borracha brasileira foi o roubo das sementes das seringueiras, realizado por Henry Wickham, que ficou conhecido como o “carrasco dos barões do látex”. Além disso, a falta de investimento por parte dos coronéis da borracha nos métodos de extrativismo também contribuiu para a perda de competitividade diante dos monopólios internacionais.

Os ingleses emergiram como novos detentores do mercado da borracha, controlando suas plantações no Ceilão, na Malásia, na Índia e em Bornéu, o que afetou significativamente a produção brasileira. A concorrência com os monopólios internacionais exigia uma produção mais eficiente e modernizada, mas os investimentos necessários para enfrentar essa competição não foram realizados pelos coronéis da borracha no Brasil.

O seringalista brasileiro, ainda no regime extrativista, não podia concorrer com os capitalistas da Malásia, porque o anacrônico extrativismo jamais concorre com o capitalismo. Os mercados mundiais transferiram sua preferência para o látex do Oriente, de preço e custo operacional mais baixos. A Amazônia ficava sem os compradores, assistindo à cotação do preço cair e dependendo de um país essencialmente agrário, que mal despertava para a indústria (Souza, 2019 p. 206).



A busca persistente pelo modelo extrativista, aliada à utilização de métodos antiquados de produção, levou o Brasil a perder sua posição de liderança no mercado da borracha, tornando-se incapaz de competir com o capitalismo internacional, o que resultou em um período de melancolia e desalento, à medida que o país se viu carente de originalidade em seus produtos, limitando-se a reproduzir e produzir apenas para o mercado interno. A burguesia brasileira, por sua vez, mostrou-se satisfeita em replicar os padrões culturais europeus para atender às demandas do consumo colonial.

Nesse contexto de falência e ruína econômica em Manaus, Halim e Zana permaneceram na cidade com seu comércio. A família, composta por filhos e agregados, enfrentou dilemas decorrentes dos desajustes familiares, especialmente das brigas e disputas entre os dois irmãos, Yaqub e Omar em *Dois Irmãos*.

### 3 FAMILIA DES-ESTRUTURADA

#### 3.1 A progênie e agregados

Todas as famílias felizes se assemelham; mas cada família infeliz é infeliz a seu modo.  
Leon Tolstoi.

A família de Halim e Zana, em meio à agitação e euforia de tempos desafiadores em Manaus, era composta pelos gêmeos Yaqub e Omar, a caçula Rânia e os agregados Domingas e Nael, totalizando sete pessoas.

De acordo com o Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2001), o número sete é altamente emblemático e detentor de ricos significados em diversas culturas e religiões. No Cristianismo, ele representa o período em que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo – os sete dias da semana, simbolizando o encerramento da laboriosa tarefa da criação e a plenitude dos tempos - o pacto entre Deus e o Homem em sua existência. Além disso, o número sete é universalmente considerado o símbolo dos tempos, representando uma totalidade em movimento e força, ou seja, um dinamismo total. Ele é também considerado, na cultura popular, a chave para o apocalipse, carregando consigo profundos significados espirituais e metafísicos, conforme destacado também, por Chevalier e Gheerbrant (2001).

Na sequência, pontuamos alguns questionamentos para situar cada personagem do enredo:

Quem eram eles?

- Halim, um homem descendente de árabes, mas não pretendia as responsabilidades familiares, e sim, somente o amor da esposa;
- Zana, uma mulher também descendente de árabes, influente e forte junto às questões familiares;
- Rânia, uma moça ressentida por um amor perdido;
- Omar, um rapaz totalmente irresponsável e *bon vivant*;
- Yaqub, um rapaz ressentido, introspectivo e solitário;
- Domingas, uma índia serva que carrega um segredo;
- Nael, um menino à procura de suas origens.

Como numa receita de massa de bolo, cada personagem contribui com sua própria pitada de ingredientes na composição da trama. Os ingredientes dos personagens, combinados de maneira única, culmina nos desajustes que levam à ruína da família protagonista de *Dois Irmãos*, a qual buscamos discutir na sequência.

Neste capítulo, nosso objetivo não é realizar uma análise detalhada dos personagens, mas sim acompanhar a linha construída e conduzida por Hatoum em sua obra *Dois Irmãos*, na qual o autor traz à tona conflitos que são vividos entre quatro paredes, porém não se limitam somente a esse espaço íntimo. Podemos observar que algumas situações familiares têm repercussão nacional e histórica, e, em alguns casos, até mesmo encontram paralelos com passagens bíblicas.

Ao iniciarmos a leitura de *Dois Irmãos*, deparamo-nos, nas primeiras páginas, com um poema de Carlos Drummond de Andrade:

A casa foi vendida com todas as lembranças todos os móveis todos os pesadelos todos os pecados cometidos ou em vias de cometer  
A casa foi vendida com seu bater de portas  
Com seu vento encanado sua vista de mundo  
Seus imponderáveis [...] (Hatoum, 2006, p. 8).

O pequeno poema de Drummond, selecionado por Hatoum e presente nas páginas de *Dois Irmãos*, nos coloca a refletir sobre a importância da família, da casa e do lar. Hatoum parece ter vislumbrado a relevância desses elementos na trama da obra.

No Brasil atual, existem diversos tipos de arranjos familiares, mas, em sua obra, Hatoum retrata a família em um modelo tradicional, a chamada família nuclear brasileira, que representa aproximadamente 42%<sup>21</sup> dos modelos de famílias existentes, de acordo com fontes do Observatório Nacional da Família.

A família nuclear, também conhecida como prole, é composta pelos pais e filhos que vivem sob o mesmo teto, formando o lar. Nesse contexto, os pais assumem os papéis de provedores e protetores, oferecendo orientação, direção e sustento aos filhos, além de transmitir valores e responsabilidades. Essa estrutura familiar muitas vezes é acompanhada por um conjunto de regras estabelecidas pelos pais, que atuam como os sustentáculos dessas normas, cabendo aos filhos segui-las e obedecê-las.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/ArranjosFamiliares.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2023.

A partir de 1532, Gilberto Freyre, em sua obra *Casa Grande e Senzala* (2003), destaca e atribui grande importância à família brasileira durante o período colonial, enfatizando seu papel fundamental na formação do novo mundo e das novas sociedades. Para Freyre, a família é a organização central da sociedade colonial, apresentando uma composição diversificada de raças: “formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negros – na composição” (Freyre, 2003, p. 65).

Entretanto, ao analisar a família do século XIX, inserida numa sociedade produtiva, híbrida e agrária, Freyre não abordou diversos aspectos como a vida íntima e cotidiana das relações familiares, nem explorou as tensões, conflitos e diversos comportamentos que permeiam as dinâmicas familiares como o faz Hatoum em seu romance.

Assim, vale evidenciar que o sociólogo Gilberto Freyre direciona, em *Casa Grande e Senzala* (2003), sua pesquisa analítica à sociedade colonial e suas formas de produções, enquanto Hatoum, um romancista contemporâneo do século XXI, esculpe um universo fictício que retrata uma família no contexto do início do século XX, mas isso não distancia ambos das discussões que envolvem o universo familiar, cada qual com sua contribuição, somando para a reflexão de nossa pesquisa.

Em *Dois Irmãos*, que é um romance contemporâneo, Hatoum coloca em destaque as questões dos desentendimentos nas relações familiares, abordagem que se reflete em outras obras do autor, como *Relato de um certo Oriente* (1989), *Cinzas do Norte* (2005), *Órfãos do Eldorado* (2008) e na recente trilogia intitulada *O lugar mais sombrio*, cujas duas primeiras partes foram lançadas em 2017 e 2019, respectivamente. Ainda aguardamos o lançamento da terceira parte.

*Dois Irmãos* é permeado por conflitos intensos de relacionamentos intrafamiliares, tendo como protagonistas os irmãos Yaqub e Omar. Desde o título da obra, o autor já chama a atenção para a relação conturbada entre os dois irmãos, cujos desajustes internos afetam toda a família, inclusive os agregados Domingas e Nael.

Os conflitos têm origem na segunda geração familiar, quando o casal Halim e Zana se casou e logo em seguida tiveram os gêmeos. Em princípio, tudo parecia caminhar bem, para construção de uma família, um casal apaixonado e a alegria da chegada dos filhos, embora Halim não desejasse ter três filhos, cedeu aos desejos de

Zana. A família ficou completa com a chegada da caçula Rânia, de acordo com o plano de Zana de ter três filhos.

Desde os primeiros anos de vida, os gêmeos já apresentavam diferenças de comportamento - um era mais audacioso e aventureiro (Omar), enquanto o outro era mais cauteloso e tímido (Yaqub). iam juntos para a escola, com uniformes idênticos, e eram tão parecidos fisicamente que era difícil distingui-los. Na escola, um deles demonstrava negligência com os estudos (Omar), enquanto o outro era extremamente dedicado e aplicado (Yaqub).

Em casa, a atenção e o carinho da mãe eram direcionados para um dos irmãos, enquanto o outro era deixado aos cuidados de uma índia cativa, evidenciando a preferência e a diferenciação entre eles. Essas dinâmicas familiares complexas contribuíram para acentuar os conflitos e rivalidades entre os dois irmãos, culminando em numa relação de profunda tensão que marcaria suas vidas e a de toda a família.

Enquanto moleques, havia brigas, mas logo os irmãos brincavam juntos novamente. Omar se mostrava destemido e seguro, desafiando Yaqub a subir em árvores e provocando-o. Yaqub era mais retraído e evitava participar das brincadeiras arriscadas do irmão. Na escola, Omar era conhecido por suas brigas e desafios a outras crianças, enquanto Yaqub preferia evitar o confronto.

A preferência de Zana por Omar era evidente, pois o tratava com maior carinho e atenção, levando-o frequentar lugares especiais em Manaus. Enquanto isso, Yaqub era cuidado por uma cunhatã e passava seus dias brincando e nadando no rio Negro.

Com o passar do tempo, as diferenças entre os irmãos se acentuaram, e Yaqub percebia claramente o tratamento desigual da mãe, o que o entristecia e o tornava mais introspectivo e estudioso. O pai, Halim, tentava alertar Zana sobre as consequências dessa preferência, mas ela não dava ouvidos e ignorava as preocupações do marido.

Na adolescência, as brigas e competições entre os irmãos se tornaram mais perigosas. Em uma disputa pelo amor de Lívia, Omar chegou a ferir Yaqub gravemente com uma garrafa, deixando uma cicatriz em seu rosto. Zana mais uma vez defendeu Omar, culpando Lívia pelo ocorrido.

Yaqub, conforme a narrativa, permanecia na Escola dos Padres, como um excelente aluno, longe de Omar no horário escolar, mas as lembranças e a humilhação o tocavam profundamente todos os dias, quando os alunos o caçoavam, devido à cicatriz em seu rosto o chamando de: “ ‘Cara de lacrau’, [...] ‘Bochecha de

foice'. Os apelidos, muitos, todas as manhãs. Ele engolia os insultos não reagia. ” (HATOUM, 2006, p. 23) Calado e sozinho, no final da aula, dirigia-se para sua casa e lá também se trancava em seu quarto e passava horas compenetrado com seus livros à leitura e estudo, enquanto meticulosamente planejava o momento propício para a execução de sua vingança contra seu irmão.

Nesse momento da narrativa, houve um divisor, a guerra não era mais de meninos, que disputavam quem subia mais rápido em uma árvore ou quem se arriscava nadando nos rios, quem era mais forte, corajoso e inteligente, quem tinha mais a atenção, o amor e carinho da mãe, mas de homens que já sabiam o que queriam, e por Livia iam colocar todas as suas forças e lutar. Assim, a relação fraternal se encerra e dá lugar ao ódio, o objeto de desejo de ambos passa a ser a moça linda de olhos verdes.

Assim, diante da significativa intensificação da competição entre os irmãos, os pais decidiram encaminhar os filhos para o Líbano, mas Zana intercedeu por Omar, convencendo Halim a mandar somente Yaqub para a aldeia, onde ele viveu em pobreza e solidão. Enquanto isso, Omar continuou a desfrutar das benesses da família em Manaus.

Foram 05 anos de solidão e afastamento total, sem uma notícia, as cartas eram ignoradas – Yaqub na solidão e sofrimento, enquanto Omar permanecia no conforto e aconchego do lar, fazendo suas peripécias e a mãe o acobertando.

Halim tomou a decisão de trazer Yaqub de volta para casa, mesmo ciente de que o rapaz ainda carregava consigo as mágoas e lembranças da experiência que havia vivido no Líbano. Embora Yaqub não tenha se revoltado com os pais naquele momento, sua vivência no exterior o transformou profundamente. Optou por canalizar suas emoções em seus estudos, tornando-se mais aplicado e dedicado, chegando a ganhar o respeito de seus professores e um prêmio de destaque como estudante. Foi quando seu professor Bolislau, o alertou: “Vá embora de Manaus” [...] “Se ficares será derrotado pela província e devorado pelo teu irmão” (Hatoum, 2006, p. 32). Bolislau, que já os conhecia muito bem, tendo sido professor de Omar no passado, percebeu a tensão e os conflitos latentes entre os irmãos. Ao dar seu conselho e alerta a Yaqub, ele antevia a possibilidade de um embate de proporções maiores entre os dois.

Enquanto isso, Omar mostrava pouco interesse pela escola e continuava envolvido em brigas tanto na escola como nas ruas de Manaus. Cabulava as aulas para se divertir com os curumins, mergulhando no rio e correndo pelas vielas da

cidade flutuante. Muitas vezes, voltava para casa tarde da noite, sujo e machucado, e sua mãe prontamente o socorria e tratava de suas feridas, escondendo-o do pai para evitar conflitos.

Na fase da adolescência em que ambos já tinham por média de 17 anos, Yaqub ainda carregava em seu rosto a cicatriz da maldade e despeito de Omar, quando resolveu ir embora novamente – agora por sua decisão. Iria deixar a casa e a cidade que tanto amava e, principalmente, sua fiel amiga Domingas e também a moça que brilhava em seus sonhos – Lívia, mas sentia que precisava se afastar definitivamente do ambiente familiar, uma vez que o clima de rejeição da mãe com ele, e de predileção por Omar, já o estava prejudicando muito, de modo que o afastamento e a distância poderiam lhe fazer sofrer menos.

Ao partir de Manaus para a Capital de São Paulo, ele não aceitou ajuda financeira de seus pais. Chegou à cidade sozinho, sem uma rede de apoio, e precisou se virar para alugar um quarto em uma pensão e encontrar trabalho. Mesmo com a insistência do pai em enviar dinheiro para seus estudos, ele recusou qualquer auxílio financeiro. Yaqub estava determinado a trilhar seu próprio caminho e construir uma vida independente, longe das sombras do passado familiar que tanto o atormentavam.

“Não, baba, não vou precisar de nada... Dessa vez quem quis ir embora fui eu”. Halim abraçou o filho, chorou como havia chorado na manhã em que Yaqub partira para o Líbano. Zana ainda insistiu: que lhe mandaria uma mesada, que ele não ia ter tempo para trabalhar. “Teus estudos...”, acrescentou. “Nem um centavo”, ele disse olhando para a mãe (Hatoum, 2006, p. 33).

Ao tomar a decisão de se distanciar, Yaqub tinha o desejo de provar aos pais que era capaz de se sustentar e ser independente, mostrando sua inteligência e perspicácia superiores às de Omar. Ele almejava ser reconhecido como um filho especial, capaz de tomar decisões importantes e receber o amor e proteção de sua mãe, assim como ela o fazia com Omar. Entretanto, Zana não conseguia perceber que as escolhas de Yaqub impactavam diretamente em seu comportamento passional em relação a Omar.

Enquanto isso, Omar permanecia em Manaus, agora tratado definitivamente como filho único, o que ele sempre desejara para ter toda a atenção da mãe. Porém, seu comportamento disfuncional no ambiente familiar prejudicava todos os membros da família.

Halim se queixava do excesso de cuidados e acobertamentos de Zana com Omar, o que o deixava triste e desanimado, pois sentia que a esposa não tinha mais tempo para ele. Em algumas ocasiões, teve que entrar em conflito com Omar, como no dia em que este trouxe uma prostituta para dentro de casa e amanheceu com ela deitados nus em um sofá da sala. Nesse momento, Halim perdeu a paciência e, tomado pela fúria, confrontou o filho.

[...] ergueu-o pelo cabelo, arrastou-o até a borda da mesa [...] Omar, já homem feito, levar uma bofetada, uma só, a mãozorra do pai girando e caindo pesada como um remo no rosto do filho. Todos os pedidos que Halim lhe fizera em vão, todas as palavras rudes estavam concentradas naquele tabefe. Foi um estalo de martelada em pau oco. Que mão! [...] O Caçula não se levantou. O pai o acorrentou na maçaneta do cofre de aço, sentou-se uns minutos no sofá cinzento, tomou fôlego e saiu de casa. Sumiu por dois dias (Hatoum, 2006, p. 68).

Halim, ao tomar a decisão de confrontar Omar de forma radical, estava profundamente aborrecido e havia percebido que o filho perdera o respeito por ele e por todos os membros da família. Além disso, enfrentava a dificuldade de ter sua esposa contra ele quando tentava corrigir o comportamento problemático de Omar. Sua decisão de desaparecer se assemelha à escolha de Yaqub, ambos buscando o afastamento da família como uma forma desesperada de sobrevivência.

Tanto Halim quanto Yaqub estavam lidando com as adversidades de uma família com problemas estruturais sérios, em que a falta de diálogo e controle dos pais sobre os filhos levava a uma ruína total da instituição familiar. A decisão de se afastarem pode ser vista como uma tentativa de enfrentar essas dificuldades para proteger sua integridade física, emocional ou psicológica.

Enquanto isso, Rânia, a filha caçula de Halim e Zana, assumiu responsabilidades além de sua conta, tornando-se a principal provedora da família. Imersa no trabalho, ela esqueceu a possibilidade de ser feliz e formar sua própria família. Zana, por sua vez, impedia que Rânia se envolvesse afetivamente com rapazes que não atendiam a seus padrões financeiros.

A constante concessão de dinheiro a Omar e a falta de exigência para que ele ajudasse com os afazeres da loja geravam frustração em Rânia. Halim, por sua vez, se sentia impotente diante da esposa, que protegia Omar cegamente, mesmo diante de suas atitudes prejudiciais.



O comportamento desajustado de Omar e a proteção incondicional de Zana agravaram a relação do casal. Halim sentia falta da conexão e das conversas com a esposa e, para evitar confrontos no ambiente familiar, afastava-se cada vez mais, tornando-se calado e observador. Passava mais tempo fora de casa, percorrendo os comércios, porto e a cidade flutuante, encontrando conforto nos amigos e se afastando de suas responsabilidades familiares.

Halim chegou a ficar diversas noites no porão de sua loja, fumando seu narguilé e reclamando de sua má sorte. Zana explicava sua ausência alegando que ele gostava de ficar sumido durante o dia, mas sempre voltava. Até que um dia, de acordo com Hatoum (2006), Halim voltou para casa tarde da noite, quando todos dormiam, sentou no sofá da sala e faleceu.

A morte de Halim impactou Zana, mas ela permanecia protegendo e acobertando Omar, que se aproveitava da proteção para chegar bêbado, suado e rasgado, caindo pelas paredes, gritando e exigindo cuidado de todos. Era quando Domingas e Nael, os empregados cativos da casa, tinham que sair correndo a mando de Zana para socorrê-lo com banhos frios, limpeza de feridas, roupas limpas e comida quente.

No quartinho dos fundos do sobrado, viviam Nael e Domingas, os agregados da casa. Domingas uma índia que pertencia a tribo Baré<sup>22</sup> veio viver com a família quando criança, trazida pelas mãos de uma freira do orfanato e entregue à Zana. Cresceu com os gêmeos e com Rânia. Ela tinha obrigação de cuidar de todos os afazeres de casa, assim como seu filho Nael.

Domingas tinha carinho por Yaqub, mas nutria raiva de Omar por seu tratamento desrespeitoso e mandão em relação a ela e a Nael. Por vezes viu Nael pedir para que fossem embora da casa, mas Domingas, assim como Rânia, aceitavam a imposição de Zana para que cuidassem de Omar.

Nael nasceu na casa, um menino com feição mestiça, representando raízes indígenas, que foi ignorado por Zana, mas recebeu acolhimento por parte de Halim, durante seu crescimento. Halim também prestou assistência a Domingas no parto e a acompanhou no evento de batismo do recém-nascido. Durante a cerimônia de batismo, Halim disse a Domingas que a criança era seu neto e não ia desampará-lo,

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bar%c3%a9>. Acesso em: 16 ago. 2023.

e expressou o desejo de homenagear seu pai, pedindo para Domingas colocar-lhe o nome de Nael, culminando assim o nome “Nael”, narrador do romance.

Sobre o nascimento de Nael, a família silenciava, era um segredo que não podia ser tocado. Nael, ao crescer, começou a indagar a mãe sobre quem seria seu pai, mas Domingas sempre titubeava e trocava de assunto – não queria falar sobre o fato, e Nael se colocava pensativo sobre sua condição, buscando por respostas.

Domingas estava envelhecendo e um pouco adoentada. Num dia, em passeio pelas bandas do rio Negro, em meio aos pássaros e à floresta amazônica, ela resolveu contar ao filho quem seria seu pai e a forma como foi concebido:

Com o Omar eu não queria...uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalhado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão. Ela soluçava, não podia falar mais nada (Hatoum, 2006, p. 180).

As pesquisadoras Vera Lúcia Maquêa e Olga Maria Castrillon, em seu artigo intitulado “A Amazônia no romance de Milton Hatoum” (2021), destacam aspectos sutis e ao mesmo tempo evidentes relacionados à origem de Nael na construção da trama.

O narrador é Nael, filho da empregada, uma indígena que vive num quarto nos fundos do casarão de uma família de imigrantes libaneses em Manaus. Em busca de sua paternidade, só consegue a confissão de sua mãe quando, à beira da morte, revela que ele é fruto de uma violação. Filho bastardo da casa, agora em ruínas [...] (Maquêa; Castrillon, 2021, p. 183).

Nael descobriu, de forma chocante, que sua concepção foi resultado de um estupro violento perpetrado por Omar contra sua mãe. Além disso, percebeu que ninguém na família fez nada para ajudá-la ou repreender Omar. Em vez disso, a deixaram criar a criança e, posteriormente, servir como mais um empregado da casa, chamado de “filho da casa”.

Ao ouvir o relato da mãe, Nael permaneceu calado, assim como todos os membros da família haviam feito antes. Ele esperava que, um dia, Omar viesse pedir perdão, mas isso nunca aconteceu, pois ele era incapaz de compreender a necessidade de fazer tal reparação para Domingas e Nael.

Enquanto isso, Yaqub, após sua partida para São Paulo, voltou apenas três vezes a Manaus. E, não contou aos pais que havia se casado com Lívia. Ele se formou

em engenharia na Universidade de São Paulo e estava prosperando na construção de grandes obras no litoral paulista.

Ao ver o sucesso de Yaqub, Zana achou que Omar também deveria prosperar, sugerindo que os irmãos trabalhassem juntos em num projeto de construção de um hotel em Manaus, em que Omar estava envolvido. Yaqub aceitou a proposta, mas tinha um plano de vingança em mente.

Ele não fez o projeto do hotel e exigiu que Omar devolvesse o dinheiro recebido. Em suas idas a Manaus, sempre havia confrontos entre os irmãos, e numa dessas brigas, Omar tentou matar Yaqub. No entanto, dessa vez, a briga foi mais grave e Yaqub precisou ser levado para o hospital.

Dias depois, Rochiram, o indiano dono do empreendimento do hotel, cobrou de Zana o prejuízo causado pelos filhos, alertando que Yaqub moveria um processo contra Omar devido à tentativa de homicídio. Rânia se mudou para outra casa e tentou levar Zana, que relutou no início. Omar havia desaparecido e a polícia estava à sua procura.

Durante esse período, Domingas faleceu, deixando apenas Zana e Nael na casa. Zana acabou entregando a casa para Rochiram, que a transformou em numa grande loja. Apenas um corredor que dá acesso aos fundos da casa foi deixado como herança para Nael.

Zana foi morar com Rânia, mas logo adoeceu e veio a falecer, sem nunca ter recebido uma visita de seus filhos gêmeos. Em seus momentos de delírio, pediu perdão à filha por seus erros na criação dos gêmeos e desejou a reconciliação entre eles.

Após ser preso e passar muitos anos na prisão, Omar é libertado, mas sua vida toma um rumo desolador. Rânia tenta ajudá-lo, mas sua influência é limitada. Sem qualquer contato com a irmã, Omar se torna um mendigo, vivendo nas regiões mais pobres de Manaus. Enquanto isso, em São Paulo, Yaqub falece sem que o motivo seja especificado pelo autor. O que resta da família são apenas três membros: Rânia, a solitária; Omar, o fugitivo e mendigo; e Nael, o filho bastardo ignorado por Omar e também negligenciado como neto por Zana e Halim.

Ao refletir sobre a família de *Dois Irmãos*, após várias leituras, percebemos que, apesar de Omar expressar sua indignação e resistência ao sistema de governo, chamando-os de “golpistas”, como mencionado no capítulo 1, ele nunca agiu de fato

contra esse sistema. Sua falta de coragem e sua ruína pessoal trouxeram infelicidade ao ambiente familiar.

Em sua presença, a ruína se instalava tanto na família quanto na cidade de Manaus e no sistema financeiro do Estado. No ambiente familiar, Omar causava estragos e deixava sequelas em seus membros. Sua irresponsabilidade e criminalidade causaram feridas profundas em Halim, Yaqub, Domingas e Nael. Os crimes de Omar incluíam duas tentativas de assassinato contra o irmão, o estupro de Domingas, a exploração do trabalho de sua irmã e de seu filho Nael, além do roubo, contrabando e tentativa de enganar Rochiram na construção do hotel. Porém, para tudo isso acontecer, ele contava com uma cúmplice fiel: sua mãe, que alimentava e protegia sua monstruosidade, exigindo que todos se calassem diante de suas atrocidades e crimes, inclusive Halim, que faleceu na tristeza ao perceber que não tinha forças para combater o mal instalado em sua casa.

Por outro lado, Yaqub preferiu se manter distante do ambiente familiar, mas nutria o desejo de vingança contra o irmão. Ele aguardou pacientemente durante anos até o momento oportuno. Quando sua mãe manifestou a expectativa de que Omar pudesse ser bem-sucedido como ele, Yaqub traçou e executou seu plano, ao não entregar os projetos da obra do hotel e culpou Omar diante de Rochiram, dizendo que os prejuízos dele e de Omar deveriam ser cobrados de sua mãe. Rochiram cobrou cada centavo, e para isso Zana teve que entregar sua casa.

Nesse momento, a estrutura familiar construída por Halim e Zana ruiu completamente. O lar, símbolo de sua representação familiar, não lhes pertencia mais. A casa não era apenas paredes, pó e lágrimas; ela representava também todos os seus componentes e os momentos felizes que ali compartilharam.

### **3.2 Fio entre páginas sagradas das famílias des-estruturadas**

No fio do enredo de Hatoum, é importante trazer à reflexão as histórias bíblicas cristãs que também abordam tensões e conflitos familiares entre irmãos, como Caim e Abel, Esaú e Jacó, José e seus Irmãos e Amnon e Absalão.

No capítulo 4 do Gênesis, conta-se a história de Caim e Abel, irmãos que eram filhos de Adão e Eva. Abel cuidava das ovelhas como pastor, enquanto Caim trabalhava como lavrador da terra. Ambos decidiram fazer ofertas a Deus como forma de adoração.

Abel, o pastor de ovelhas, ofereceu as melhores e mais gordas partes de suas crias como oferenda. Deus ficou satisfeito e aceitou sua oferta. Por outro lado, Caim, o lavrador, trouxe frutas da terra como sua oferta, mas Deus não se agradou dessa escolha.

Sentindo-se rejeitado e tomado pelo ciúme e inveja do irmão, Caim ficou abalado ao ver que Abel estava feliz por Deus ter aceitado sua oferta. Nesse momento, Deus se dirigiu a Caim:

O Senhor disse a Caim: "Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito? Mas, se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo". Disse, porém, Caim a seu irmão Abel: "Vamos para o campo". Quando estavam lá, Caim atacou seu irmão Abel e o matou (Gn. 4,3-8).<sup>23</sup>

Diante disso, Deus amaldiçoou Caim, e disse que de nada ele tiraria da terra e que seria um errante pelo mundo, e que ninguém poderia matá-lo, porque também seria castigado. Para isso, Deus colocou uma marca em Caim, para que todos soubessem que era um fugitivo amaldiçoado, tornando-se, assim, o primeiro assassino do mundo dos homens.

Existem várias interpretações em diferentes tradições religiosas e culturais para a história de Caim e Abel, mas o que podemos tirar dessa metáfora, que é a mais interpretada e conhecida – é que a inveja e o ciúme fraternal não são aceitas por Deus em nenhuma hipótese, e, ainda, irmãos precisam viver e combater os sentimentos ruins, bem como alimentar sentimentos de respeito, amor e fraternidade, para que possam viver fraternalmente, em proteção e harmonia.

Em relação a Esaú e Jacó, no livro de Gênesis, observamos que eles eram filhos de Isaque e Rebeca e, desde a barriga da mãe, já brigavam por espaço. Embora Esaú tenha nascido primeiro e se tornado o primogênito, Jacó, em uma trama de enganação e traição, junto com sua mãe Rebeca, tomou o poder da primogenitura de Esaú. Ao descobrir que foi enganado, Esaú se afastou da família, jurando que iria matar seu irmão.

---

<sup>23</sup> BÍBLIA. Português. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1962. p. 11-12

Após muitos anos de separação, Jacó e Esaú constituíram famílias grandes e prosperaram. No entanto, Jacó ainda temia o irmão e sua prometida vingança. Jacó orou a Deus pedindo que acalmasse o coração de Esaú e que ele o perdoasse. Deus ouviu as orações de Jacó e promoveu o encontro, selando a paz entre eles<sup>24</sup>.

A metáfora de Esaú e Jacó traz muitos fatos e lições que podem ser aplicados no contexto familiar contemporâneo, conforme discutimos no romance *Dois Irmãos* de Milton Hatoum. Entre esses aspectos, destacam-se a traição de Rebeca para com seu esposo e seu filho Esaú, a falta de valor que Esaú deu para sua primogenitura ao vendê-la ao irmão Jacó por um prato de comida, Jacó se aproveitando de um momento de fragilidade de Esaú para tomar-lhe a primogenitura e também enganar o pai para obter a bênção.

Embora essa família tenha enfrentado várias traições, a história mostra que, apesar da promessa de vingança, Esaú sentia falta de seu irmão e Jacó também estava arrependido. Deus interveio e promoveu o perdão no reencontro: “Esaú correu-lhe ao encontro e beijou-o; ele atirou-se ao seu pescoço e beijou-o; e puseram-se a chorar” (Gn. 33, 4). Essa história se encerra com uma lição para a humanidade sobre altruísmo, fraternidade, amor e perdão.

José e seus irmãos (Gn. 3,1-50) - Jacó e Raquel eram os pais de José e Benjamim, conforme relatado na Bíblia Sagrada. Jacó também teve outros dez filhos com suas outras esposas, Lia, Bila e Zilpa. Eles viviam na terra de Canaã. Entre todos os filhos, José era o preferido de seu pai Jacó por ser o mais jovem dos irmãos. Jacó demonstrava esse favoritismo dando presentes a José, o que gerava ciúmes e inveja nos outros filhos, que o ignoravam. Além disso, José tinha sonhos que compartilhava com seus irmãos, deixando-os cada vez mais furiosos (Gn. 37, 7, 9): “Eis que estávamos atando molhos no meio do campo, e eis que o meu molho se levantava e também ficava em pé; e eis que os vossos molhos o rodeavam e se inclinavam ao meu molho”, “ E sonhou ainda outro sonho, e o contou a seus irmãos, e disse: Eis que ainda sonhei um sonho; e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam a mim”.

Sem que José e seu pai Jacó percebessem, seus irmãos acumulavam sentimentos de ciúme e inveja em relação a ele. Quando tiveram a oportunidade de vê-lo longe e desprotegido do pai, em Dotã, tramaram contra ele e decidiram matá-lo.

---

<sup>24</sup> BÍBLIA. Português. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1962.

A princípio, planejavam jogá-lo em uma cova, mas, ao avistarem uma caravana de ismaelitas a caminho do Egito, optaram por vendê-lo como escravo por 20 moedas de prata. Assim, o fizeram. De volta à casa de seus pais, levaram a túnica ensanguentada de José e disseram que a haviam encontrado, sugerindo que ele havia sido atacado por um animal. Jacó entrou em luto e lamentou a morte de seu filho por muitos dias.

Em Gênesis 39, 3-1, José chegou ao Egito como escravo, mas logo ganhou notoriedade por sua habilidade em interpretar sonhos. O Faraó o convidou para interpretar seus sonhos, e suas previsões se concretizaram, o que deixou o Faraó impressionado com sua sabedoria. Diante disso, José foi nomeado governador do Egito.

José e seus irmãos se reencontraram no Egito durante um período de seca, quando vieram em busca de comida. José, agora intitulado como o “varão da terra”, pois controlava o fornecimento de alimentos do Egito, os reconheceu, mas não buscou vingança. Em vez disso, permitiu que voltassem para casa com comida e dinheiro. Em um segundo encontro, José jantou com seus irmãos e, finalmente, se revelou a eles, dizendo (Gn. 42, 3): “E disse José a seus irmãos: Eu sou José; vive ainda meu pai? E seus irmãos não lhe puderam responder, porque estavam pasmados diante da sua face”.

A história de José e seus irmãos ilustra como sentimentos de inveja, cobiça, ciúme e deslealdade podem causar muito sofrimento entre os membros de uma família. José foi rejeitado, sequestrado, escravizado e aprisionado de acordo com a Bíblia Sagrada. No entanto, também podemos encontrar bons sentimentos de benevolência, solidariedade, fraternidade e perdão. Quando José poderia ter negado comida, aprisionado e executado sua vingança, ele acolheu seus irmãos, providenciou comida e proteção para eles.

O capítulo do livro de Samuel, no Antigo Testamento (2 Samuel, 13-19), inicia com o título “As perturbações na família de Davi”, uma história de incesto e estupro em que Amnom ama sua meia-irmã Tamar, forçando-a para ficar com ele, armando uma armadilha para tê-la presente e pegá-la, e depois desprezá-la. Nas leis de Israel perante Davi e Deus, o estupro era proibido, e irmãos não poderiam se unir em matrimônio (2 Samuel, 13:12): “Porém ela lhe disse: não, irmão meu, não me forces, porque não se faz assim em Israel; não faças tal loucura”. Mas ele consumou o ato, e depois a mandou embora, abusando do seu poder de homem dominador e de futuro

rei, dando pouca importância para as consequências do pecado, da dor de Tamar e da perda de confiança e ruptura familiar que causaria.

O irmão Absalão, sabendo do estupro de sua irmã, sofreu calado ao ver o sofrimento dela, que viveu solitária e envergonhada em sua casa, mas Absalão arquitetou e esperou por dois anos para colocar sua vingança em ação. Assim, em uma viagem, longe do rei Davi, mata Amnom, o primogênito do reinado e fugiu para terras distantes.

Nesta parte da Bíblia, temos uma narrativa que aborda um tema extremamente relevante: a violência contra a mulher e a falta de proteção para a mulher-irmã. No caso em questão, a história de Tamar, filha de Davi, ilustra como a figura feminina na família nem sempre recebia a devida proteção dos irmãos e dos pais.

Quando Amnon, seu meio-irmão, a violenta, não há nenhuma punição do rei. Esse fato demonstra o impacto negativo que tal situação pode causar tanto para a vítima como para toda a família. Absalão, outro irmão de Tamar, reage diante da injustiça com revolta e busca a vingança pessoal contra o próprio irmão, mas não adota os meios adequados de buscar justiça para sua irmã, de modo que suas ações acabam gerando uma tragédia maior e sofrimento para a família como um todo. Essa narrativa serve como um alerta, mostrando como a violência contra a mulher pode não apenas prejudicar a vítima diretamente, mas também desencadear consequências devastadoras para o ambiente familiar.

No romance contemporâneo *Dois Irmãos*, também é retratada a violência contra a mulher no ambiente familiar. Omar, sentindo-se enciumado com o relacionamento de amizade entre Yaqub e Domingas, aproveitou-se da fragilidade e da falta de proteção de Domingas para, numa noite, entrar em seu quarto e forçá-la, cometendo o estupro.

O fato cometido foi conhecido por todos na família, mas foi ignorado e Omar não foi punido, assim como o rei Davi não puniu Amnon. Ambos tiveram uma reação de desconsideração, falta de respeito e empatia em relação a Domingas e também a Tamar.

O filho de Domingas, Nael, soube do que havia acontecido com sua mãe já na fase adulta, quando perguntava sobre sua origem paterna. Ao saber, seu ódio e rejeição a Omar aumentaram ainda mais, mas ele não tramou nem realizou nenhum plano de vingança contra Omar. No entanto, cultivava secretamente a esperança de que, de alguma forma, Omar enfrentasse as consequências pelo mal que causou a



sua mãe e a ele. Assim, Nael aguardou pacientemente o dia em que veria Omar enfrentar o colapso e a ruína em sua trajetória de vida.

Na última página do romance, Nael tem um encontro com Omar, e assim é descrito pelo respectivo narrador:

Ainda chovia, com trovoadas, quando Omar invadiu o meu refúgio. Aproximou-se do meu quarto devagar, um vulto. Avançou mais um pouco e estacou bem perto da velha seringueira, diminuído pela grandeza da árvore. Não pude ver com nitidez o seu rosto. Ele ergueu a cabeça para a copa que cobria o quintal. [...] os pés descalços no aqueduto. Um homem de meia idade, o Caçula. E já quase velho ele me encarou. Eu esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão. Omar titubeou. Olhou para mim, emudecido. Assim ficou por um tempo, o olhar cortando a chuva e a janela, para além de qualquer ângulo ou ponto fixo. Era um olhar a deriva. Depois recuou lentamente, deu as costas e foi embora (Hatoum, 2006, p. 198).

Após seu período de detenção, Omar sai da cadeia maltrapilho e arruinado. Ele foi punido, não pelo crime cometido contra Domingas, mas sim pelo crime cometido contra seu irmão Yaqub. Ao retornar ao lar perdido e destruído, busca conforto e apoio, mas não encontra mais sua mãe ali, pois ela já havia falecido. Apenas Nael está presente, e nesse momento há um anseio latente em Nael por um pedido de perdão. No entanto, esse momento é abruptamente interrompido quando Omar dá as costas e vai embora. Esse ato de Omar, simboliza a continuidade da ruptura nas relações familiares e a persistência das cicatrizes do passado, que continuam a afetar a dinâmica familiar de Halim e Zana.

Nessa parte do romance, podemos observar que Hatoum convoca o leitor para uma contemplação que também nos remete a uma passagem bíblica. Isso instiga a reflexão sobre a trama complexa que permeia o núcleo familiar, envolvendo questões de respeito, justiça e perdão.

Dessa maneira, ao apropriar-se de temáticas universais que perpassam o âmbito humano, Hatoum cria um enredo rico e complexo que vai além das referências religiosas. Ao aproximar-se, por exemplo, das narrativas de Caim e Abel, Esaú e Jacó, José e seus irmãos ou Amnon e Absalão, o autor estabelece um diálogo intertextual que enriquece a compreensão da rivalidade fraternal na literatura.

Logo, podemos entender que o romance contemporâneo *Dois Irmãos* (2006), ao estabelecer um diálogo direto também com as passagens bíblicas mencionadas, trazendo à tona histórias tão antigas quanto atuais para o debate, pretende lançar luz sobre questões profundas que ecoam na experiência humana, especialmente nas relações familiares.

### **3.3 Emaranhado de fios: lições do olimpo sobre tragédias gregorianas nas famílias des-estruturadas**

Em Hatoum também encontramos histórias relacionadas à mitologia grega que carregam os mais terríveis tormentos e tragédias da figura humana, tanto em nível individual quanto no contexto familiar. Algumas dessas histórias notáveis incluem: Jocasta e Édipo, Zeus e seus irmãos, Teseu e o Minotauro, Odisseu e Telêmaco, Prometeu e Epimeteu, Agamenon e Orestes e Electra.

Vamos nos concentrar primeiramente em duas lendas relacionadas a Édipo, que são apresentadas em peças teatrais escritas por Sófocles: *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*, apresentadas pela primeira vez em Atenas, por volta de 401 e 430 a.C.

Segundo Mário da Gama Kury (1998), tudo começa quando Laio foi amaldiçoado por Pélops. Apaixonado pelo filho de Pélops, Laio o sequestra, provocando a ira de Pélops, que lança uma praga sobre Laio, condenando-o a não ter descendentes. Posteriormente, Laio se casa com Jocasta, irmã de Creonte, e se torna rei de Tebas. Entretanto, o oráculo adverte Laio que se tiver um filho, esse filho o matará. Mesmo assim, Laio e Jocasta têm um filho, mas, para evitar a profecia, Laio manda abandonar a criança, furando e amarrando seus pés no Monte Citeron. O pastor que deveria abandoná-la acaba piedosamente entregando-a a outro pastor, que ao vê-la a chamou de Édipo devido a seus pés feridos e inchados (*Oídipous* – pés inchados), e a leva para o rei Pólipo, que não tinha filhos, e este a cria como seu próprio filho.

Ao atingir a idade adulta, Édipo desconfia de sua origem e parte em busca de sua descendência, consultando o oráculo de Apolo, que não revela sua verdadeira origem, mas prevê que Édipo matará seu pai e se casará com sua mãe. Movido por esse temor, Édipo evita retornar ao lar, pensando que Pólipo é seu verdadeiro pai.

Assim, Édipo se afasta de sua família e, infelizmente, a maldição se cumpre quando ele, sem saber, mata Laio, seu verdadeiro pai, e se torna rei de Tebas ao

resolver o enigma da esfinge<sup>25</sup> que assolava a cidade. Sem saber da relação de parentesco, Édipo se casa com Jocasta, tornando-a sua rainha. Juntos, tiveram duas filhas, Antígona e Ismênia, e dois filhos, Etéocles e Polinice.

Uma terrível peste assola Tebas como consequência do desrespeito aos oráculos, e Édipo envia seu cunhado Creonte a Delfos para consultar o oráculo em busca de uma solução para a praga.

A partir desses eventos, Édipo empreende uma investigação para descobrir suas verdadeiras origens, convocando todos aqueles que o conheceram em sua juventude e, por meio dessa investigação, descobre que não é filho legítimo de Pólibo e Mérope. Ele também descobre a profecia prevista pelo oráculo, que já havia se concretizado: Laio era seu pai e Jocasta sua mãe.

Jocasta, a esposa/mãe, não suportando saber do castigo imposto pelo oráculo, é encontrada morta, pendurada em uma corda. Ao ver essa cena, Édipo é tomado por um sentimento de remorso, culpa e dor, furando seus próprios olhos, gritando que viveria na escuridão por não merecer mais a luz. Cego, ele continua vivendo em Tebas com seus filhos, que nesse período disputam o trono, pois o veem como incapaz. Édipo percebe a insensibilidade de seus filhos em relação à sua condição de vida e os amaldiçoa, prevendo que um matará o outro.

Conforme previsto pelo oráculo, ao som do trovão de Zeus, Édipo morre e desaparece na terra, em um lugar desconhecido, pois, de acordo com a profecia, a terra em que fosse enterrado seria abençoada e feliz. Assim, termina uma das partes da lendária história de Édipo, uma das tragédias familiares mais conhecidas no mundo da literatura. Ela contém literalmente todos os elementos de uma tragédia, cada verso é um suspense esperando o pior acontecer, mostrando a complexa dinâmica das

---

<sup>25</sup> Esfinge, em grego Σφι/γξ (Sphínks), que provém do verbo sfi/ggein (sphínguein), "envolver, apertar, comprimir, sufocar". Monstro feminino, com o rosto e, por vezes, seios de mulher, peito, patas e cauda. A Esfinge grega figura sobretudo no mito de Édipo e no ciclo tebano. Este monstro fora enviado por Hera, a protetora dos amores legítimos, contra Tebas, para punir a cidade do crime de Laio, que raptara Crisipo, filho de Pélops, introduzindo na Hélade a pederastia. Postada no monte Fíquion, muito próximo da cidade, devastava o país, devorando a quantos lhe passassem ao alcance. Normalmente propunha um só e mesmo enigma aos transeuntes, e já havia exterminado a muitos, porque ninguém ainda o decifrara. Foi então que surgiu Édipo e a "cruel cantora" (a Esfinge propunha o enigma cantando) lhe fez a clássica pergunta: "Qual o ser que anda de manhã com quatro patas, ao meio-dia com duas e, à tarde, com três e que, contrariamente à lei geral, é mais fraco quando tem mais pernas"? Édipo respondeu de pronto: "É o homem, porque, quando pequeno, engatinha sobre os quatro membros; quando adulto, usa as duas pernas; e, na velhice, caminha apoiado a um bastão". Vencida, a Esfinge precipitou-se do alto de um rochedo e morreu. BRANDÃO. Junito de Souza. De nix ao leão de Neméia. In: **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 245.

relações familiares, com seus segredos e verdades ocultas, como o incesto, que podem impactar e moldar o presente e o futuro das histórias familiares.

Sigmund Freud (1996 [1909]) e Jacques Lacan (1987 [1938]), no campo da psiquiatria, estudaram profundamente o mito de Édipo, relacionando-o diretamente com a família e suas complicações - a teoria da família, especialmente as relações entre filhos e pais. Freud associava a história de Édipo à relação triangular entre o filho, o pai e a mãe, com foco nos primeiros desejos do filho, em que a mãe é vista pelo filho como seu primeiro amor, e este tem sentimentos de rivalidade com o pai. Dessa forma, ele analisa Édipo como um ser individual. Enquanto isso, Lacan faz uma análise de Édipo dentro de um contexto social, em que o indivíduo busca reconhecimento pelo outro ou pela sociedade, para que possa se integrar e formar um senso de identidade. Ele argumenta que a tragédia de Édipo ilustra o fato de que, apesar de nosso impulso intrínseco de buscar o autoconhecimento, a falta de validação dos outros pode ter consequências trágicas.

As histórias em *Édipo Rei* e em *Dois Irmãos*, trazem as complexidades das relações familiares, como um tema central. Ambas examinam os laços familiares, o amor, o ódio e os conflitos que surgem na saga familiar. As narrativas envolvem ainda, segredos familiares que tem grande impacto nas vidas dos personagens. Em *Édipo Rei*, o segredo da identidade é o cerne da tragédia, enquanto em *Dois Irmãos* de Milton Hatoum os segredos sobre os relacionamentos familiares são fundamentais para a trama, assim, tanto Édipo quanto os personagens de *Dois Irmãos* experimentam destinos trágicos.

Continuando com as tragédias gregas, podemos mencionar a lendária peça de *Electra*, apresentada por volta de 413 a.C. em Atenas, escrita também por Sófocles, mas que teve origem nas obras de Ésquilo e Eurípedes. Segundo a tradução de Mário da Gama Kury (1998), a história de *Electra* tem início na guerra de Troia (Helena de Tróia), quando Agamêmnon parte para o combate e assassina sua filha Ifigênia como oferenda para a deusa Ártemis, buscando vitória na guerra. Agamêmnon fica afastado de seu reino em Micenas, na Grécia antiga, durante um período de 10 anos, que durou a guerra com os troianos. Ao retornar vitorioso para seu castelo, ele descobre que sua esposa, Clitemnestra, está em adultério com seu primo Egisto. Na mesma noite do retorno dele, Clitemnestra, em conluio com Egisto, o mata com um cutelo de bronze, alegando vingança pela morte de sua filha.

Na ocasião, o casal - Agamêmnon e Clitemnestra - tinha três filhas: Ifigênia, Crisôtemis e Electra, e um filho, Orestes. Ao saber do assassinato de seu pai, Electra correu para salvar Orestes, seu irmão mais novo, pois ele seria o sucessor de seu pai no reinado. Apesar de sua mãe afirmar que a morte de Agamêmnon foi para vingar a filha, eles desconfiavam que o verdadeiro motivo era o desejo de Egisto tomar o lugar de Agamêmnon como rei da Grécia.

Electra enviou Orestes, que tinha apenas dez anos de idade, para longe, para as terras de Estrófilo, rei da Fócida e amigo de seu pai, para protegê-lo. Enquanto isso, Electra permaneceu em Micenas, aguardando a maioridade e o retorno de seu irmão exilado para vingar a morte de seu pai.

Durante esse período, Electra viveu no palácio, sofrendo pela morte de seu pai. Ela vivia lamentando e chorando pelos cantos, recusando-se a aceitar as regalias de viver em um reino e adotando o estilo de vida de uma serva. Vestia-se como uma serva e comia como uma, e seu sofrimento e reclamações eram ouvidos por todos no palácio, dia e noite. Electra vivia reclusa e chorosa.

Ela reclamava que suas irmãs não poderiam desfrutar dos prazeres do palácio sob o reinado do impostor e que elas também deveriam se revoltar e se juntar a ela, aguardando o momento da vingança, que seria realizada por Orestes, que estava exilado. Suas irmãs não desejavam o confronto e nem a morte da mãe.

Orestes planeja um estratagema e envia um mensageiro para informar que ele havia morrido. Electra, ao saber da morte de seu irmão, se desespera, pois percebe que sua esperança de vingança por meio dele desapareceu. Então, ela decide traçar sua própria vingança.

Ao saber da morte de Orestes, a mãe de Electra se sente feliz e libertada da vingança. Ela diz para Electra que foi inútil tudo que ela fez, que sua vingança não se realizará. Electra, mais uma vez, questiona os sentimentos da mãe, sem entender como ela pode estar feliz com a morte do próprio filho.

As noites que se sucedem representam para Electra um período de angústia e morte, com as imagens trágicas em sua mente da forma como seu pai foi assassinado. O dia é o prenúncio de uma tarefa a ser cumprida - a morte de Egisto e de sua mãe, tornando-se, nesse momento da lenda, Electra a heroína da história trágica, vestindo-se com as armas de uma guerreira para enfrentar sua trágica história.

O ódio obsessivo que Electra nutre por sua mãe a faz sofrer profundamente, e nesse sofrimento ela se fecha e não se permite viver ou se despojar desse ódio.

Electra não tem um parceiro ou filhos, e sua cama e útero estão vazios. Ela está envelhecendo e ficando doente devido ao ódio que a consome. Porém, percebe que, ao assumir essa posição de ódio e vingança, não se diferencia do caráter de sua mãe, que escolheu matar seu esposo e viver em adultério com outro homem, submetendo seus filhos a tal situação.

Enquanto isso, Orestes, ainda exilado, também continua tramando sua vingança. Para ele, sua mãe não deveria ser poupada, pois a vê como assassina e adúltera. Ele consulta o oráculo de Apolo em busca de orientação, mas o oráculo não fala diretamente sobre sua mãe e sim sobre a forma como a vingança deve ser executada. Determinado, Orestes mantém seu plano de matá-la.

Durante seu exílio, Orestes não recebeu atenção, carinho e amor de sua mãe ou de sua família. Para ele, todos eram apenas estranhos que habitavam sua casa e deveriam ser extirpados. O castelo de seu pai precisava ser recuperado, assim como seu trono, para restaurar a harmonia de um lar destruído, que ele nunca teve, pois precisou partir muito jovem para longe.

Conforme a lenda, Orestes se fortalece, sai do exílio e parte para sua vingança, chegando ao palácio calmo e como um estrangeiro e libertador, ninguém o reconhece, o que facilita seus planos de vingança. Assim, ele adentra o palácio e conclui sua vingança, matando sua mãe, completando o matricídio da tragédia familiar. Ele cumpre a tríade do herói - retorno, vingança e reconstrução.

Ó filho, filho  
 Tem compaixão da que te gerou (v.1410)  
 Electra grita das portas do palácio:  
 Mas não tiveste compaixão dele nem do pai que o gerou (v.1411)  
 (Sófocles apud Kury, 2008, p. 58).

Quando Electra encontra Orestes, ela pergunta sobre sua mãe, e ele assegura que ela nunca mais fará mal a eles, e que tudo ocorreu de acordo com a profecia divina. Electra se regozija com essa informação.

Logo em seguida, eles tramam a morte de Egisto. Electra o leva para uma armadilha ao dizer que o corpo de Orestes está no palácio e que ele precisa vê-lo. Egisto a acompanha e encontra um corpo coberto. Ao descobri-lo, percebe que se trata do corpo de Clitemnestra e começa a lamentar a vingança que se sucedeu ao reconhecer Orestes disfarçado de estrangeiro, que o conduz ao local onde mataram seu pai, Agamêmnon, e o executa, concretizando o desejo e a vingança de Electra.

Nessa lenda, podemos ver o papel do herói, que é aquele que reconstrói. No caso de Electra, seu irmão veio para restaurar aquilo que havia sido perdido no contexto familiar. A traição de Clitemnestra levou em desgraça toda a família e a ruína do lar que havia sido construído para abrigá-los.

A dinâmica familiar apresentada na história de Electra traz uma reflexão sobre as relações familiares, especialmente as relações parentais. A lenda retrata um ambiente familiar repleto de traições, assassinatos e vinganças, revelando a tensão e os conflitos que podem surgir dentro da família.

Os desentendimentos entre Electra e sua mãe criam uma imagem de crise e ódio no espaço familiar, sendo um elemento central da lenda. A traição de Clitemnestra contra seu marido Agamêmnon e o subsequente desejo de vingança de Electra trazem uma dualidade com efeitos devastadores para todo o contexto familiar.

Electra evoca os preceitos que regem o ambiente familiar, como a confiança, a lealdade e a fidelidade de sua mãe perante o casamento e a estrutura familiar. Ao quebrar os laços dos valores tradicionais de honra e respeito, Clitemnestra trouxe destruição e tragédia para sua família, perpetuados por Orestes, seu filho.

Nesses termos, podemos tirar várias lições da lenda de Electra, mas a mais importante para o contexto que estamos pesquisando é que as tensões familiares precisam ser resolvidas, ressaltando-se a importância do amor, do diálogo e da reconciliação para evitar que essas tensões atinjam níveis trágicos, como um matricídio.

A tragédia de Electra e sua família é traçada por um plano de vingança e morte, que culmina com um matricídio cometido por um dos filhos. Ao contrário da tragédia da família retratada por Hatoum em *Dois Irmãos*, Zana não morre ferida por uma arma, mas vai morrendo aos poucos, emocionalmente - entristecida e infeliz, ao testemunhar o destino sombrio de sua família, ecoa as tragédias gregas de maneira poética e moderna.

Ainda, em *Dois Irmãos*, um dos gêmeos trama no transcorrer da narrativa, em segredo, desejando o momento em que se vingaria de seu duplo. Esse desejo se cumpre e impacta de maneira significativa todos os membros da família e desencadeia sérias consequências que reverberam nas vidas dos personagens envolvidos.

Hatoum constrói seus personagens em um ambiente e época diferentes das tragédias gregas. Ele coloca uma Manaus em declínio e com falta de esperança de melhora, assim como seus personagens, que vão se perdendo em seus caminhos. A

família construída por Hatoum numa época contemporânea não se diferencia da família das tragédias gregas. As histórias se confundem e se fundem, uma vez que as questões relacionadas à família são tão antigas quanto atuais no universo humano. Independentemente ainda, das épocas e culturas, as dinâmicas familiares continuam a ser um campo fértil para exploração literária. Isso nos lembra que as lutas, os conflitos e as buscas por reconciliação são inerentes à condição humana, e a literatura é um espelho que reflete essas experiências universais.

A lenda de Electra e o romance *Dois Irmãos*, destacam ainda a importância de cuidar das relações familiares com amor, diálogo e reconciliação. Essas são ferramentas poderosas para evitar tragédias e construir laços familiares fortes e saudáveis. Ao aplicar essas lições em nossas próprias vidas, podemos contribuir para famílias mais harmoniosas e resilientes, independentemente das circunstâncias em que vivemos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler nossa pesquisa, nosso interlocutor pode notar que a intenção foi trazer para a discussão o tema da família como um núcleo estruturante na obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum. A importância dada pelo autor ao construir a obra com foco na temática familiar fica evidente desde as primeiras páginas, quando o autor chama a atenção do leitor na introdução. Através do seu narrador e também personagem Nael, narra em primeira pessoa os últimos momentos de vida da matriarca da família, quando ela clama pela paz entre os filhos.

No romance, elementos criativos, alternando perspectivas de diferentes personagens ao longo do tempo, contribuem para a construção de uma teia de relações complexas. Isso permite ao leitor mergulhar nas subjetividades dos personagens e compreender as várias camadas de suas motivações.

Assim, optamos por abordar temas polêmicos relacionados à família para chamar a atenção e incentivar o debate sobre situações desreguladas e insustentáveis que muitas vezes são negligenciadas no âmbito familiar e podem levar a tragédias, como o caso de matricídio e parricídio citados na pesquisa.

Em *Dois Irmãos*, Hatoum explora as raízes da inveja, do conflito e da rivalidade entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar, num cenário marcado pela multiculturalidade e pela cidade de Manaus. Inspirado também nas tragédias gregas, bem como nas histórias bíblicas, ele constrói um enredo em que as emoções humanas universais - como inveja, ressentimento e desejo de reconhecimento - são refletidas de forma profunda e contemporânea.

Dessa forma, integrando elementos religiosos e reflexões inspiradas na tragédia grega em nossa investigação, que se concentra na intrincada dinâmica familiar retratada em *Dois Irmãos*, pretendemos mostrar também que os elementos mencionados e difundidos acima podem moldar expressões criativas. Assim, pretendemos também ressaltar que tais literaturas possuem o potencial de ter influenciado de fato a composição da mencionada obra, sob a premissa de que temas recorrentes no panorama literário e histórico mantêm sua atualidade.

Nesse sentido, o que diferencia a abordagem de Hatoum é a construção dos personagens e do ambiente, visto que ele explora o cenário amazônico, incorporando elementos culturais, sociais e políticos da região, que influenciam diretamente as dinâmicas entre os irmãos. Além disso, o autor mergulha nas psicologias complexas

dos personagens, proporcionando uma visão mais ampla das motivações por trás de suas ações, humanizando a rivalidade fraternal e tornando-a mais tridimensional e psicologicamente profunda.

*Dois Irmãos* explora questões familiares ao retratar uma família comum com suas emoções, temperamentos, comportamentos e conflitos. Com o tempo, os problemas familiares vão se agravando com o nascimento dos protagonistas Yaqub e Omar, trazendo momentos de tensão, embates e tristezas para os pais e demais membros do ambiente doméstico.

O sobrado mencionado na narrativa, que tinha em sua fachada a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, chamado de lar pela família de Halim e Zana, foi palco das horas de amor do casal, antes da chegada dos gêmeos, mas também foi palco das brigas e discussões entre os irmãos e o crime de abuso cometido por Omar contra Domingas.

Nesse contexto, o lar da família, referenciado como símbolo de unidade inicialmente, virou moeda de troca para pagamento de dívidas contraídas pelos irmãos e cenário de discórdias, crimes e desunião. O destino imposto ao lar libanês transcendeu seu papel como mero espaço físico e adquiriu uma profundidade simbólica extraordinária na narrativa, assim como, todos os personagens que compõem a família do enredo, foram se desfazendo, em uma metáfora de ruína.

Paralelamente, o contexto histórico e político de Manaus, bem como os ciclos da borracha, também tem influência na trama. O apogeu e declínio da produção da borracha e ainda as questões da modernidade têm afetado economicamente a cidade e também a família de Halim. À medida que os filhos crescem, a falta de entendimento entre os irmãos se intensifica, os problemas se acirram dentro da família, e ainda existe a simpatia de um dos gêmeos e o desprezo do outro em relação ao sistema político vigente na época, retratado também na trama.

Outro aspecto que também podemos observar, são as complexidades do relacionamento familiar evidenciadas no enredo, destacando sentimentos de ódio, ciúmes, rivalidades, ânsia e realização de vingança entre irmãos e principalmente as ações e desdobramentos relacionados às decisões dos pais que englobam elementos de autoridade, poder, afeto e discordâncias, trazendo potencial para traçar e moldar os desfechos das trajetórias familiares.

Para uma melhor compreensão da obra de Hatoum, utilizamos um método de análise baseado nas pesquisas de Antony Giddens (2002), Antonio Candido (1968),

Bachelard (1958), Beth Brait (1985), Canclini (2019), Freud (1938), Stuart Hall (2003) e outros, abordando o comportamento dos personagens Yaqub e Omar, bem como de Halim e Zana, e também os espaços em que estão inseridos.

Em *Dois Irmãos*, não existem heróis nem vilões, uma vez que os acontecimentos prejudiciais da trama familiar não serviram como lição de experiência transformadora para os personagens. Desde o início do enredo, percebemos que uma linha reta de destruição e tragédia foi traçada, culminando com o esfacelamento total da instituição familiar de Halim e Zana.

Dessa forma, esta pesquisa também chama a atenção para a importância de uma abordagem solidária e sensível para entender a dinâmica familiar e o impacto dos relacionamentos, bem como, o bem-estar de seus membros. As ações dos indivíduos refletem não apenas seus sentimentos e desejos pessoais, mas também a história familiar que influencia suas decisões. A análise dessas dinâmicas contribui para uma melhor compreensão da variedade e complexidade das relações familiares, apontando para a importância de um ambiente que promova o apoio, o diálogo, o respeito, o amor e a compreensão, para todos os envolvidos.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JR., B; MACEDO, T. C.; SILVA, A. R.; MAQUÊA, V. L. R. *A tradução do impossível: Milton Hatoum e Mia Couto*. In: SILVA, A. R. (org.). **Diálogos críticos: literatura, comparativismo e ensino**. Cotia-SP: Ateliê Editorial; UNEMAT Editora, 2008, v. 29. p. 145-178
- ABDALA JUNIOR, B. **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AHMAD, A. The politics of literary post-coloniality. **Race and Class**, London, v. 36. n. 3, 1995.
- ARAGÓN, L. E. **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém, UFPA NAEA, 2009. Disponível em: [https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/23/1/Livro\\_MigracaoInternacionalPan.pdf](https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/23/1/Livro_MigracaoInternacionalPan.pdf). Acesso em: 4 jun. 2023.
- ANDRADE, R. P. **Matrizes tectônicas da arquitetura moderna brasileira 1940-1960**. 2016. 182f. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22327/1/2016\\_Rog%C3%A9rioPontesAndrade.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22327/1/2016_Rog%C3%A9rioPontesAndrade.pdf). Acesso em 09.06.2023.
- ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ADORNO, T. W. **Notas de literatura I**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.
- ASSIS, M. **Esaú e Jacó**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BACHELARD, G. **Os pensadores**. Trad. Antonio da Costa Leal e Lídia do Valle S. Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. Manaus: Valer, 2009.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio P. Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 31-43.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

BÍBLIA. Português. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1962.

BOSI, A. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: 34, 2013.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

CANDIDO, A. et al. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, A.; ROSENFELD, A.; PRADO, D. A. P.; GOMES, P. E. S. **A personagem de ficção**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

CAPELATO, M. H. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. *In*: PANDOLFI, D. (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera costa da Silva et al. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CHIARELLI, S. Sherazade no Amazonas: a pulsão de narrar em o Relato de um certo Oriente. *In*: **Arquitetura da Memória: ensaio sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum**. Manaus: Ed. Universidade Federal do Amazonas-UNINORTE, 2007. p.35-45.

COSTA, M. R. S. **O Pacto Fraternal e a Aliança Nacional: análise dos romances Esaú e Jacó (Machado de Assis) e Dois Irmãos (Milton Hatoum)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2010.

ARRIGUCCI JÚNIOR, D. [Texto de orelha]. *In*: HATOUM, M. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

DEMOZZI, Marlucci Cristina da Silva. **Metaficção em Dois Irmãos, de Milton Hatoum e a Autoficção em o Irmão Alemão, de Chico Buarque: a representação de conflitos familiares**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2013.

FIGUEIREDO, E. (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FOKKELMAN, J. P. Gênesis. *In*: ALTER, R. KERMODE, F. **Guia literário da Bíblia**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: EDUNESP, 1997. p. 49-68.

FREUD, S. Obras completas volume 14: **História de uma neurose infantil**: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

FREUD, S. O ego e o id (1923). *In*: S. FREUD, S. **O ego e o id** e outros trabalhos (1923-1925). Direção geral da tradução: Jaime Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

FREUD, S. Romances familiares. *In*: S. FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. Jaime Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

FREUD, S. **Conferência número 13**: aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos. Rio de Janeiro: Imago, 1916.

FREUD, S. **Dois histórias clínicas**: "O pequeno Hans" e o "Homem dos ratos". Rio de Janeiro: Imago, 1909.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala**. 35. ed. Rio de Janeiro. Record, 1999.

GUYOT, A.; RESTELLINI, P. **L'art nazi: un art de propagande**, 1933-1945. Bruxelles: Editions Complexe, 1983.

HALL, S. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HATOUM, M. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HATOUM, M. Laços de parentesco: ficção e antropologia. **Raízes da Amazônia**, v. 1, n. 1, 2005.

HATOUM, M. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: companhia das Letras, 2008.

HATOUM, M. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HATOUM, M. **Entrevista concedida a Julián Fuks em 13.08.2005**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1308200507.htm>. Acesso em: 25 jan. 2023.

KARAN, J. T. Fios arábes, tecidos brasileiros. **Revista de História da Biblioteca Nacional**: Árabes Somos Nós, ano 4, n. 46, p. 22-24, 2009. Disponível em:

<http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/%C3%81rabes-somos-n%C3%B3s-as-origens-que-o-brasil-desconhece.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2023.

LACAN, J. **A família**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987 [1938].

LACAN, J. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LIMA, L. C. A ilha flutuante. **Caderno Mais!** Folha de S. Paulo, 24 de setembro de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs>. Acesso em: 20 jan. 2023.

LOUREIRO, J. J. P. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: 34, 2000.

MARTINS, I. F. A simbologia da casa em Dois Irmãos, de Milton Hatoum. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 16, n. 2, p. 152-168, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/15104/10766>. Acesso em: 25 jan. 2022.

MAQUÊA, V. L. R. **Memórias inventadas**: um estudo comparado entre '\Relato de um certo oriente', de Milton Hatoum e '\Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra', de Mia Couto. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2007.

MENDES, O.; MAQUÊA, V. L. R. A Amazônia no romance de Milton Hatoum. *In*: **Diáspora amazônica**: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade. Porto Velho: Temática, 2021.

O MENINO QUE MATOU MEUS PAIS. Direção: Mauricio Eça. Brasil: Amazon Prime Brasil, 2020.

OSMAM, S. A. **Entre o Líbano e o Brasil**: dinâmica migratória e história oral de vida. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas de São Paulo. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05112007-133744/publico/TESE\\_SAMIRA\\_ADEL\\_OSMAN\\_VOLUME\\_I.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05112007-133744/publico/TESE_SAMIRA_ADEL_OSMAN_VOLUME_I.pdf). Acesso em: 20 abr. 2023.

PELLEGRINI, T. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. **Luso-Brazilian Review**, v. 41, n. 1, p.121-138, 2004.

PEREIRA, J.; VERISSÍMO, T. **A floresta habitada**: história da ocupação humana na Amazônia. Belém: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAZON), 2020.

PIRES MENEZES, M. L. Trabalho e território: as missões católicas no interior do estado do Amazonas, Brasil. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. VI, n. 119, 2002.

PIZARRO, A. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

PIZARRO, A. Áreas culturais na modernidade tardia. *In*: ABDALA JUNIOR, B. **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

RIBEIRO, A. C. S. **Viagens, identidades e travessias**: uma leitura comparada das obras *Relato de certo Oriente*, de Milton Hatoum e *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2013.

RODRIGUES, M. M. S. **Um estudo do discurso memorialista em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2017.

ROCHA, S. N. **Relações sociais no romance Dois Irmãos de Milton Hatoum**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal do Amazonas, 2015.

SANTOS, I. Análise literária de *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum: a busca pela identidade e o conflito familiar. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 14, n. 22, p. 112-125, 2022. Disponível em: [www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/10655](http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/10655). Acesso em: 25 jan. 2023.

SÓFOCLES. **A Trilogia Tebana**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. Mário da Gama Cury. São Paulo: Zahar, 2018.

TRUZZI, O. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – um enfoque comparativo. **Revista Estudos Históricos**, n. 27, p. 110-140, 2001. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2133/1272/0>. Acesso em: 22 abr. 2023.

WELLS, H. G. **A máquina do tempo**. Trad. Braulio Tavares. São Paulo: Alfaguara, 2010.

VON BRUNN, A. Paris-Brasília: racionalismo cartesiano e formas sinuosas em Milton Hatoum. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 48, p. e022009, 2022. DOI: 10.22484/2177-5788.2022v48id4960. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4960>. Acesso em: 30 jan. 2023.